

Ricardo Alberti

**O CARÁTER URBANO DA ARQUITETURA.  
UMA ANÁLISE ENTRE EDIFÍCIO E CIDADE NA REGIÃO  
CENTRAL DE CURITIBA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Juan Antonio Zapatel Pereira de Araújo, Dr.

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alberti, Ricardo

O caráter urbano da arquitetura : uma análise entre edifício e cidade na região central de Curitiba / Ricardo Alberti ; orientador, Juan Antonio Zapatel Pereira de Araújo - Florianópolis, SC, 2016.

298 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

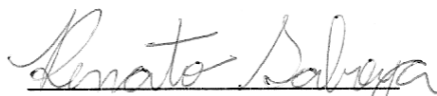
1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Caráter urbano. 3. Edifícios. 4. Corte urbano. 5. Urbanidade. I. Antonio Zapatel Pereira de Araújo, Juan. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.



Ricardo Alberti

**O CARÁTER URBANO DA ARQUITETURA.  
UMA ANÁLISE ENTRE EDIFÍCIO E CIDADE NA REGIÃO  
CENTRAL DE CURITIBA**

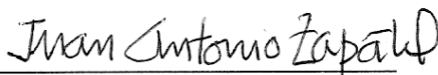
Esta dissertação foi julgada e aprovada perante banca examinadora de trabalho final, outorgando ao aluno o título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PósARQ, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.



Prof. Renato T. de Saboya

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Banca Examinadora:



Prof. Juan Antonio Zapatel

Pereira de Araújo, Dr.

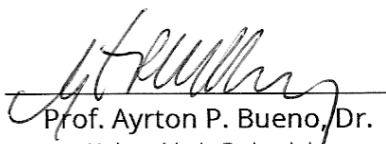
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Prof.ª. Sônia Afonso, Dr.ª.

Universidade Federal de  
Santa Catarina – UFSC



Prof. Ayrton P. Bueno, Dr.

Universidade Federal de  
Santa Catarina – UFSC



Prof.ª. Cleusa de Castro, Dr.ª.

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Florianópolis, 2016



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Prof. Juan Zapatel por sua paciência em me fazer enxergar o caminho a trilhar nesta dissertação. A despeito do rigor metodológico que um trabalho científico deve guardar, foi possível trilhar um caminho muito pessoal, extraído de minha curiosidade científica e experiência profissional, pontos que ele sempre recomendou que fossem tomados como premissas.

À minha família, especialmente minha mãe e irmãos, incondicionalmente presentes.

Aos professores Cleusa de Castro, Sônia Afonso e Ayrton Bueno pela gentileza em aceitar fazer parte da banca e pelas consequentes valiosas contribuições.

Ao Fabio Zuquetto, pelo constante incentivo, opiniões sobre as possibilidades de temas que eu gostaria de discorrer e pela cuidadosa leitura final.

Aos colegas da CASACINCO, pela compreensão de minhas ausências, sem as quais não teria sido possível a conclusão deste trabalho.

À Prof. Maristela Almeida, pelas iluminações proporcionadas durante seu curso.

Aos colegas mestrandos e doutorandos do Pós-ARQ, pelas trocas e amparo mútuo. À secretária do PósARQ, Mariany Souza, pela eficiência na realização de seu trabalho.

Aos clientes e amigos Severo e Lucia Ruppel, pelo apoio em um momento difícil.

À Prof. Zulmara Posse Sauner, pela gentileza em compartilhar seu conhecimento.

Ao CAPES, pelo auxílio financeiro.

Aos que fortuitamente deixei de citar e que de alguma forma contribuíram para a concretização desta pesquisa.



"Há que buscar a urbanidade nas coisas."  
(SOLÀ-MORALES, 2008, p. 146, tradução  
nossa)



# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	11
RESUMO .....	19
ABSTRACT.....	21
APRESENTAÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO .....	29
PROBLEMAS E QUESTÃO DE PESQUISA .....	29
OBJETIVOS E OBJETO DE ESTUDO .....	34
CAPÍTULO 2. CONCEITOS E MÉTODOS EM PROJETO URBANO .....	37
SOLÀ-MORALES E O PROJETO URBANO.....	37
A URBANIDADE E OS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS .....	40
ELEMENTOS DO LOTE URBANO.....	45
A TEMPORALIDADE DA ARQUITETURA DO EDIFÍCIO.....	47
DIVERSIDADE DE USOS .....	55
SIMULTANEIDADE NOS DOMÍNIOS PÚBLICO E PRIVADO.....	56
UMA ANÁLISE DOS ATRIBUTOS DE CIDADE POR SOLÀ-MORALES .....	59
O MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DOS CORTES URBANOS .....	66
CAPÍTULO 3. ESTUDO EMPÍRICO.....	77
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	77
SELEÇÃO DOS EDIFÍCIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	87
ANÁLISE DOS EDIFÍCIOS.....	95
A. PROCURADORIA DA REPÚBLICA.....	95
B. GALERIA LUSTOSA.....	115
C. AGÊNCIA BAMERINDUS .....	137
D. EDIFÍCIO TIJUCAS .....	156
E. EDIFÍCIO ASA .....	176
F. EDIFÍCIO PROVEDOR ANDRÉ DE BARROS .....	201
G. <i>EXECUTIVE CENTER EVEREST</i> .....	220
H. <i>UNIVERSE LIFE SQUARE</i> .....	241

I. <i>EVOLUTION TOWERS</i> .....	264
CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	285
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	293



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Interfaces de divisa em edifício recentemente construído em esquina do centro de Curitiba.....	30
Figura 2. Ilustrações para comercialização de edifícios residenciais em regiões urbanizadas consolidadas de Curitiba, Palhoça e Salvador.....	31
Figura 3. Estação intermodal Leuven .....	34
Figura 4. Limites e planos confrontantes do lote urbano na quadra.....	46
Figura 5. Formas de articulação edifícios / espaço urbano. ....	48
Figura 6. Possíveis formas de articulação entre edifícios e espaço urbano .....	49
Figura 7. Relações intervolumétricas.....	51
Figura 8. Variações de formas de contiguidade entre edifícios .....	52
Figura 9. Variações de formas de intersticialidade entre edifícios ....	53
Figura 10. Relações do edifício com o espaço urbano .....	54
Figura 11. Comparação de plantas dos pavimentos térreos e cortes da Torre Agbar e do Edifício 30, St Mary Axe.....	61
Figura 12. Torre Agbar.....	62
Figura 13. Edifício 30, St. Mary Axe .....	63
Figura 14. Canary Wharf.....	65
Figura 15. Pudong, Xangai.....	65
Figura 16. Cortes urbanos elaborados por Manuel de Solà-Morales em alguns de seus trabalhos.....	68
Figura 17. Quadros da sequência inicial de “Sinfonie der Grosstadt” . .....	71
Figura 18. Quadros da sequência inicial de “Encontros e desencontros” .....	72
Figura 19. Imagens de Every Building on the Sunset Strip .....	73
Figura 20. Cortes urbanos executados através de sucessão de fotografias ao longo de ruas da região central de Curitiba .....	74
Figura 21. Localização do centro de Curitiba.....	79
Figura 22. Planta de Curitiba em 1857 .....	80
Figura 23. Localização do eixo no Centro de Curitiba .....	81
Figura 24. A: Casario colonial da Rua XV de Novembro em 1870 .....	83

Figura 25. Ilustração mostrando a proposta do Plano Massa para implementação de galerias no térreo dos edifícios da Rua XV de Novembro .....	83
Figura 26. Rua XV de Novembro, antes e após o calçamento. ....	84
Figura 27. Rua XV de Novembro .....	84
Figura 28. Rua Comendador Araújo em 1906 .....	85
Figura 29. Aspecto atual de alguns dos casarões que fazem parte do tombamento da Rua Comendador Araújo .....	86
Figura 30. Rua Comendador Araújo .....	86
Figura 31. Planta de situação dos edifícios e posicionamento dos cortes urbanos ao longo do eixo de estudo .....	91
Figura 32. Esquema explicativo do procedimento de análise gráfica sobre o corte urbano .....	93
Figura 33. Procuradoria da República. Planta esquemática do pavimento térreo .....	96
Figura 34. Mosaico fotográfico do edifício da Procuradoria da República .....	97
Figura 35. Horizontalidade do entorno edificado .....	98
Figura 36. Empena cega do edifício vizinho .....	99
Figura 37. Corte urbano A. Análise da temporalidade: relação entre edifícios .....	101
Figura 38. Elementos que avançam sobre a rua .....	102
Figura 39. Terraço descoberto promove situação de continuidade visual das fachadas .....	103
Figura 40. Corte urbano A. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	105
Figura 41. Planta esquemática do pavimento térreo da Procuradoria da República. Análise da diversidade .....	107
Figura 42. Corte urbano A. Análise da diversidade .....	109
Figura 43. Planta esquemática do pavimento térreo da Procuradora da República. Análise da simultaneidade .....	111
Figura 44. Corte urbano A. Análise da simultaneidade .....	113
Figura 45. Galeria Lustosa. Planta esquemática do pavimento térreo .....	116
Figura 46. Mosaico fotográfico do edifício da Galeria Lustosa .....	117
Figura 47. Conjunto de empenas cegas .....	118
Figura 48. Empena cega na lateral do edifício .....	119

Figura 49. Corte urbano B. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	121
Figura 50. Acesso à Galeria Lustosa promove a quebra da continuidade de relações diretas entre edifícios e espaço urbano .....	122
Figura 51. Patamar elevado no acesso à galeria .....	123
Figura 52. Corte urbano B. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	125
Figura 53. Planta esquemática do pavimento térreo da Galeria Lustosa. Análise da diversidade .....	128
Figura 54. Corte urbano B. Análise da diversidade.....	131
Figura 55. Planta esquemática do pavimento térreo da Galeria Lustosa. Análise da simultaneidade .....	133
Figura 56. Corte urbano B. Análise da simultaneidade.....	135
Figura 57. Agência Bamerindus. Plantas esquemáticas dos pavimentos Rua XV de Novembro e Avenida Marechal Floriano Peixoto.....	138
Figura 58. Mosaico fotográfico da Agência Bamerindus.....	139
Figura 59. Quebra de continuidade da galeria do Plano Massa devido a existência de dois edifícios resistentes de idade anterior ....	140
Figura 60. O edifício da Agência Bamerindus não parece traçar relações formais com seu vizinho.....	141
Figura 61. Corte urbano C. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	143
Figura 62. O espaço urbano avança nos limites formais do edifício, apropriando-se de porção do térreo, que incorpora-se visualmente à Rua XV de Novembro .....	145
Figura 63. Corte urbano C. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	147
Figura 64. Plantas esquemáticas da Agência Bamerindus. Análise da diversidade.....	149
Figura 65. Corte urbano C. Análise da diversidade.....	151
Figura 66. Plantas esquemáticas da Agência Bamerindus. Análise da simultaneidade.....	153
Figura 67. Corte urbano C. Análise da simultaneidade.....	155
Figura 68. Edifício Tijucas. Planta esquemática do pavimento térreo .....	158
Figura 69. Mosaico fotográfico do Edifício Tijucas .....	159

Figura 70. Variação de gabarito dos edifícios no trecho analisado.	160
Figura 71. Grande empena cega na face lateral do edifício .....	161
Figura 72. Corte urbano D. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	163
Figura 73. Predomínio de relações diretas entre edifícios e espaço urbano .....	164
Figura 74. A fluidez de acesso e circulação é garantida pela ausência de desníveis no piso.....	165
Figura 75. Corte urbano D. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	167
Figura 76. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Tijucas. Análise da diversidade.....	169
Figura 77. Corte urbano D. Análise da diversidade .....	171
Figura 78. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Tijucas. Análise da simultaneidade. ....	173
Figura 79. Corte urbano D. Análise da simultaneidade. ....	175
Figura 80. Edifício Asa. Plantas esquemáticas dos pavimentos térreo, 2 e 3.....	178
Figura 81. Mosaico fotográfico do Edifício Asa.....	179
Figura 82. Variação de gabarito dos edifícios no trecho analisado.	180
Figura 83. Grande empena cega na face lateral do edifício. ....	181
Figura 84. Corte urbano E. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	183
Figura 85. A quebra de relação direta entre edifícios e espaço urbano se dá por situações de edifícios com esquema compositivo torre/embasamento .....	184
Figura 86. Relação das galerias superiores com o espaço urbano..	185
Figura 87. Corte urbano E. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	187
Figura 88. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Asa. Análise da diversidade.....	190
Figura 89. Planta esquemática pavimentos 2 e 3 do Edifício Asa. Análise da diversidade.....	191
Figura 90. Corte urbano E. Análise da diversidade .....	193
Figura 91. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Asa. Análise da simultaneidade .....	196
Figura 92. Planta esquemática dos pavimentos 2 e 3 do Edifício Asa. Análise da simultaneidade .....	197

Figura 93. Corte urbano E. Análise da simultaneidade .....	199
Figura 94. Edifício Provedor André de Barros. Plantas esquemáticas dos pavimentos térreo e 2 .....	202
Figura 95. Mosaico fotográfico do Edifício Provedor André de Barros .....	203
Figura 96. Destaque volumétrico do edifício no estorno analisado. ....	205
Figura 97. Corte urbano F. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	207
Figura 98. Esquina em chanfro amplia espaço de circulação urbana .....	209
Figura 99. Galeria comercial superior funciona como terraço voltado à Praça General Osório.....	209
Figura 100. Corte urbano F. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	211
Figura 101. Planta esquemática do Edifício Provedor André de Barros para análise da diversidade .....	213
Figura 102. Corte urbano F. Análise da diversidade.....	215
Figura 103. Planta esquemática do Edifício Provedor André de Barros para análise da simultaneidade .....	217
Figura 104. Corte urbano F. Análise da simultaneidade .....	219
Figura 105. <i>Executive Center Everest</i> . Planta esquemática do pavimento térreo .....	222
Figura 106. Mosaico fotográfico do <i>Executive Center Everest</i> .....	223
Figura 107. Empenas cegas nas divisas dos lotes.....	224
Figura 108. Empenas cegas nos edifícios vizinhos proporcionadas pelo baixo gabarito do embasamento .....	225
Figura 109. Corte urbano G. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	227
Figura 110. Pórticos cobertos integrados ao espaço urbano no pavimento térreo de edifícios.....	228
Figura 111. A laje de cobertura do embasamento do edifício não apresenta uso .....	229
Figura 112. Corte urbano G. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	231
Figura 113. Planta esquemática do <i>Executive Center Everest</i> para análise da diversidade .....	233
Figura 114. Corte urbano G. Análise da diversidade .....	235

Figura 115. Planta esquemática do <i>Executive Center Everest</i> para análise da simultaneidade. ....	237
Figura 116. Corte urbano G. Análise da simultaneidade. ....	239
Figura 117. <i>Universe Life Square</i> . Planta esquemática dos pavimentos Rua Comendador Araújo e Rua Visconde do Rio Branco.....	242
Figura 118. Mosaico fotográfico do <i>Universe Life Square</i> .....	243
Figura 119. Espaços intersticiais entre edifícios.....	244
Figura 120. Alinhamento de gabaritos entre edifício vizinho e parte do <i>Universe Life Square</i> .....	245
Figura 121. Corte urbano H. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	247
Figura 122. Relação da praça de acesso superior com a rua. ....	249
Figura 123. Corte urbano H. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	251
Figura 124. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Comendador Araújo do <i>Universe Life Square</i> . Análise da diversidade.....	254
Figura 125. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Visconde do Rio Branco do <i>Universe Life Square</i> . Análise da diversidade .....	255
Figura 126. Corte urbano H. Análise da diversidade .....	257
Figura 127. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Comendador Araújo do <i>Universe Life Square</i> . Análise da simultaneidade.....	260
Figura 128. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Visconde do Rio Branco do <i>Universe Life Square</i> . Análise da simultaneidade.....	261
Figura 129. Corte urbano H. Análise da simultaneidade .....	263
Figura 130. <i>Evolution Towers</i> . Planta esquemática do pavimento térreo. ....	266
Figura 131. Mosaico fotográfico do <i>Evolution Towers</i> .....	267
Figura 132. Destaque do <i>Evolution Towers</i> como um edifício isolado no lote.....	269
Figura 133. As empenas cegas dos edifícios vizinhos existentes ganham evidência pela falta de tratamento ou integração com os novos volumes edificadas.....	269
Figura 134. Corte urbano I. Análise da temporalidade: relação entre edifícios.....	271

Figura 135. Pontos de descontinuidade na ocupação homogênea da quadra .....	272
Figura 136. Corte urbano I. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano .....	275
Figura 137. Planta esquemática do pavimento térreo do <i>Evolution Towers</i> . Análise da diversidade .....	277
Figura 138. Corte urbano I. Análise da diversidade.....	279
Figura 139. Planta esquemática do pavimento térreo do <i>Evolution Towers</i> Análise da simultaneidade .....	281
Figura 140. Corte urbano I. Análise da simultaneidade. ....	283





## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal o de estudar edifícios em entorno urbano consolidado de modo a reconhecer características urbanas através de seus elementos formais. Partindo da constatação da existência de pensamentos e posturas profissionais no campo do projeto em arquitetura que tomam edifício e espaço urbano como entidades que não necessariamente estabelecem relações físicas entre si, propõe um conjunto de análises em nove edifícios e entorno imediato localizados no centro de Curitiba.

O aporte teórico-metodológico da pesquisa apoia-se nas ideias do arquiteto Manuel de Solà-Morales: o conceito de urbanidade material e o método dos cortes urbanos. A urbanidade material pressupõe o atendimento aos atributos de cidade de temporalidade dos edifícios, diversidade e simultaneidade nos domínios público e privado. A metodologia do corte urbano, que ao propor o traçado de seções ao longo de eixos viários voltadas para a fachada dos edifícios, constitui-se como um mecanismo híbrido de leitura do sítio e representação do objeto arquitetônico.

O critério de seleção dos edifícios apoia-se em suas qualidades urbanas *a priori* constatadas, que ao longo do trabalho de análise vão sendo confirmadas através da comparação de seus elementos físicos com critérios selecionados para esse fim. Constata-se através das análises que o conjunto de edifícios selecionados apresenta características urbanas representativas, podendo ser tomados como referencial para novos projetos em situações de inserção urbana similares.

**Palavras-chave:** Caráter Urbano. Edifícios. Corte Urbano.



## ABSTRACT

This work aims to study buildings in consolidated urban surroundings to recognize some of their urban characteristics through their formal elements. Concerning the problems of design architecture field, it starts from the finding of thoughts and professional attitudes that regard buildings and urban space as entities that do not establish physical relations between themselves. In this context, the study proposes a set of analyzes in nine buildings situated in the central region of Curitiba.

The ideas of the Catalan architect Manuel de Solà-Morales support the theoretical and methodological scope of the research. Both his concept of material urbanity and his method of urban sections are explored. The material urbanity requires the attention to three city attributes: temporality, diversity and simultaneity in the public and private spatial domains. The methodological tool of urban sections, which proposes large sections along streets, showing the facade of buildings, is considered as a read-hybrid engine of the building site and representation of the architectural object.

The selection of the buildings is based on its urban qualities previously noticed. The analysis confirms some building urban characteristics by comparing them with a range of physical criteria. It was found through the analysis that the set of selected buildings presents representative urban characteristics and can be taken as a reference for new projects in similar urban situations.

**Keywords:** Urban Character. Buildings. Urban Sections.



## APRESENTAÇÃO

O campo de atuação da arquitetura e do urbanismo enquanto ofícios dedica-se à resolução de problemas de ordem prática relacionados à organização dos espaços para o desenvolvimento de diferentes tipos de atividades humanas.

Se nos dedicássemos à tarefa de elencar os problemas passíveis de solução através da arquitetura e do urbanismo, constataríamos que grande parte deles estão relacionados a ambas as disciplinas. O objeto arquitetônico tem natureza imóvel, estando ele portanto arraigado ao local onde se insere. Portanto não existe obra arquitetônica sem um contexto, seja ele urbano ou natural. Por outro lado, a cidade só parece fazer sentido com a presença de edifícios. Nestes temos, podemos considerar que a arquitetura presente nas cidades está imbricada com o urbanismo.

Neste estudo, proponho direcionar o foco para um tipo de problema cuja solução é amplamente requisitada aos arquitetos, mas que com frequência não é levada a bom termo pelo fato de nem sempre admitir a transdisciplinaridade entre os conhecimentos da arquitetura e do urbanismo: a concepção do projeto do edifício nos centros urbanos de nossas cidades.

Acredito que minha experiência em anos de prática profissional, dedicada à busca de soluções para problemas arquitetônicos, possa impulsionar uma pesquisa que possa contribuir para a prática do projeto de arquitetura no contexto urbano. Julgo ser válido apresentar este trabalho discorrendo sobre algumas impressões advindas dessa experiência no período de tempo que vai da conclusão de meus estudos de graduação até o recente momento de exercício da atividade profissional, transitando pela docência. Ao expor essas impressões, acredito que possa esclarecer a motivação pessoal que conduziu à proposição desta pesquisa.

O trabalho de conclusão de curso em qualquer nível educacional, mais do que uma exigência curricular, parece constituir-se em uma oportunidade para que o aluno possa aplicar a maior parte do conteúdo apreendido ao longo do curso. Acredito que a orientação na escolha desse tema deveria ser conduzida de modo que o proponente se habilitasse em apresentar um produto passível de avaliação de sua capacidade de síntese e interpretação de assuntos abrangentes e relevantes apreendidos ao longo do curso.

Ao abrir o episódio de minha experiência pessoal com relação ao TCC, recordo haver sido orientado no sentido de selecionar um problema real passível de solução pela arquitetura e urbanismo, de modo indiferenciado. Partindo da escolha de uma área situada na Região Metropolitana de Curitiba resultante de um longo e extensivo processo de degradação ambiental através do extrativismo mineral, foi desenvolvida uma pesquisa para buscar vocações para o sítio. A definição do tema do projeto resultou dessa investigação que abrangia a análise e interpretação dos mais diversos dados sócio-espaciais representativos da problemática encontrada no local. O resultado foi um trabalho que permitiu a construção de um discurso de maior apropriação prática e consistência científica. O projeto abraçou não só a arquitetura do edifício, como também tópicos de planejamento de paisagem, desenho urbano e planejamento regional, tendo sido posteriormente laureado em um concurso nacional de trabalhos de conclusão de curso (ALBERTI, 1999).

A prática de projetos acadêmicos que compreende o desenvolvimento de temas cujo foco se direciona a soluções programáticas (escola, hotel, hospital), técnicas (edifício em estrutura metálica, em madeira) ou formais (edifício resultante da manipulação de um cubo, edifício com matriz modular), inegavelmente apresenta sua utilidade didática ao expor o aluno a problemas fundamentais para a solução

arquitetônica. Entretanto, vejo que não deva ser o único método de ensino de projeto. Parece apropriado que o aluno seja também exposto a demandas reais que possam ser resolvidas com a arquitetura e o urbanismo de modo indiferenciado, como por exemplo, escolher um território e ao analisá-lo, descobrir a vocação que o mesmo apresenta para a intervenção arquitetônica.

Ao contrário, se tomarmos o edifício a ser resolvido como um objeto arquitetônico, uma caixa isolada, deixando em segundo plano as variáveis apresentadas pelo local de inserção, podemos estar incorrendo em uma espécie de segregação conceitual entre o que constitui a arquitetura do edifício e o meio onde este se insere. Esta segregação entre é um tema que sempre me inquietou, ora motivando esta pesquisa.

Em minha experiência na docência, sempre julguei importante expor o aluno à métodos de projeto que permitam a leitura e interpretação dos espaço urbano e dos objetos arquitetônicos preexistentes e suas interações físicas com o lugar onde o novo projeto se inserirá, ou seja, analisar e assimilar a situação existente antes de agir. Desse modo, o projeto de arquitetura transcende à mera solução do problema específico do edifício, tornando-se em um agente de intervenção no meio existente. Acredito que um desses métodos possa compreender técnicas de observação do entorno do local onde o objeto será inserido associadas à análise e interpretação dos dados. A geração de conhecimento advindo desse processo metodológico pode contribuir positivamente para o escopo da concepção do projeto.

A proposição de novos projetos em ambientes consolidados onde a ação do tempo se faz visível constitui-se em uma oportunidade de trabalhar as novas formas arquitetônicas a partir de uma realidade que necessita ser

rememorada. Admitir a memória da cidade como pressuposto para o novo projeto, inclui a reinterpretação do lugar onde este se inserirá através da análise dos tempos em que os edifícios são construídos.

A ideia de análise do entorno através de técnicas de observação foi inspirada por uma audição a uma palestra do historiador em arquitetura e urbanismo Joseph Rykwert, que estivera no país divulgando seu livro "A sedução do lugar" (RYKWERT, 2004). Nessa ocasião, o pesquisador abordou entre outros temas, a heterogeneidade com que as formas participam do espaço das cidades e o quanto o resultado dessas diferenças pode ser mais interessante do que o resultado proveniente do pensamento regulador que formou a cidade racional modernista. Isso dentro de uma temática que tinha como cerne a discussão do futuro da cidade do século XXI.

A despeito do tema central da palestra, instigou-me a postura do autor em enxergar o edifício como parte indissociável da cidade, e não como objeto isolado inserido em um lote. As relações entre edifício e cidade passaram a ser alvo de meus interesses, tanto no campo acadêmico como no profissional. Procurei assumir uma postura crítica de observação e análise do local para a proposição de projetos em áreas urbanas. Adquiri o hábito de observar a cidade, como que num exercício livre de pesquisa, atentando às relações formais entre a arquitetura do edifício e o espaço urbano, especialmente no âmbito da ocupação dos lotes urbanos com entorno já consolidado.

Sempre me instigaram as possibilidades de uso edificado que lotes urbanos abrem, especialmente nas áreas de entorno consolidado, como os centros das grandes cidades. Enxergo que a tarefa de projeto no lote urbano assim definido constitui-se em uma oportunidade de praticar a arquitetura com um grau de complexidade e implicações que



vão além das questões programáticas e funcionais do edifício. Vejo que os edifícios que ocupam o lote urbano fazem parte da totalidade do espaço urbano, e que desejavelmente deveriam ser projetados como tal. Através de edifícios selecionados conformados em lotes urbanos, vislumbro possibilidades de pesquisa de relações entre arquitetura e cidade a serem exploradas por este trabalho.

O modo de ocupação edilícia das cidades de origem portuguesa caracterizou-se inicialmente pelo agrupamento sequencial de edifícios individuais que ao compartilharem suas paredes laterais iam conformando quadras e ruas, gerando uma paisagem de continuidade construída (REIS FILHO, 2013). Muitos dos centros históricos de nossas cidades ainda guardam trechos remanescentes dessa natureza de ocupação. Se observarmos uma quadra urbana com esse tipo de ocupação tradicional, podemos constatar que as diferenças de cada edifício se mostram mais evidentes em suas divisas laterais: diferenças de altura das edificações, grau de alinhamento de aberturas, diferenças nas formas das coberturas entre outros. Outro tipo de relação que podemos observar em situações de continuidade construída é o modo como cada edifício se articula com o espaço urbano em cada um de seus pavimentos: a localização e forma do acesso, a presença de vitrinas, a existência de espaços de uso coletivo nos domínios do lote, entre outros.

A partir da observação das soluções de projeto tomadas para cada edifício individualmente, em suas relações com seus confrontantes e com o espaço público da rua, prece ser possível tirar conclusões acerca de suas qualidades urbanas.

Diante destas considerações, propomos a hipótese de que a observação e análise das relações físicas entre edifícios *a priori* significativos em suas qualidades urbanas e seu entorno podem contribuir para a formação de um escopo adequado para o processo de criação de novos projetos de

edifícios de elevado caráter urbano. O estudo da articulação entre edifício e espaço urbano poderia resultar em instrumentos de projeto que pudessem ressaltar características urbanas do objeto arquitetônico. O edifício que atendesse a esse escopo, poderia contribuir para o estabelecimento da urbanidade.

A pesquisa de métodos de análise realizada na pós-graduação, conduziu ao contato com as ideias do professor catalão Manuel de Solà-Morales, cuja atuação teórica e prática em arquitetura e urbanismo através do projeto urbano mostra profundidade no trato das relações entre arquitetura, infraestrutura e espaço urbano. Julgamos que sua visão de urbanidade material, bem como seu método de análise do espaço construído através de cortes ao longo de eixos urbanos, parecem mostrarem-se adequados para balizar a fundamentação teórico-metodológica deste estudo.

Este trabalho estrutura-se a partir da constatação de alguns problemas que podem ser observados no processo de materialização da cidade através do edifício. A busca de resposta à questão de pesquisa originada da reflexão desses problemas promove a sistematização de um método analítico, que aplicado em estudos de edifícios representativos em seu caráter urbano, busca apontar subsídios para o projeto de edifícios em lotes urbanos com entorno consolidado.

Sabemos que as características formais das cidades estão condicionadas à atenção às regras e normas de utilização do solo urbano promovidas pelo instrumento legal do plano diretor. Neste trabalho, entretanto, fez-se a opção de focar as manifestações formais da ocupação do lote urbano por parte dos objetos edificadas, independentemente de estes adequarem-se ou não aos marcos legais que regem o uso do solo urbano.

# CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

## PROBLEMAS E QUESTÃO DE PESQUISA

Levar em conta suas relações com espaço urbano ao projetar o edifício poderia ser uma das principais linhas condutoras do trabalho de todo arquiteto que se depara com a atividade de conceber arquitetura nas cidades.

Entretanto, nem sempre constatamos que as oportunidades de projeto de edificações em centros urbanos, especialmente naqueles em cidades com urbanização consolidada, são levadas a esse termo. Frequentemente nos deparamos com edifícios projetados como se fossem objetos isolados que ignoram as preexistências e a complexidade do entorno, não promovendo relações entre suas partes e o espaço urbano.

O exercício de observação da cidade através das interfaces entre os edifícios e entre edifícios e espaço urbano nos mostra situações de edificações que parecem ter sido implantadas em seus lotes de modo autista, gerando evidências físicas de sua falta de articulação com os objetos existentes (Figura 1).

Em seu estudo sobre a conformação de espaços livres originados por edificações, o arquiteto Lucas Fehr (1999, p. 229) conclui que é papel do arquiteto, “durante o percurso de seus projetos identificar, analisar, propor e justificar, de modo contundente e convincente, a forma [de inserção da edificação do espaço urbano] mais apropriada a cada caso”. Para o autor, o arquiteto não pode negligenciar o espaço urbano na concepção de seu projeto de arquitetura.



Figura 1. Interfaces de divisa em edifício recentemente construído em esquina do centro de Curitiba. Observa-se que a falta de tratamento formal nas áreas livres remanescentes do desalinhamento entre as edificações, construídas em tempos diferentes, gera interferências como uma empena cega. Acervo do autor, 2016.

Certamente, as definições profissionais do arquiteto não provêm unicamente de seu julgamento individual. O trabalho do arquiteto tem como condicionantes fatores tais como o cumprimento do programa de uso do edifício, a disponibilidade de recursos, as limitações das tecnologias construtivas, a atenção aos instrumentos legais para uso do solo, a dinâmica do mercado imobiliário, apenas para citar alguns.

O arquiteto Tadao Ando (2008, p. 495) enfatiza que “na sociedade contemporânea, a arquitetura é condicionada por fatores econômicos e na maioria das vezes governada pela padronização e mediocridade”. De fato, constantemente nos deparamos com edifícios produzidos para atender exclusivamente a tais fatores, gerando produtos com parcas relações com o espaço urbano.

O material gráfico produzido para a comercialização de edifícios, frequentemente toma a edificação como um objeto isolado, graficamente representado de forma descontextualizada, sequer apresentando o entorno imediato onde se insere, quando não apresentando um entorno imaginário, fictício e idealizado (Figura 2).



Figura 2. Ilustrações para comercialização de edifícios residenciais em regiões urbanizadas consolidadas de Curitiba, Palhoça e Salvador. Os projetos são representados sem a preocupação em mostrar sua inserção no espaço urbano. Os vizinhos confrontantes são suprimidos como se o edifício ocupasse um lote em quadra vazia. Disponíveis em Tecnisa (2014), AM Construções (2014) e Rossi Residencial (2016).

Tais evidências ilustram propostas de edifícios que, se não foram concebidos sem a devida atenção ao seu entorno urbano, são representados como tal.

Há a necessidade de que coloquemos em pauta as posturas que conduzem a essa prática posto que boas oportunidades de construção da cidade através do projeto do edifício são mal conduzidas em detrimento ao atendimento exclusivo de fatores mercadológicos, pois, como bem critica (PANERAI *et al.*, 2013, p. 201) “os empreiteiros ou agências públicas já não se mostram preocupados com o ambiente urbano”.

Conceber edifícios nos centros urbanos é uma tarefa na qual se deve levar em consideração a complexidade do entorno onde o edifício se insere. De acordo com o autor,

os projetos [de edifícios] deverão ser implantados nos locais certos, dentro das escalas relacionadas entre si, típicas de cada cidade, adotando valores urbanos (muitas vezes pouco ou mal especificados nos programas) que se relacionam com o terreno e a situação (PANERAI *et al.*, 2013, p. 209)

Os valores urbanos a que o autor se refere, parecem não fazer parte do programa de muitos dos projetos

concebidos nos centros urbanos de nossas cidades. As questões normativas estabelecidas pelos Planos Diretores, que influenciam diretamente na forma dos edifícios, muitas vezes acabam tornando-se preponderantes no projeto do edifício.

O projeto do edifício em locais com entorno urbano consolidado necessita ser tomado como uma intervenção de maior abrangência que a mera solução de um problema arquitetônico com suas especificidades, inclusive as de caráter normativo. O edifício deveria ser concebido, levando-se em consideração sua contribuição para a urbanidade.

O conhecimento humano conduz o conceito de urbanidade<sup>1</sup> para diversos caminhos. Dentre as diversas contribuições das ciências sociais, tomemos aqui, os conceitos que tomam a urbanidade com foco no aporte material. Propomos explorar o conceito de urbanidade advindo de tudo aquilo que é proporcionado pelo conteúdo material das cidades, como sendo uma condição das “coisas urbanas”, ou seja, dos objetos construídos da cidade, ainda que o aporte comportamental e suas relações com a materialidade seja fundamental para a consolidação dos espaços urbanos. Referimo-nos àquela urbanidade que nos permite atribuir a um edifício a condição de “ente urbano”, que autores como Manuel de Solà-Morales<sup>2</sup> (2008, p. 146) teorizam.

---

1 O livro “Urbanidades”, organizado por Douglas Aguiar e Vinícius M. Netto (NETTO, V. M.; AGUIAR, D. (org.). Urbanidades. Rio de Janeiro: Folio Digital Letra e Imagem, 2012) reúne uma série de textos que exploram o tema. A leitura mostra que diversos autores deparam-se com a dificuldade em enquadrar o conceito de urbanidade face ao contexto atual da cidade contemporânea.

<sup>2</sup> Tendo atuado na *Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona* (ETSAB) e com uma atividade acadêmica e profissional profícuas e uma vasta produção científica, o arquiteto catalão Manuel de Solà-Morales (1939–2012) fundou o *Laboratori d'Urbanisme de Barcelona* (LUB), contribuindo para o desenvolvimento de grandes avanços para a formação de uma cultura de projeto urbano, criando novos conceitos e introduzindo práticas inovadoras para a transformação do desenho urbano na Europa.

Parece ser evidente, face ao exposto, que muitos arquitetos negligenciem os atributos que corroboram para o estabelecimento da urbanidade, na concepção de seus projetos de edifícios. Julgamos ser de fundamental importância a identificação desses atributos para a concepção de edifícios inseridos em condições urbanas consolidadas.

Um caminho possível é aquele no qual o arquiteto poderia considerar todo e qualquer projeto de edifício como sendo um projeto urbano, atento não só às soluções inerentes ao objeto edificado mas a suas relações físicas com o espaço urbano e entorno edificado. Segundo Solà-Morales (2008), o projeto urbano é uma disciplina que tem abrangência transversal à cidade tomando edifício e elementos do espaço urbano em um só círculo de estudos (Figura 3). O projeto urbano não trata apenas da infraestrutura urbana, mas também de sua articulação com o edifício.

Entretanto, observa-se que no contexto brasileiro, o campo de atuação da disciplina de projeto urbano é pontuado por diversidade de entendimento, o que de certo modo prejudica a delimitação de seu arco de abrangência. A terminologia “projeto urbano” não raras vezes é confundida com planejamento urbano, desenho urbano, ou grandes projetos urbanos.

Observa-se a necessidade de definição da abrangência e clarificação do potencial que pensamentos contemporâneos em projeto urbano podem oferecer para a proposição do edifício no meio urbano, o que pode ser objetivado através do estudo de conceitos de urbanidade e aplicação de métodos propostos por Solà-Morales.

Face à problemática apresentada, propõe-se a seguinte questão a ser explorada pelo presente trabalho: que aspectos devem ser levados em conta para que a arquitetura do

edifício individualizado em seu lote tenha características urbanas?

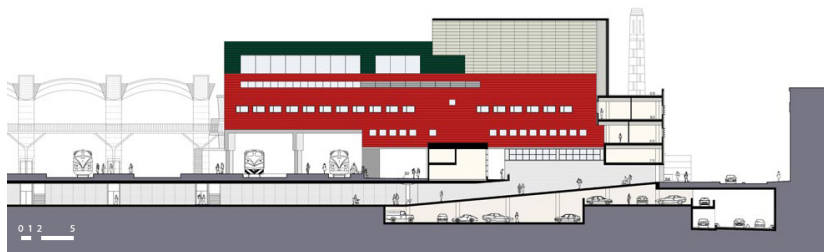


Figura 3. Estação intermodal Leuven, Bélgica, de Manuel de Solà-Morales, 1999. O corte mostra a complexidade de fluxos em vários níveis organizados a partir do edifício que abriga as atividades da estação. Observa-se ao fundo a representação de parte do edifício existente, objeto de intervenção recente. Disponível em Solà-Morales (2008, p. 96).

Face à problemática apresentada, propõe-se a seguinte questão a ser explorada pelo presente trabalho: que aspectos devem ser levados em conta para que a arquitetura do edifício individualizado em seu lote tenha características urbanas?

Esta pergunta conduz à elaboração da seguinte hipótese de trabalho: o estudo de aspectos de urbanidade relacionados à forma urbana em edifícios representativos ocupantes de lotes em um entorno urbano consolidado pode proporcionar visões que podem contribuir para a proposição ou qualificação de novos edifícios nos centros urbanos.

## OBJETIVOS E OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho tem como objetivo geral o de estudar edifícios em entorno urbano consolidado de modo a reconhecer suas características urbanas através de seus elementos formais e de sua inserção no entorno.

Para tanto, escolheu-se como objeto de estudo, um conjunto de edifícios situados ao longo de um significativo



eixo urbano de pedestres do centro da capital paranaense: a porção calçada da Rua XV de Novembro até o trecho inicial da Rua Comendador Araújo.

Os objetivos específicos são:

- utilizar conceitos e métodos em projeto urbano propostos por Manuel de Solà-Morales como norteadores para o estudo do caráter urbano da arquitetura;
- analisar aspectos da urbanidade material proposta por Solà-Morales em nove edifícios construídos nos últimos 80 anos em lotes urbanos situados ao longo do eixo central de Curitiba caracterizado pela Rua XV de Novembro;
- reconhecer atributos de urbanidade aplicáveis a projetos de edifícios em locais de contexto urbano consolidado.



## CAPÍTULO 2. CONCEITOS E MÉTODOS EM PROJETO URBANO

A conceituação deste trabalho contempla a seleção de dois conjuntos de ideias estabelecidos por Manuel de Solà-Morales: a urbanidade material e o método de leitura do espaço construído através dos cortes urbanos. Sendo tais ideias presentes em sua produção prática e teórica, o aporte a tal referencial pretende circunscrever esta pesquisa no campo do projeto urbano.

Inicialmente buscamos esclarecer o conceito de projeto urbano, partindo para interpretação de conceitos contemporâneos de urbanidade estabelecidos por diversos autores além de Solà-Morales. Dentre esses conceitos, elegemos a urbanidade material que se embasa na tríade de atributos de cidade necessários para seu estabelecimento: temporalidade, diversidade e simultaneidade.

Após uma breve caracterização do lote urbano, unidade na qual os objetos deste estudo se inserem, partimos para a exploração dos atributos de cidade propostos por Solà-Morales exemplificando sua aplicação.

A conceituação desse trabalho é finalizada com exploração método de cortes urbanos utilizado por Solà-Morales, proposto neste estudo como o instrumento de leitura do espaço construído e suporte das análises dos atributos de cidade para a urbanidade material.

### SOLÀ-MORALES E O PROJETO URBANO

Inicialmente, julga-se importante clarificar qual seria o objeto de investigação da disciplina do projeto urbano bem como apontar a maneira com que esta disciplina circunscreve arquitetura e urbanismo em um único campo de estudo.

Constatamos que as ideias sobre edifício e cidade estabelecidas pelo arquiteto catalão Manuel de Solà-Morales, cuja produção se desenvolveu no final do séc. XX e cuja contribuição para o estudo da cidade contemporânea se mostra de grande relevância conceitual e metodológica, parecem ser pouco exploradas no contexto brasileiro.

Ainda que grande parte de sua produção teórico-conceitual e prática assente-se na cidade de Barcelona, o autor é capaz de sintetizar visões universais de projeto urbano que podem ser aportadas para contextos de outras grandes cidades.

Ao propormos o aporte de conceitos estabelecidos em um contexto europeu para nossa realidade latino-americana, nos deparamos com o problema de que a definição do termo “projeto urbano” parece ser comumente acometida de uma diversidade de entendimentos. No Brasil, observa-se correntemente que o termo “projeto urbano” parece não corresponder com precisão ao ramo do conhecimento que gostaríamos de trilhar nesta pesquisa. Nota-se que, a área de abrangência de estudos do projeto urbano não raras vezes é entendida como sendo aquela coberta pela disciplina de desenho urbano. Há autores (NOVAK, 2006) que afirmam que a área de atuação de desenho urbano e projeto urbano é a mesma, sendo que a diferença nas terminologias corresponderia a uma questão de ordem geográfica, onde desenho urbano (*urban design*) seria o termo usado nos Estados Unidos e Grã-Bretanha para o mesmo campo de estudos que o resto da Europa denomina projeto urbano (*projecto urbano*, *progetto urbano*, *project urbain*).

Ainda, encontramos o uso do termo “projeto urbano” entre aqueles que se dedicam a estudar o tema dos “grandes projetos urbanos”, área bastante específica que se concentra em estudos e projetos de parcerias entre poderes público e

privado em áreas subutilizadas ou degradadas (ULTRAMARI; ZAITTER, 2010).

Entretanto, a linha de estudo do projeto urbano que gostaríamos de trilhar parece ser sensivelmente diversa daquela frequentemente associada por esses autores.

Grande parte das ideias urbanísticas da atualidade está enraizada no pensamento dinamizado nos anos 70 e 80 por autores como Aldo Rossi e Carlo Aymonino<sup>3</sup> que tomaram a arquitetura do edifício como elemento primordial na formação da cidade. Joan Busquets afirma que esse pensamento vem influenciando a visão de nossas cidades no século XXI, considerando as ideias de Manuel de Solà-Morales como fundamentadoras do pensamento urbanístico contemporâneo (BUSQUETS, 2013).

Ao apresentar uma palestra em um simpósio organizado pela Universidade de Harvard, Busquets (2013) sintetiza o direcionamento de trabalho de Solà-Morales, oferecendo um panorama de sua visão conceitual e metodológica. Dentre os pontos relacionados no simpósio, identificamos duas ideias que fundamentam este trabalho de pesquisa:

- a aplicação de conceitos e métodos inovadores no estudo de obras de arquitetura, pode demonstrar o potencial que a disciplina do projeto urbano apresenta para a prática da arquitetura na cidade;

- a capacidade que o desenho em sua forma de representação gráfica carrega como ferramenta de leitura do espaço urbano e arquitetura do edifício.

Tais assertivas subsidiam a escolha dos conceitos e métodos em projeto urbano estabelecidos por Solà-Morales

---

<sup>3</sup> ROSSI, A. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001; AYMONINO, C. O significado das cidades. Editorial Presença: Lisboa, 1984.

que são explorados por este estudo: a urbanidade material, que toma os atributos de cidade de temporalidade, diversidade e simultaneidade como necessários para seu estabelecimento e o método de cortes urbanos, cuja representação gráfica do entorno existente se mostra eficaz para a leitura do espaço construído.

Solà-Morales (2008) contextualiza que a formalização dos estudos relacionados ao projeto urbano ocorre na Europa como um modo de intervir na cidade de maneira diversa daquela guiada pelos preceitos da arquitetura funcionalista.

Trabalhar com projeto urbano é partir da geografia da cidade dada, de suas demandas e sugestões e introduzir na arquitetura elementos de linguagem que deem forma ao lugar. Trabalhar a partir do projeto urbano é confiar mais na complexidade da obra a ser feita do que na simplificação racional da estrutura urbana. (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 202, tradução nossa).

A visão em projeto urbano assim estabelecida toma os valores dos objetos existentes na cidade como uma clara oposição ao pensamento modernista.

O campo de atuação do projeto urbano tem abrangência transversal à cidade e ao edifício, constituindo-se em uma nova cultura do modo de se pensar o projeto da cidade, edifício e infraestrutura urbana, envolvendo a materialização da arquitetura (SOLÀ-MORALES, 2008).

## A URBANIDADE E OS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

Ao admitirmos como hipótese deste estudo que aspectos de urbanidade podem ser alcançados através da forma com que o edifício ocupa seu lote urbano e relaciona-se com o entorno, parece-nos importante que exploremos

conceitos de urbanidade relacionados às configurações físicas que os edifícios podem assumir.

O termo urbanidade pode referir-se tanto à qualidade daquilo que apresenta-se como urbano, ou seja, próprio da cidade, quanto àqueles comportamentos humanos que compreendem civilidade, afabilidade, cortesia (FERREIRA, 2010). Do amplo leque de acepções a que o termo pode se referir, interessa para este estudo conceitos que relacionam a urbanidade às formas edificadas das cidades.

A urbanidade relacionada a aspectos de ordem física e espacial é tema explorado por diversos autores.

Holanda (2010) classifica a urbanidade em arquitetônica e social. Para o autor, a urbanidade arquitetônica relaciona-se a atributos de lugar, ou seja, pode condicionar-se a determinadas características físicas estabelecidas entre edifícios e espaço público.

Para seu florescimento a urbanidade precisa de uma arquitetura com determinados atributos: espaço público bem definido, forte contiguidade entre edifícios, frágeis fronteiras entre espaço interno e externo, continuidade e alta densidade do tecido urbano etc. (HOLANDA, 2010, p. 1).

Além de atributos específicos com relação à configuração do lugar, o autor identifica a necessidade da atenção simultânea a aspectos de modo de vida do usuário e o estabelecimento de relações entre eles (HOLANDA, 2010). Percebe-se que, mesmo admitindo que a urbanidade tenha um viés arquitetônico, onde o aporte material é fator preponderante, o autor não deixa de fundamentá-la em termos do comportamento humano.

Oliveira e Silva (2013), analogamente a Holanda (2010), circunscrevem o conceito de urbanidade nas dimensões espaciais e sociais. A urbanidade espacial, para os autores, é

fornecida pelo ambiente urbano através de elementos de forma e pode ser alcançada atendendo-se a elevados níveis de acessibilidade, densidade, diversidade e continuidade espacial dos elementos rua, lote e edifício.

Os autores Netto e Krafta (2009) identificam um conjunto de decisões arquitetônicas a serem consideradas em práticas de projeto acadêmicas e profissionais de modo ao estabelecimento da urbanidade. Estas decisões incluem a necessidade de evitar espaços abertos, residuais e de pouca apropriação, de prover maior número de portas abrindo para lugares públicos, de minimizar espaços segregados (tanto no centro como na periferia) e reduzidos a guetos, (becos sem saída e condomínios fechados), além de privilegiar a configuração de efeitos panópticos (pelos quais tudo se vê e se vigia).

Além disso, os autores elencam uma série de elementos arquitetônicos que deve fazer parte da configuração e implantação do edifício, buscando como qualidades a continuidade de fachadas com aberturas; densidade arquitetônica, não necessariamente através de altura; pluralidade de usos dos edifícios e da rua; atividade comercial no pavimento térreo das edificações, quando houver demanda e possibilidade (NETTO; KRAFTA, 2009).

Krafta (2012) introduz o conceito de urbanidade da forma, atribuindo aos elementos físicos da cidade como sendo coadjuvantes na interação humana com o ambiente urbano. Para o autor, a cidade se constrói através dessa interação ao longo do tempo, constituindo-se assim, a urbanidade em uma evidência “petrificada”.

Ao admitir o tempo em sua composição, o autor identifica três possibilidades de construção da urbanidade, considerando que o espaço urbano constitui-se de inserções diacrônicas de objetos edificados. Na primeira possibilidade, o objeto se inseriria no espaço urbano seguindo regras



preexistentes e respeitando o contexto estabelecido de modo a obter-se a homogeneidade e continuidade. Na segunda, “a urbanidade da forma pode ser expressa através da inserção sucessiva de objetos, formando uma diversidade de domínios locais homogêneos”. Na terceira possibilidade, a urbanidade da forma se manifestaria através de inserções que alteram o contexto estabelecido, constituindo-se em uma espécie de ruptura constituidora de uma nova ordem. Esta terceira forma caracteriza-se pela heterogeneidade, que é a mais apropriada forma de evolução das cidades, pois representa ações que imprimem capacidade de mudança e adaptação (KRAFTA, 2012, p. 123). Cabe lembrar que essa terceira possibilidade de construção da urbanidade muitas vezes é induzida pela dinâmica imobiliária, o que nem sempre resulta em situações onde a inserção do edifício contribui para um aporte urbano do edifício.

Dentre os conceitos de urbanidade abraçados por este estudo, aquele que parece atribuir em maior grau o estabelecimento da urbanidade a formas específicas de edificar, parece ser o conceito de urbanidade material, apresentado por Manuel de Solà-Morales (2008).

Para o autor, a urbanidade material abrange o conjunto de qualidades urbanas dos objetos reais, materiais, formadores do ambiente urbano. O arquiteto catalão acredita que não há sentido em considerar o conceito de urbanidade como tendo sido originado ou centralizado no comportamento humano, visto que para ele, a urbanidade, em seu sentido mais amplo, necessariamente advém de modelos espaciais, dimensionais e físicos. O autor acredita que para a construção das cidades, deve-se priorizar as qualidades do espaço físico em detrimento de centralizar a discussão em aspectos do comportamento humano.

A urbanidade estará presente em todo edifício capaz de atender integralmente a três atributos de cidade:

temporalidade, diversidade e simultaneidade. A temporalidade observa-se nas formas de articulação dos edifícios com o espaço construído, na maneira como pisos e paredes se relacionam e formam os espaços de uso do homem, admitindo-se sua efemeridade e permanente mudança ao longo do tempo. Diversidade diz respeito à superposição de funções atribuídas a um espaço. Simultaneidade é o compartilhamento de usos públicos e privados, caracterizando espaços de uso coletivo. (SOLÀ-MORALES, 2008).

Para o autor, a boa cidade constrói-se através de intervenções pontuais de projetos urbanos de qualquer escala, programa ou local em que seja implantado, desde que atenda ao escopo dos atributos de cidade (SOLÀ-MORALES, 2008).

Certamente a sociologia e antropologia reúnem conceitos suficientes e capazes de estudar o caráter urbano de edifícios. Entretanto, as ideias de Solà-Morales nos permitem circunscrever o problema desta pesquisa no aporte físico da urbanidade.

Em detrimento das diferenças de visão acerca do conceito de urbanidade explorado pelos autores estudados, parece ser ponto comum entre as ideias apresentadas que há a necessidade de atenção primária aos elementos arquitetônicos que compõem as formas construídas e configuram os espaços de interação entre edifício e cidade, de modo a alcançarmos a urbanidade.

Almeida (2001) ressalta que o conhecimento e uso apropriado dos elementos arquitetônicos definidores da forma arquitetônica, contribuem para a adequação da arquitetura ao meio onde se insere.

Cada elemento arquitetônico pode desempenhar papel singular dependendo da sua articulação com outro(s) elemento(s), e portanto, cada edificação

revela-se como obra única no sentido das conexões que realiza entre os indivíduos que a habitam e o meio - condição para sua existência como arquitetura (ALMEIDA, 2001, p. 16).

O estudo empírico deste trabalho busca a atenção na maneira como os elementos arquitetônicos se articulam entre edifícios e o espaço urbano de modo a atender aos atributos de temporalidade, simultaneidade e diversidade. Espera-se que a análise desses atributos revele indícios da presença da urbanidade através da configuração de certos edifícios no espaço da cidade.

## ELEMENTOS DO LOTE URBANO

As cidades de nosso contexto condicionam a implantação dos edifícios em parcelas individuais de solo caracterizadas pelos lotes, como forma primordial do crescimento urbano. Solà-Morales (1997) caracteriza o crescimento urbano estruturado das cidades em três operações partindo do parcelamento do solo em lotes, passando pelo processo de urbanização, com a implementação da infraestrutura e traçado urbano e finalizando na construção da edificação.

Dessa forma, o lote caracteriza-se como uma unidade edilícia, ou seja, destinada à construção do edifício. O destino do lote é a ocupação humana que está condicionada a interesses privados (uso) e públicos (regras). O lote deve ser considerado como sendo uma fração de uma totalidade que é o espaço urbano da cidade, e não como uma unidade individual e autônoma (FERNANDES CASTILHO, 2013), assim, os edifícios que ocupam o lote fazem parte do espaço urbano, e desejavelmente deveriam ser projetados como tal.

A ocupação edilícia do lote condiciona-se dentre outros aspectos àqueles que determinam sua forma, ou seja, seus

limites perimetrais. Deixando de lado os casos particulares de quadras que encerram lotes únicos, ocupados por equipamentos ou monumentos, os limites perimetrais do lote se fazem tanto através de suas divisas laterais como no alinhamento predial com o traçado urbano.

A projeção vertical das linhas definidoras dos limites dos lotes define planos verticais de confrontantes tanto entre lotes como entre o lote e o espaço urbano (Figura 4).

Estes planos podem servir de limite físico da forma do edifício no perímetro do lote, em situações em que o aproveitamento do lote é total, caracterizando zonas de interface física.

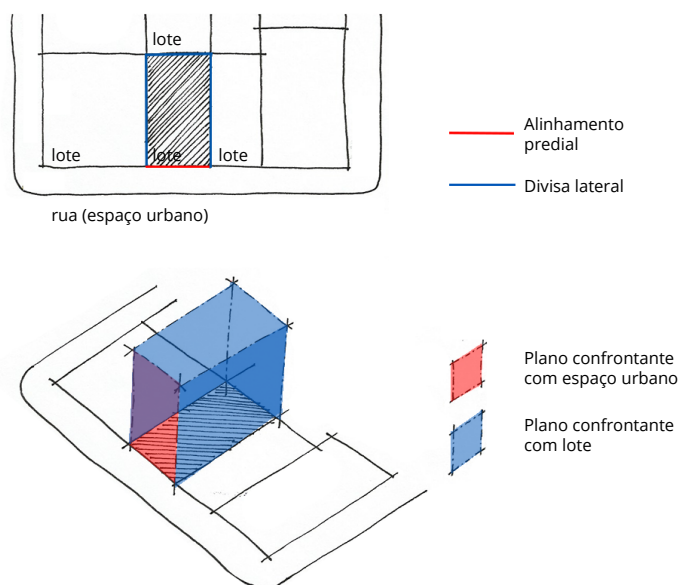


Figura 4. Limites e planos confrontantes do lote urbano na quadra. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

A definição desses termos visa auxiliar na explanação e identificação das relações físicas que podem ser identificadas entre o edifício e o espaço urbano.

## A TEMPORALIDADE DA ARQUITETURA DO EDIFÍCIO

A matéria construída das cidades está em permanente mudança. Edifícios estão em constante processo de transformação ao serem construídos, longamente utilizados, eventualmente abandonados, reciclados, reutilizados, fatalmente demolidos, o que caracteriza um verdadeiro ciclo temporal de sua vida. Alguns edifícios permanecem por mais tempo por seus valores de cunho histórico, sofrem restaurações, admitem novos usos. Estes, ao perdurarem no tempo, evidenciam a efemeridade de outros.

A temporalidade pode ser observada ao compararmos edifícios pertencentes a um mesmo conjunto. Cada lote urbano carrega consigo a história de um ou mais edifícios e a ação do tempo fica evidente na forma como cada edifício se articula com seus vizinhos e com o espaço urbano que o serve. A temporalidade está nessas formas de articulação, na maneira como pisos e paredes se relacionam e formam os espaços de uso do homem, admitindo-se sua efemeridade e permanente mudança ao longo do tempo.

Atender às paredes como matéria-prima do espaço urbano é reconhecer o protagonismo indiscutível do pavimento térreo, ali onde se produz a dissolução do limite público-privado, [...] os modos em que se interpenetram interior e exterior, através de portais, estacionamentos, terraços, lojas etc., não como os detalhes do *townscape*, mas sim como matéria contínua do espaço construído (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 147, grifo do autor, tradução nossa).

Para o autor, a urbanidade resulta da articulação dos elementos arquitetônicos com o espaço urbano. O autor interessa-se pelas relações estabelecidas entre elementos como paredes e esquinas, entre desníveis e fachadas, entre rampas e guarda-corpos, entre leitos carroçáveis, calçadas,

janelas, pórticos e vitrinas, entre recuos laterais e alinhamentos prediais.

Julga-se conveniente agregar às ideias de Solà-Morales conceitos aprofundem o entendimento do conceito de articulação que o autor apresenta, de modo que a sistematização desse conhecimento possa estabelecer critérios para a análise do atributo da temporalidade dos edifícios.

No âmbito do estudo do edifício implantado no lote urbano, propomos um esquema gráfico de manchas que pode identificar formas de articulação entre dois edifícios implantados em lotes contíguos (manchas azuis) e o espaço urbano (mancha vermelha) através da observação de suas interfaces (Figura 5).

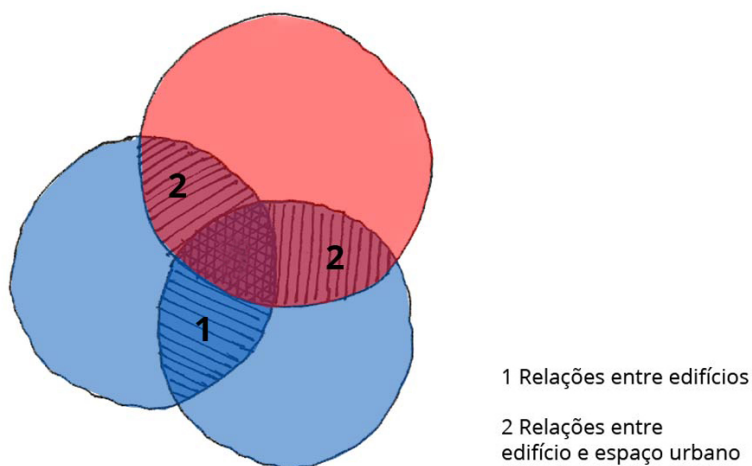


Figura 5. Formas de articulação edifícios / espaço urbano. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

A análise do esquema nos mostra duas formas de articulação possíveis entre os elementos propostos: relações entre edifícios (1), relações entre edifício e espaço urbano (2).

As relações entre edifícios podem ser caracterizadas como formas de articulação entre edifícios contíguos. As relações entre edifício e espaço urbano dizem respeito à articulação entre espaços do edifício e o espaço livre urbano (Figura 6).

Em estudo sobre a forma da cidade, Kohlsdorf (1996) categoriza uma série de relações morfológicas estruturais do espaço urbano. Dentre tais categorias selecionamos aquelas que dizem respeito a formas de articulação entre edifícios e espaço urbano: relações intervolumétricas e relações da edificação com o espaço urbano, assim denominadas pela autora, o que corresponde aos conceitos averiguados através do esquema acima proposto por este estudo.

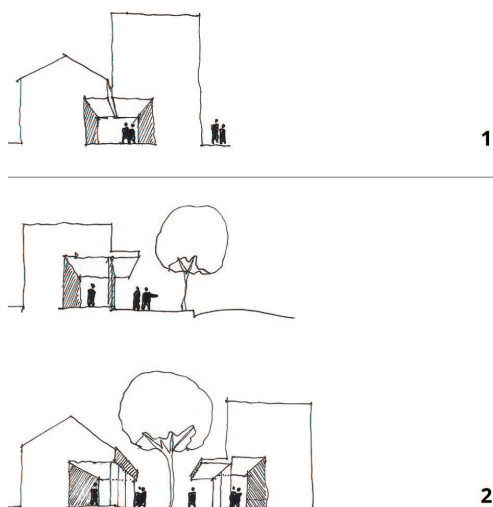


Figura 6. Possíveis formas de articulação entre edifícios e espaço urbano: 1: Relações entre edifícios; 2: Relações entre edifícios e espaço urbano. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

Julgamos pertinente que essa categorização sirva de aporte ao atributo de temporalidade proposto pro Solà-Morales, por tratarem-se de formas de articulação

apresentadas em um determinado tempo entre edifícios e o espaço urbano,

## 1. RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

Caracterizam-se como relações formais entre os volumes edificados, observadas ao longo das divisas laterais dos lotes. Podem fornecer indícios de contiguidade e intersticialidade, apresentando diversas possibilidades de composição aos elementos voltados ao espaço público (KOHLS DORF, 1996). O grau de contiguidade e intersticialidade está relacionado com a presença ou não de intervalos espaciais entre os edifícios.

Quanto maior a contiguidade entre edifícios, mais evidente o traçado urbano, devido a predominância da continuidade das fachadas voltadas para o espaço urbano e maiores as possibilidades de relação direta dos edifícios com a rua. Nas situações de intersticialidade, ou seja, quando há presença de espaços livres entre os edifícios, podem-se abrir possibilidades de qualificação espacial na medida que estes tenham acesso ao espaço público (Figura 7).



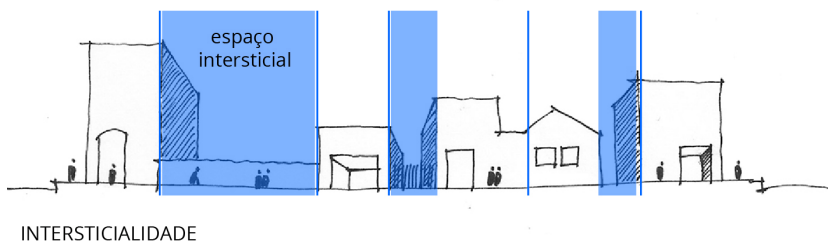
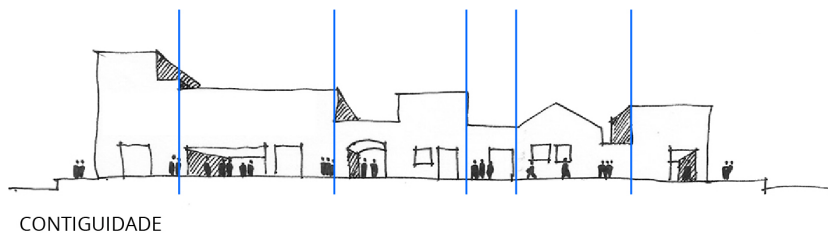


Figura 7. Relações intervolumétricas. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

A análise do grau de contiguidade e intersticialidade pode também nos permitir observar como se dá a articulação entre os edifícios em seus pontos de junção física, ao longo das divisas laterais do lote em que estes se implantam.

A relação de contiguidade pode evidenciar as diferenças formais entre os edifícios, através da análise do plano confrontante entre lotes.

Os elementos compositivos confrontantes com as divisas dos edifícios podem estar ocultos, caso os edifícios compartilhem a totalidade do plano confrontante entre lotes ou podem estar evidenciados, em caso contrário (Figura 8).

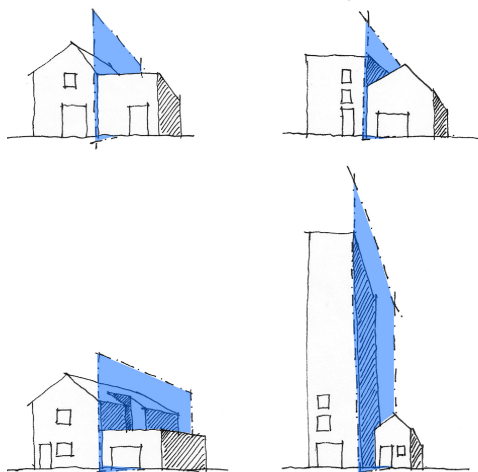


Figura 8. Variações de formas de contiguidade entre edifícios. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

Podemos identificar alguns elementos arquitetônicos participantes na relação de contiguidade, como empenas laterais e poços de iluminação.

A qualidade dos espaços intersticiais entre edifícios pode variar de acordo com o uso a ele atribuído. Podem apresentar-se tanto como espaços residuais, sem uso definido, separado do espaço público através de muros ou grades, quanto como espaços bem qualificados, que dão lugar ao acesso à edificação ou a espaços livres de estar integrados ao edifício (Figura 9).

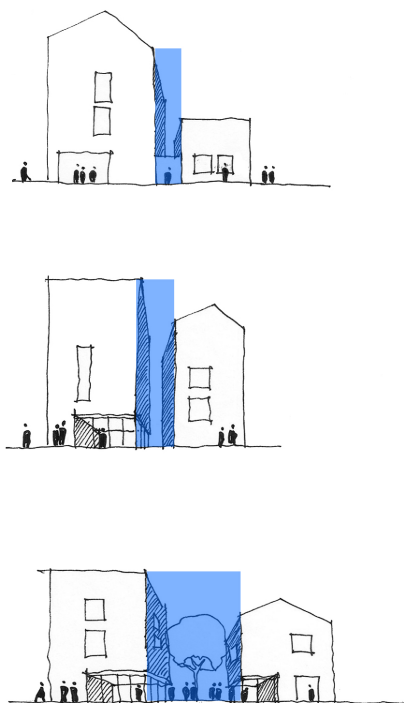


Figura 9. Variações de formas de intersticialidade entre edifícios. Observamos nos croquis uma gradação das possibilidades de qualificação destes espaços que parte de um espaço residual de recuo lateral encerrado por muro a um espaços de integração entre edifícios, integrado com o espaço público. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

Podemos considerar alguns elementos arquitetônicos participantes das relações de intersticialidade como sendo os muros e paredes divisórios, empenas laterais, pátios de iluminação, corredores e rampas de acesso, jardins laterais e pátios de caráter privado.

## 2. RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIO E ESPAÇO URBANO

A segunda categoria de relações a ser agregada ao conceito de temporalidade refere-se aos modos de conexão física observados entre o edifício o espaço urbano.

Esta categoria refere-se “à implantação do edifício no lote como transição entre instâncias públicas e privadas, realizada pelas portas da edificação, seus afastamentos frontais e a presença ou ausência de muros e cercas separando o lote da área livre pública” (KOHLSDORF, 1996, p. 151).

Segundo a autora, essas relações podem se dar de forma direta ou indireta. A relação direta ocorre quando o alinhamento do edifício coincide com o alinhamento predial do lote junto ao espaço público ao passo que a relação indireta ocorre quando o edifício está recuado, gerando um espaço não edificado anterior ao alinhamento predial.

No âmbito do estudo de um lote urbano, podemos identificar a ocorrência de relações diretas e indiretas através do plano confrontante entre o lote e o espaço urbano (Figura 10).



Figura 10. Relações do edifício com o espaço urbano. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

A relação direta pode ser considerada a forma elementar de união entre o edifício e a cidade, ocorrendo através de aberturas voltados para o espaço urbano. A relação indireta pode configurar espaços abertos privativos, separados ou não do espaço público por elementos de fechamento como muros ou grades (KOHLSDORF, 1996). Essas formas de relação podem promover diferentes graus de qualidade na integração entre edifício e espaço urbano.

Os elementos arquitetônicos que podem estar relacionados à essas formas de articulação entre edifício e espaço urbano podem constituírem-se de portas, janelas, vitrinas, pátios de acesso, galerias, estacionamentos, jardins frontais encerrados ou não, calçadas de acesso, rampas, entre outros.

## DIVERSIDADE DE USOS

Para que a urbanidade material aconteça requer-se também a diversidade nos usos dos edifícios e dos espaços por eles gerados. Diversidade associada à densidade qualitativa nos usos da edificação, mais que a densidade quantitativa, ou seja, a profusão de variedade de usos à grande quantidade de estabelecimentos com usos similares. A densidade qualitativa refere-se necessidade de “variedade e número de referências superpostas no lugar, edifício ou zona” (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 147, tradução nossa).

A disciplina de projeto urbano faz-se o meio propício para desenvolver projetos que concretizem a urbanidade não como forma de homogeneização da arquitetura com o espaço urbano e nem no puro respeito ao contexto, mas sim na capacidade de relacionar os elementos arquitetônicos concretos com as pessoas (SOLÀ-MORALES, 2008). Nesse aspecto, o atendimento da diversidade é preponderante.

A partir das leituras, nos parece que além das relações de temporalidade, que dizem respeito à articulação física entre edifícios e entre edifícios e espaço urbano, o caráter de intervenções arquitetônicas consoantes à urbanidade deve perseguir objetivos onde a diversidade, em suas várias acepções esteja presente, seja ela no uso, formas, significados.

Para esta pesquisa, utilizamos como critérios para análise da diversidade, a identificação dos usos principais que as edificações no contexto estudado podem ter.

O quadro abaixo apresenta um elenco de usos para a análise (Quadro 1).

HABITACIONAL E HOSPEDAGEM
EMPRESARIAL
COMERCIAL E SERVIÇOS
INSTITUCIONAL E CÍVICO
LAZER E ESTAR
CIRCULAÇÃO E ACESSO

Quadro 1. Elenco de naturezas de uso dos edifícios Elaborado pelo autor, 2016.

## SIMULTANEIDADE NOS DOMÍNIOS PÚBLICO E PRIVADO

O terceiro atributo de cidade requerido para a urbanidade material é a simultaneidade entre os domínios territoriais público e privado. As cidades necessitam de espaços de uso coletivo como forma de integração entre o espaço privado do edifício e o espaço público urbano. O espaço de uso coletivo, dessa forma gerado, caracteriza-se como um espaço privado, proposto através de interesses particulares, mas cujo uso se torna público por não impor barreiras físicas para seu uso cotidiano (SOLÀ-MORALES, 2008).

A boa cidade, é aquela em que os edifícios particulares, sobretudo os bons edifícios particulares, o pretendam ou não, são elementos públicos e transportam significados e valores sociais para além de si mesmos, e nisso está seu modo de serem urbanos (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 189, tradução nossa).

O autor argumenta que os espaços coletivos constituem as grandes virtudes das cidades antigas e que devem ser tomados como base para as intervenções na cidade presente, caracterizando-se como a estrutura das cidades futuras (SOLÀ-MORALES, 2008).

Moore (1984) propõe uma categorização que desdobra os extremos público-privado em seis domínios, de acordo com suas características de uso: áreas privativas individuais, áreas privativas familiares ou de pequenos grupos, áreas privativas de grandes grupos, áreas públicas de grandes grupos, áreas urbanas semi-públicas e áreas urbanas públicas.

Áreas privativas individuais caracterizam-se, segundo os autores, pelo espaço de uso privativo de cada indivíduo, como por exemplo a cama ou a poltrona de uso exclusivo de uma pessoa.

As áreas privativas familiares ou de pequenos grupos caracterizam-se pela sociabilização de um espaço privado, restrito a uso de um grupo pequeno, como uma família. Podem ser exemplificadas com a casa ou um dormitório compartilhado

As áreas privativas de grandes grupos são as áreas de uso privado com interfaces com o espaço de uso público, como o *hall* de um edifício residencial.

As áreas públicas de grandes grupos caracterizam-se como espaços públicos mas cujo acesso público é livre, como por exemplo o espaço sob a marquise de acesso a um edifício.

As áreas urbanas semi-públicas são espaços cujo uso não impõe barreiras físicas, tendo sua localização em espaço privado. São as galerias, lojas, espaços de uso comum de edifícios públicos.

Por fim, as áreas urbanas públicas são caracterizadas como o espaço de uso comum das cidades, sem imposições de limitação de acesso ou uso. São os espaços públicos das ruas e praças.

Este trabalho propõe uma categorização da gradação entre as instâncias público-privado de modo a estabelecer um escopo para a análise da simultaneidade, considerando-se os objetos de estudo tratem-se de edifícios implantados em lotes urbanos (Quadro 2).

ÁREAS PRIVADAS DE USO RESTRITO
ÁREAS PRIVADAS DE USO COMUM
ÁREAS DE USO COLETIVO CONTROLADO
ÁREAS ABERTAS DE USO COLETIVO

Quadro 2. Categorias de gradação entre áreas públicas e privadas nos domínios do lote urbano. Elaborado pelo autor, 2016.

Dentro dos domínios de um lote de propriedade privada nos parece inadequado utilizar o termo “áreas públicas” para denominar espaços de livre acesso e circulação, visto que o termo “público” pode referir-se a tudo aquilo que pertence ao domínio do espaço urbano. Dessa forma, as categorias propostas abrangem as áreas privadas e áreas coletivas, ou seja, aqueles espaços de uso comum pertencentes a uma propriedade privada e cuja acessibilidade e circulação opera de modo livre, sem barreiras.

Os limites de um lote normalmente são caracterizados como a delimitação da propriedade privada através de elementos como muros, grades, paredes, que materializam a instância entre os domínios público e privado. Entretanto, a



simultaneidade parece requerer a dissolução da rigidez entre esses limites.

Hertzberger (2010) faz uma caracterização de elementos arquitetônicos concernentes à simultaneidade entre áreas públicas e privadas. O autor aponta que as demarcações privadas no espaço público, ou seja, a criação de um espaço intermediário onde as responsabilidades são compartilhadas, contribuem para diminuir a rigidez entre os domínios territoriais. O autor caracteriza o elemento soleira como sendo o intervalo de superposição entre os domínios público e privado, materializando o local de articulação entre o edifício e a cidade.

Dentre os elementos citados pelo autor, observamos que as partes constituintes do pavimento térreo dos edifícios têm papel vital na urbanidade. O pavimento térreo é o local de exercício da dissolução entre os domínios territoriais, onde a simultaneidade entre público e privado caracteriza espaços de uso coletivo.

## UMA ANÁLISE DOS ATRIBUTOS DE CIDADE POR SOLÀ-MORALES

Ao considerarmos as ideias de Solà-Morales com respeito à urbanidade, podemos admitir que é possível alcançá-la através da implantação de edifícios de elevado caráter urbano que atendam aos atributos de cidade de temporalidade, simultaneidade e diversidade. Esta assertiva vem ao encontro das inquietações que motivam este trabalho.

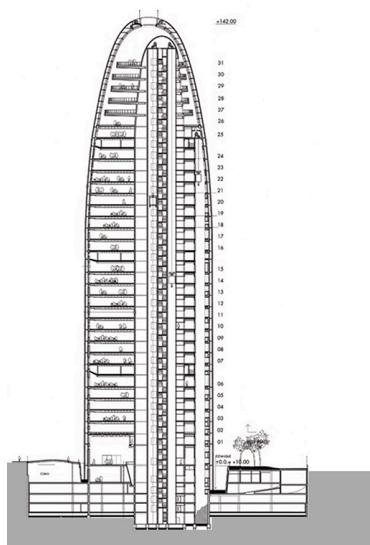
Pretende-se que no estudo empírico proposto por este trabalho, utilizemos os atributos de cidade apresentados por Solà-Morales como escopo para as análises elaboradas. Dessa forma, parece-nos conveniente, a fim de reforçar o conceito de urbanidade material e o entendimento do alcance dos

atributos que Solà-Morales afirma serem necessários para que ela ocorra, apresentar alguns exemplos extraídos da visão crítica do autor com relação à urbanidade material dos edifícios.

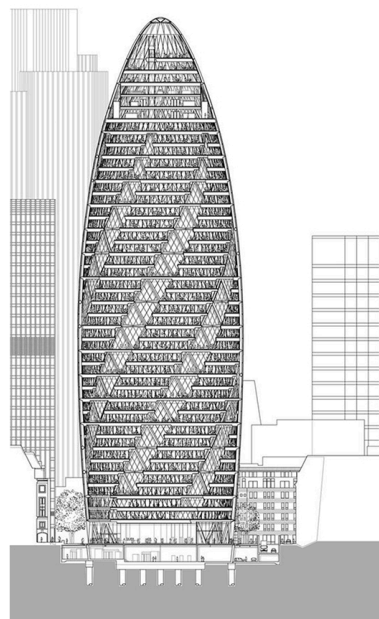
Solà-Morales (2008) identifica certa arbitrariedade entorno daquilo que pode ser atribuído às características urbanas do edifício. Para ele, muitos profissionais afirmam projetar edifícios com caráter urbano sem o devido conhecimento do que se trata a arquitetura urbana, ou seja, quais características um edifício deve ter para ser considerado verdadeiramente urbano que contribuam para a urbanidade material das cidades.

Muitos arquitetos dizem fazer *arquitetura urbana* ao projetarem edifícios complicados e sem destreza. Estranheza e complicação são confundidas com a suposta complexidade urbana. O pepino de Jean Nouvel em uma esquina do ensanche barcelonês é um edifício elementar, autista e autorreferente. O quase idêntico pepino de Norman Foster na City londrina estabelece tal riqueza em sua complexa relação com o contexto que pode-se dizer tratar-se de arquitetura urbana de primeira ordem (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 145, grifo do autor, tradução nossa).

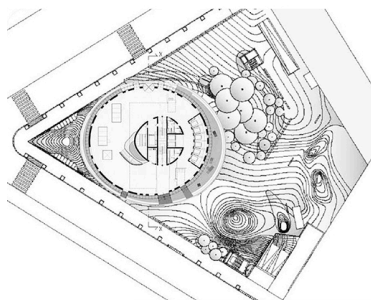
Tal citação referencia-se a uma análise comparativa que o autor traça entre dois edifícios icônicos, situados em cidades globais, os quais compartilham similaridades de uso e de geratriz formal, mas que no entanto apresentam elementos caracterizadores de suas inserções no meio urbano bastante diversos: a Torre Agbar e o Edifício 30, St. Mary Axe (Figura 11).



CORTE



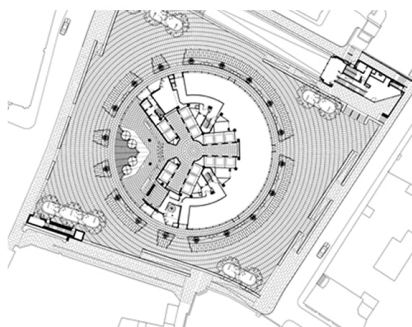
CORTE



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

TORRE AGBAR

0 10 20 40



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

EDIFÍCIO 30, ST. MARY AXE

Figura 11. Comparação de plantas dos pavimentos térreos e cortes da Torre Agbar e do Edifício 30, St Mary Axe. Ilustrações adaptadas de Jean Nouvel (2016) e Foster and Partners (2016).

A Torre Agbar, projeto do arquiteto Jean Nouvel foi construída em 2005 em Barcelona, parece não atender

nenhum dos atributos de temporalidade, simultaneidade e diversidade. Ao observarmos sua implantação (Figura 12), podemos perceber pouca preocupação com a articulação do edifício e o espaço onde ele se insere.

Os elementos de proteção solar que configuram a envoltória do edifício não apresentam qualquer forma de transição ao tocarem nos pisos exteriores, comprometendo a temporalidade do edifício. O edifício parece implantar-se no lote não levando em conta os benefícios de que um pavimento térreo mais ativo poderia proporcionar. O pavimento térreo, de uso exclusivo para o ingresso à torre, com áreas de usos privativo controlado, não atende à diversidade e não apresenta espaços de transição entre interior e exterior de modo a configurar espaços de simultaneidade pública e privada.



Figura 12. Torre Agbar. Projeto do arquiteto Jean Nouvel, Barcelona, 2005. Disponível em Jean Nouvel (2016).

Já o edifício de Norman Foster, implantado na City de Londres (Figura 13), que segundo o autor atende à todas as prerrogativas de urbanidade material, insere-se de maneira a contribuir para a criação de um espaço urbano rico e variado.



Figura 13. Edifício 30, St. Mary Axe. Projeto do arquiteto Norman Foster, Londres, 2004. Disponível em Foster and Partners (2016).

O tratamento das superfícies de piso ao nível do pavimento térreo contribui para uma transição suave da regularidade da malha da segunda pele do edifício com as superfícies do solo. Um amplo espaço de uso coletivo, com pé-direito quádruplo anuncia o acesso da torre. Além das estruturas de acesso à torre, o pavimento térreo dá lugar ao um conjunto de lojas e café com acessos a uma galeria perimetral voltada a espaços de estar ao ar livre.

Segundo o autor, os atributos de cidade estão presentes nas soluções arquitetônicas do edifício 30, St. Mary Axe. A forma de transição suave entre a torre edificada e a superfície do piso do pavimento térreo que se une ao espaço urbano onde o edifício se insere demonstra sensibilidade do arquiteto com respeito entorno, podendo ser caracterizada como uma solução atenta à temporalidade. A diversidade é encontrada

na variedade de usos das áreas do pavimento térreo, que conjuga os espaços de acesso com um conjunto de lojas voltadas para um pátio com mesas ao ar livre. Por fim, à exceção do espaço do saguão de acesso ao edifício, cuja entrada é controlada, todas as demais áreas do lote onde o edifício é implantado constituem-se de espaços de uso coletivo, garantindo a simultaneidade não usos público e privado.

A seguir, ilustramos outro exemplo de análise comparativa elaborada pelo autor em dois conjuntos edificados nos distritos financeiros de Londres e Xangai.

O conjunto edificado em Londres, representado pelo Canary Wharf (Figura 14), distrito financeiro que ocupou antiga área de docas, cuja construção se iniciou nos anos 80, é alvo de crítica do autor como exemplo de ausência de temporalidade e simultaneidade urbanas. O conjunto caracteriza-se por uma soma de edifícios individuais, cujas formas prismáticas e tratamento de superfícies parece seguir diretrizes cromáticas e de materiais que almejam uma homogeneização da paisagem, constituindo, segundo crítica do autor em um “armazém de edifícios e exemplares pós modernos” (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 145, tradução nossa).

Comparativamente o Pudong (Figura 15), distrito da metrópole chinesa também idealizado na mesma década, segundo o autor organiza o uso de espaços livres segundo um projeto metropolitano, conferindo ao conjunto uma moderna e cívica condição de urbanidade.

Através da análise desses exemplos, onde o Solà-Morales ilustra de maneira clara os atributos de temporalidade, simultaneidade e diversidade e sua contribuição para a urbanidade material, encontramos respaldo para que tais conceitos sejam aplicados no estudo empírico deste trabalho.





Figura 14. Canary Wharf. Londres, anos 80. Disponível em Canary Wharf Group PLC (2016).

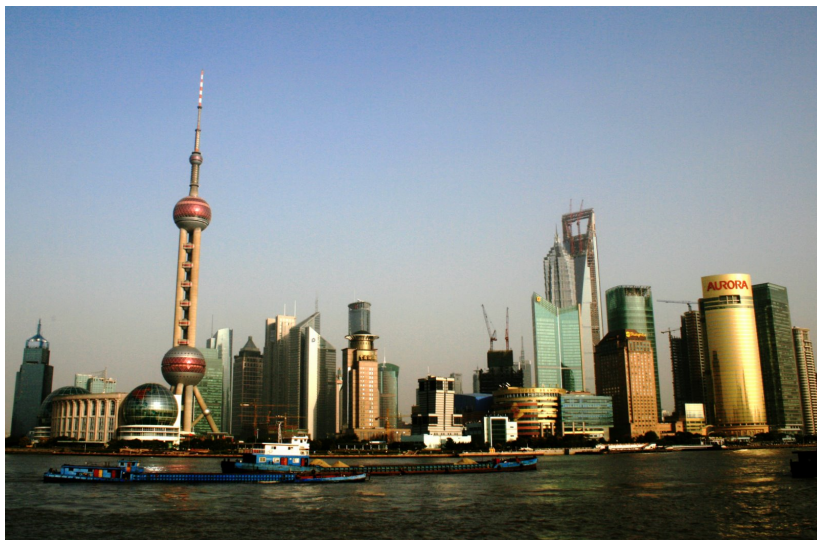


Figura 15. Pudong, Xangai. Disponível em Free Mages (2016).

## O MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DOS CORTES URBANOS

As relações entre edifício e cidade podem ser observadas através de nossa experiência enquanto usuários do espaço urbano. Usufruir da cidade em termos de experiência significa apreciá-la diariamente, através do percurso que traçamos no plano horizontal de acordo com nossas necessidades e escolhas. Pertencer à cidade é mover-se continuamente por suas ruas, como define Solà-Morales (2008). O autor acrescenta:

A cidade com a qual cada indivíduo se identifica é um mundo móvel, impreciso, sem limites conhecidos; mas tampouco infinito, onde a diferença é a lei da forma e do funcionamento. A identidade da cidade é precisamente a experiência da diferença (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 175, tradução nossa).

A ideia de que a forma e o funcionamento da cidade estão irremediavelmente dominados pela diferença, pode auxiliar os arquitetos, enquanto propositores do edifício, a decisões orientadas com base no conjunto de elementos físicos preexistentes da cidade. Certamente as decisões arquitetônicas estarão condicionadas a fatores mercadológicos e normativos, entretanto, o leque de opções de caráter formal que o arquiteto tem a sua disposição é infinito.

Projetar na cidade consiste em admitir que os elementos construídos vão formando camadas superpostas aderindo-se umas às outras com o passar do tempo, como se a construção da cidade seguisse a linearidade temporal de um relato textual (SOLÀ-MORALES, 2008).

Tem-se o tempo pessoal, que é idealizado; o tempo material, em que é construído; tempos múltiplos, nos quais será utilizado



e o tempo histórico, no qual será entendido e relacionado aos substratos anteriores da cidade como construção contínua (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 176, tradução ZAPATEL, 2011).

As categorias temporais apresentadas pelo autor, remetem a uma seleção das características mais significativas da forma urbana, definidas no corte urbano, como base para a intervenção na cidade. “A ideia do corte é entendida como sequência da continuidade temporal sobre a descontinuidade espacial. Daí a noção de corte urbano no projeto urbano, relacionando o projetado com o existente” (ZAPATEL, 2011, p. 103).

Solà-Morales (2008, p. 179) define por corte urbano “a redução sequencial cortada da forma urbana” admitindo este ter as propriedades de “mecanismo de descrição” e “estratégia de projeto” ao mesmo tempo.

Através de breve análise de sua produção mais significativa, percebe-se que a ferramenta metodológica híbrida de leitura do sítio e representação do projeto, proporcionada pelo corte urbano é amplamente empregada pelo autor. Em seus projetos urbanos, o autor apropria-se do corte como um instrumento próprio para pensar ao mesmo tempo a planta e a elevação, a topografia e o uso (Figura 16).

Segundo Solà-Morales, a apreensão e entendimento das características físicas da cidade opera através do corte, nos fazendo questionar o uso exclusivo de plantas e mapas como instrumentos de representação e estratégias de planejamento urbano. O autor critica que “hoje abunda muito o plano: nos projetos e nas ideias” (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 178, tradução nossa). Sua argumentação apoia-se na convicção de que os grandes arquitetos do passado que foram capazes de interpretar as relações intrincadas entre edifício e cidade sempre trabalharam e representaram seus projetos urbanos através da ferramenta do corte.

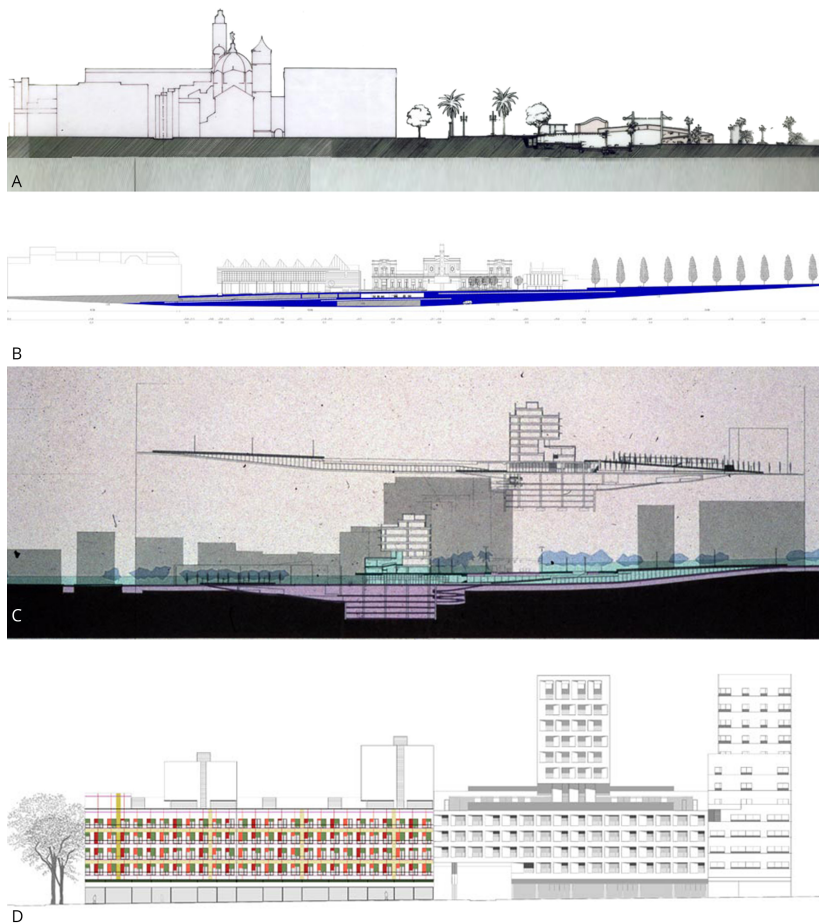


Figura 16. Cortes urbanos elaborados por Manuel de Solà-Morales em alguns de seus trabalhos. Percebe-se que as intervenções são representadas sobre uma base que mostra o existente. A: Mol de La Fusta. Estabelecimento de frente marítima em Barcelona, 1982; B: Estação Intermodal. Leuven, 1996; C: Illa Diagonal. Complexo multiuso em nova centralidade urbana em Barcelona, 1982; D: Unitat 03 Casernes. Edifício habitacional em Barcelona, 2006. Disponíveis em Manuel de Solà-Morales (2016).

De maneira análoga, Rafaël Magrou (2012) enaltece a importância do corte como ferramenta de comunicação da arquitetura e urbanismo. Para o autor, nenhuma outra forma de representação gráfica, como plantas, elevações, perspectivas, é capaz de transmitir de maneira mais completa

a ideia central de um projeto como faz o corte. E vai além em sua defesa igualmente criticando a mais corrente forma de representação arquitetônica: “comparado a ele [o corte], a planta parece uma representação [...] sem vida, na qual as escadas são amassadas e o espaço reduzido a duas dimensões” (MAGROU, 2012, p. 35, tradução nossa).

Parece-nos importante neste ponto, explorarmos a definição do termo corte, sob a ótica de nosso campo de estudo.

Partindo da definição de corte relacionada ao projeto de arquitetura, vemos que este representa a seção arquitetônica contínua, não interrompida “cujo objetivo [...] é o de ilustrar o maior numero de relações entre os espaços interiores e significantes”, representando além da seção de estruturas, a série de vistas relacionadas (CHING, 1996, p. 45). Além da representação da estrutura do objeto cortado, o corte tem a propriedade de mostrar os elementos em vista, localizados além do plano da seção. Entretanto, tal definição advinda da prática da representação gráfica da arquitetura, exclui outras propriedades que o corte pode carregar. Solà-Morales (2008) admite que

[...] um simples corte da construção não é um corte urbano. Representar os níveis verticais, as alturas, as visuais (muito importantes certamente e a cada dia mais) nem sempre expressa a complexidade urbana. É nos largos cortes longitudinais onde, normalmente, se expressa a continuidade espacial das distintas partes urbanas, o encadeamento das peças do mosaico e a relação entre território e construção (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 178, tradução nossa).

O mecanismo de representação em largas seções longitudinais, proposto por Solà-Morales (2008), na prática pode ser operado através da experiência do movimento em

um dado percurso no plano urbano, nos proporcionando uma visão sequencial da forma urbana. A analogia que o autor traça entre o corte urbano com o avançar de um trem, ao adentrar a cidade, proporciona essa visão.

[...] o crescendo ferroviário com o que o magistral filme de Walter Ruttmann "Berlin, Sinfonia da Metrópole" nos faz entrar em Berlin, faz amanhecer a metrópole com o ritmo dos campo agrícolas, as hortas, as pequenas casas, os blocos operários, as grandes indústrias, os bairros jardim, as instalações de serviços, os edifícios públicos, os escritórios e os monumentos, encadeando-se de for a para dentro (SOLÀ-MORALES, 2008, p. 178, tradução nossa).

Imagens apreendidas da sequência inicial do filme (*Sinfonie der Grosstadt*, 1927) nos mostra a sucessão de elementos que vão compondo, a cada quadro, recortes da forma da cidade (Figura 17). Podemos imaginar o encadeamento dessa sequência de quadros como um largo corte urbano entre o subúrbio e o centro da cidade, através do qual a forma urbana é apreendida através da imagem total. A observação da cidade, proporcionada pelo movimento do trem, permite apreendermos o trecho de forma contínua.



Figura 17. Quadros da sequência inicial de “Sinfonie der Grosstadt” de Walter Ruttmann, 1927. Mosaico elaborado pelo autor a partir de recortes extraídos do DVD do filme .

Essa forma de enxergar a cidade, proporcionada pelo diretor Walter Ruttmann (*Sinfonie der Grosstadt*, 1927), parece ser recorrente no imaginário cinematográfico quando se deseja mostrar aspectos físicos das cidades. Em um exemplo mais recente, a cineasta Sophia Coppola ao conceber a sequência inicial do filme “Encontros e Desencontros” (2003), propõe que o protagonista Bob Harris, interpretado pelo ator Bill Murray, ao chegar pela primeira vez em Tóquio, pareça entorpecido com o que vê através da janela do taxi em seu percurso entre o aeroporto e o hotel onde ficará hospedado. A experiência da apreensão do movimento pode ser ilustrada nos quadros extraídos da sequência cinematográfica (Figura 18).



Figura 18. Quadros da sequência inicial de “Encontros e desencontros” de Sofia Coppola, 2003. Mosaico elaborado pelo autor a partir de recortes extraídos do DVD do filme.

Através dos exemplos colocados, poderíamos considerar que a apreensão da forma urbana proporcionada pela experiência do movimento ao longo de eixos viários, constitui-se de um modo de registro bastante aproximado ao que Solà-Morales (2008) atribui como sendo as propriedades do corte urbano.

A representação gráfica do instrumento do corte urbano para os fins deste trabalho baseia-se em montagens sequenciais fotográficas inspiradas na técnica fotográfica do artista norte-americano Edward Ruscha (1937-), desenhista, pintor e fotógrafo, representante do movimento *pop art*. Tal técnica encontra-se em parte de sua produção fotográfica que se constitui do registro de formas urbanas captados pela experiência do movimento ao longo de vias de cidades norte-americanas.





O registro das imagens foi feito por disparos de uma câmera de 35 mm montada na capota de um carro movimentando-se ao longo da via em baixa velocidade. O trabalho está exposto no J. Paul Getty Museum, em Los Angeles, EUA (The J. Paul Getty Museum, 2013).

Estes exemplos de obras de Edward Ruscha, sendo capazes de representar a forma da cidade através de uma sequência fotográfica estática, parecem alinhar-se com a ideia de corte urbano apresentado por Solà-Morales. Através de suas montagens fotográficas, parece-nos ser possível apreciar as diversas camadas que formam a cidade. O corte assim realizado permite o registro da forma urbana ao mesmo tempo que pode operar como instrumento de projeto.

A título de ilustração, apresentamos dois exemplos de corte urbano elaborados pelo autor deste trabalho para fins de diagnóstico em exercícios de análise do entorno urbano. A técnica de montagem de fotografias sucessivas é inspirada na obra de Edward Ruscha (Figura 20).



Figura 20. Cortes urbanos executados através de sucessão de fotografias ao longo de ruas da região central de Curitiba. Elaborado pelo autor, 2013.

As sequências foram montadas através de justaposição de fotografias tomadas ao nível da rua. A montagem guarda relações das escalas horizontal e vertical, tendo sido efetuada



sobre planta cadastral auxiliar. Dessa forma, deformações verticais e horizontais efetuadas nas fotografias asseguram sua acomodação à escala, constituindo os cortes em um instrumento técnico de representação fotográfica.



## CAPÍTULO 3. ESTUDO EMPÍRICO

Este capítulo dedica-se à apresentação e registro do estudo empírico proposto por este trabalho. O objeto de estudo, composto por nove edifícios situados ao longo de um eixo definido na região central de Curitiba, é contextualizado e descrito. Apresentam-se os procedimentos definidores do método de análise finalizando com a aplicação nos objetos de estudo.

### CONTEXTUALIZAÇÃO

Curitiba, a oitava capital brasileira em população, ocupa o posto de cidade mais populosa da região sul do Brasil, contando em 2015 com estimados 1,879 milhões de habitantes de acordo com o censo de 2010 (IBGE, 2016).

A capital paranaense é reconhecida internacionalmente por suas soluções inovadoras em transporte coletivo e planejamento urbano. Seu plano diretor, estabelecido em 1966, estruturou grande parte dessas soluções ao propor a criação de eixos lineares de expansão urbana que partem do centro da cidade. A implantação desses eixos contemplou a criação de vias estruturais, concentrou um zoneamento que prioriza a diversidade de usos e o adensamento populacional e implementou um sistema de transporte coletivo de massa que circula em vias exclusivas.

Dentre outras diretrizes, o plano diretor inicial para Curitiba contemplou a regularização de loteamentos, a renovação urbana e a valorização dos setores históricos através de preservação e revitalização. Esse conjunto de ações, vem aprimorando-se ao longo dos anos e contribui para a consolidação de espaços urbanos de qualidade, hoje presentes em diversos setores da cidade.

Alguns desses espaços formam o eixo que abriga os nove edifícios estudados por este trabalho. Cada um dos edifícios selecionados volta-se ao eixo de circulação que pode ser identificado no centro da cidade formado por trechos da Rua XV de Novembro, Avenida Luiz Xavier, Praça General Osório e da Rua Comendador Araújo. Este conjunto cruza o Centro no sentido Leste-Oeste, podendo ser tomado como uma das mais importantes conexões de pedestres entre os setores centrais da capital.

A região central é a zona dotada dos maiores índices de densidade urbana da cidade desde os anos 70 (IPPUC - Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba, 2015a). A ocupação edilícia segue parâmetros construtivos que garantem a manutenção desses índices, como altura livre limitada a coeficiente de aproveitamento correspondente a 5 e ocupação térrea e do primeiro pavimento de 100% (Figura 21).

O critério de seleção do eixo na região central não se atém apenas a questões de frequência de pessoas que circulam pelo espaço urbano, mas também a fatores de ordem histórica com relação à formação da capital paranaense. A Rua XV de Novembro foi uma das primeiras vias a serem traçadas na cidade, tendo grande proximidade com a Praça Tiradentes, considerada como sendo o núcleo inicial de formação histórica de Curitiba.



Figura 21. Localização do centro de Curitiba. Elaborado pelo autor, 2016.

Grande parte da extensão do eixo tem sido objeto de tombamento patrimonial de edifícios e paisagem urbana, por iniciativa do Governo do Estado do Paraná. Os objetos tombados que compõem partes do eixo de estudo são denominados Paisagem Urbana da Rua XV de Novembro e o Conjunto Urbano da Rua Comendador Araújo (Paraná, 2015).

Os trechos viários selecionados relacionam-se diretamente a fatos que marcam a história urbana de Curitiba. A idade dos edifícios selecionados vai aumentando com o avançar da progressão ao longo do eixo, desde a Rua XV de Novembro até a Rua Comendador Araújo. Desse modo, podemos estabelecer *a priori* uma linha do tempo que pode ser capaz de mostrar a evolução da relação entre edifício e cidade na capital paranaense.



Figura 22. Planta de Curitiba em 1857. A linha tracejada em azul representa aproximadamente o eixo de estudo. Observa-se que a Rua XV de Novembro nessa época contava com apenas 3 quadras. O círculo marca o núcleo inicial de formação da capital, hoje ocupado pela Praça Tiradentes. Disponível em Curitiba (2015 c).

O eixo inicia no ponto calçado mais a leste da Rua XV de Novembro, nas proximidades da Praça Santos Andrade e Praça Tiradentes, seguindo em direção a oeste, cruzando integralmente a Avenida Luiz Xavier, compreendendo a totalidade da Praça General Osório e finalizando no ponto médio da Rua Comendador Araújo (Figura 23).

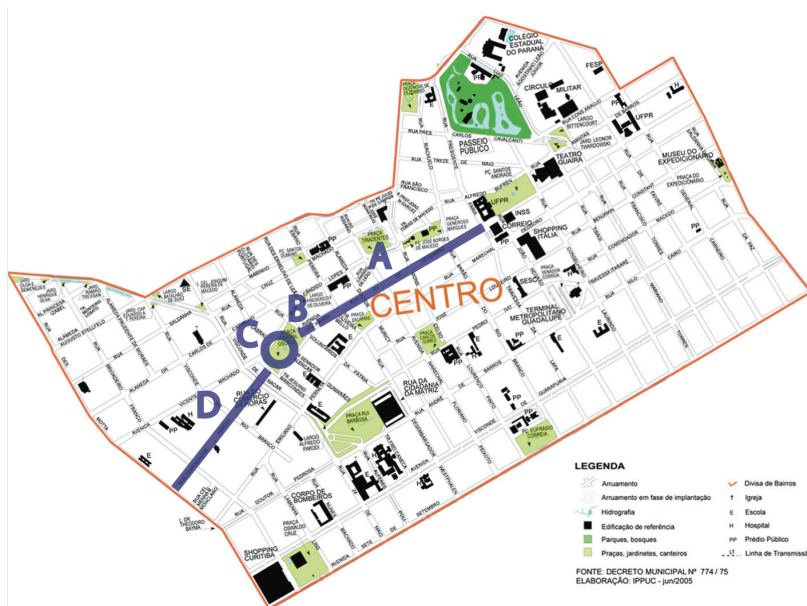


Figura 23. Localização do eixo no Centro de Curitiba. A: Rua XV de Novembro; B: Avenida Luiz Xavier; C: Praça General Osório; D: Rua Comendador Araújo. Adaptado de IPPUC (2015b).

A Rua XV de Novembro foi um dos primeiros trechos viários a ser estabelecido em Curitiba. Apenas uma linha de quadras a separa do denominado Marco Zero, o núcleo de fundação da cidade que ocorreu em 1693, representado pela Praça Tiradentes (Figura 22).

Na metade do séc. XIX, a então denominada Rua das Flores possuía três quadras, situadas entre as ruas Doutor Muricy e Barão do Rio Branco, não sendo pavimentada e apresentando um casario térreo com uso habitacional, comercial e de prestação de serviços (Paraná, 2015).

Nessa época o casario térreo já estava sendo substituído por sobrados de uso misto – comércio e residência – e sua arquitetura pelo ecletismo de vocabulário neoclássico, com coberturas em telha francesa e alemã. Do final do século até os anos 30 consolidam-se três funções

básicas desse espaço – comércio, habitação e lazer –, identificando-o com o eixo central e cultural da cidade e sua área de maior convivência social (Paraná, 2015).

Na década de 1870, a Rua das Flores é estendida à oeste até a atual Praça Osório, para proporcionar ligação do centro da cidade com uma importante estrada que desbravaria o oeste do estado em direção ao estado do Mato Grosso (Figura 24-A). No final do séc. XIX, seu prolongamento ocorre na direção leste, chegando até a atual Praça Santos Andrade.

Dessa época até os anos 30, a ocupação edilícia da Rua XV de Novembro sofre rápida transformação, tendo seu casario colonial térreo e de um pavimento substituído por sobrados ecléticos de maior gabarito e elevado padrão construtivo.

Do final do século até os anos 30 consolidam-se três funções básicas desse espaço – comércio, habitação e lazer –, identificando-o com o eixo central e cultural da cidade e suas áreas de maior convivência social. A partir daí, a Rua XV de Novembro passa a ser beneficiada por constantes melhorias, tornando-se um espaço de referência em termos de atividades comerciais e de serviços (Paraná, 2015).

Nessa época, a rua já era conhecida por ser palco das manifestações cívicas da cidade, época em que teve sua pavimentação efetivada (Figura 24-B).

Na década de 1940, a contratação do urbanista francês Donat-Alfred Agache (1875-1959) consolidou uma série de diretrizes em um plano de urbanização de Curitiba, dentre elas a obrigatoriedade de implantação de galerias cobertas com padronização de largura e pé direito, situada no pavimento térreo dos edifícios novos. Essa diretriz, denominada Plano Massa, evoca uma clara busca de



homogeneidade urbana ao nível do pedestre (MARTINS, 2000) (Figura 25).



Figura 24. A: Casario colonial da Rua XV de Novembro em 1870. B: Rua XV de Novembro em 1936, já pavimentada. Disponível em A: Blog Click RBS (2016), B: Disponível em Câmara Municipal de Curitiba (2016).

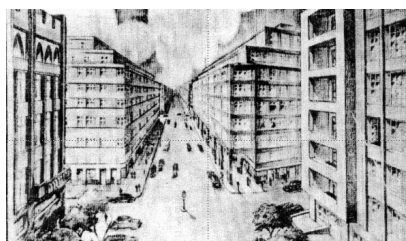


Figura 25. Ilustração mostrando a proposta do Plano Massa para implementação de galerias no térreo dos edifícios da Rua XV de Novembro (Lolô Cornelsen, 2014).

O trecho asfaltado da Rua XV de Novembro foi fechado para o tráfego de veículos no ano de 1972 e inteiramente calçado com pedra portuguesa, recebendo um conjunto de equipamentos, paisagismo e iluminação pública padronizados e bastante característicos (Figura 26).

A obra de calçamento da Rua XV de Novembro, capitaneada pelo então prefeito Jaime Lerner, buscava mitigar o inconveniente trânsito automotivo que cruzava o centro da cidade ao longo do eixo. A proposta inovadora no país serviu de modelo para as posteriores intervenções similares em inúmeras cidades brasileiras (Paraná, 2015).

Desde então, esse trecho da rua, juntamente com sua continuação, a Avenida Luiz Xavier, consolidou-se como um

dos mais importantes eixos de fluxo de pedestres da capital paranaense, onde se concentram lojas, galerias, equipamentos de uso público e tradicionais pontos de encontro, como a Boca Maldita (Figura 27).

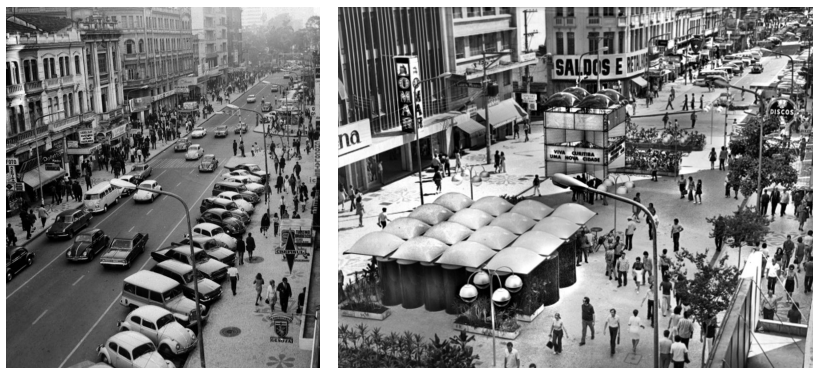


Figura 26. Rua XV de Novembro, antes e após o calçamento. Disponível em A: Curitiba (2016); B: Gazeta do Povo (2012).



Figura 27. Rua XV de Novembro, eixo da vida cívica curitibana. Acervo do autor, 2016.

Na continuação do eixo de estudo, segue-se a Rua Comendador Araújo. Esta via possui um passado de grande importância para a cidade, caracterizando-se como trecho de

uma antiga estrada que partia do centro da cidade e que ao longo do tempo foi sendo incorporada a malha urbana. No século XIX, passou a abrigar grandes casarões de propriedade de donos de engenho de erva-mate que se estabeleceram na capital (Figura 28).



Figura 28. Rua Comendador Araújo em 1906. Disponível em Curitiba (2015a).

O trecho final da rua, mais afastado do centro, inserido inteiramente no bairro Batel, sofreu processo de tombamento no ano de 2004, tendo seu entorno edificado protegido por normativas para ocupação e tratamento dos edifícios remanescentes. (Figura 29).

Hoje a rua constitui um dos mais importantes eixos de pedestres que fazem a ligação entre o Centro e o bairro do Batel, relevante núcleo de comércio, serviços e de vida noturna das cercanias da região central. Ao longo da via, estão concentradas inúmeras lojas, restaurantes, hotéis e edifícios comerciais que se beneficiam dos largos passeios em ambos os lados da via. Estes passeios são conformados por um desenho urbano homogêneo que implementa padronização de desenho de calçadas, equipamentos urbanos e iluminação pública (Figura 30).





Figura 29. Aspecto atual de alguns dos casarões que fazem parte do tombamento da Rua Comendador Araújo. Acervo do autor, 2016.



Figura 30. Rua Comendador Araújo. Ligação entre o Centro e o bairro do Batel. Acervo do Autor, 2016.

A arborização pública bastante expressiva ao longo de toda via proporciona um atraente e aprazível ambiente para caminhada. O trânsito veicular é de caráter local e oferece faixas para estacionamento ao longo de toda rua.

## SELEÇÃO DOS EDIFÍCIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os edifícios objeto do estudo empírico foram definidos observando-se *a priori* suas qualidades no cumprimento de seu papel urbano para o entorno onde estão implantados. Tais qualidades podem ser caracterizadas como a marcação dos acessos aos pavimentos superiores desde o pavimento térreo dos edifícios, multiplicidade de usos dos primeiros pavimentos, presença de espaços de uso coletivo, como praças dentro dos domínios do lote urbano.

A partir do recorte e caracterização do eixo de análise e da seleção do conjunto de edifícios, partiu-se para aplicação dos procedimentos descritos abaixo em cada um dos nove edifícios e de seu entorno imediato.

### 1. DESCRIÇÃO

Levantamento das características principais e contextualização dos edifícios no tempo e espaço da cidade. Recorreu-se a fontes bibliográficas e documentais em arquivos públicos para inventariar os elementos necessários a elaboração da descrição e análise. Um croqui baseado em dados cadastrais mostra as plantas dos primeiros pavimentos do edifício, indicando posição de tomadas fotográficas apresentadas em mosaico.

## 2. MOSAICO FOTOGRÁFICO

Levantamento fotográfico de cada um dos edifícios, buscando ilustrá-lo e registrar aspectos de sua inserção urbana.

## 3. CORTES URBANOS

Elaboração de cortes urbanos voltados para cada um dos edifícios, compreendendo seus entornos imediatos. Definiu-se uma extensão de 160 m para cada um dos cortes ao longo da via compreendida no eixo do estudo. Procurou-se posicionar os edifícios objeto de estudo na porção central do desenho do corte urbano (Figura 31).

A montagem dos cortes urbanos segue procedimentos explorados no Capítulo 2. Cada um dos edifícios, identificado por um caractere alfabético, corresponde a um respectivo corte urbano, a saber:

A	PROCURADORIA DA REPÚBLICA	CORTE URBANO A
B	Galeria Lustosa	CORTE URBANO B
C	AGÊNCIA BAMERINDUS	CORTE URBANO C
D	EDIFÍCIO TIJUCAS	CORTE URBANO D
E	EDIFÍCIO ASA	CORTE URBANO E
F	EDIFÍCIO PROVEDOR ANDRÉ DE BARROS	CORTE URBANO F
G	<i>EXECUTIVE CENTER EVEREST</i>	CORTE URBANO G
H	<i>UNIVERSE LIFE SQUARE</i>	CORTE URBANO H
I	<i>EVOLUTION TOWERS</i>	CORTE URBANO I

Quadro 3. Identificação dos edifícios objeto de estudo e respectivos cortes urbanos. Elaborado pelo autor, 2016.

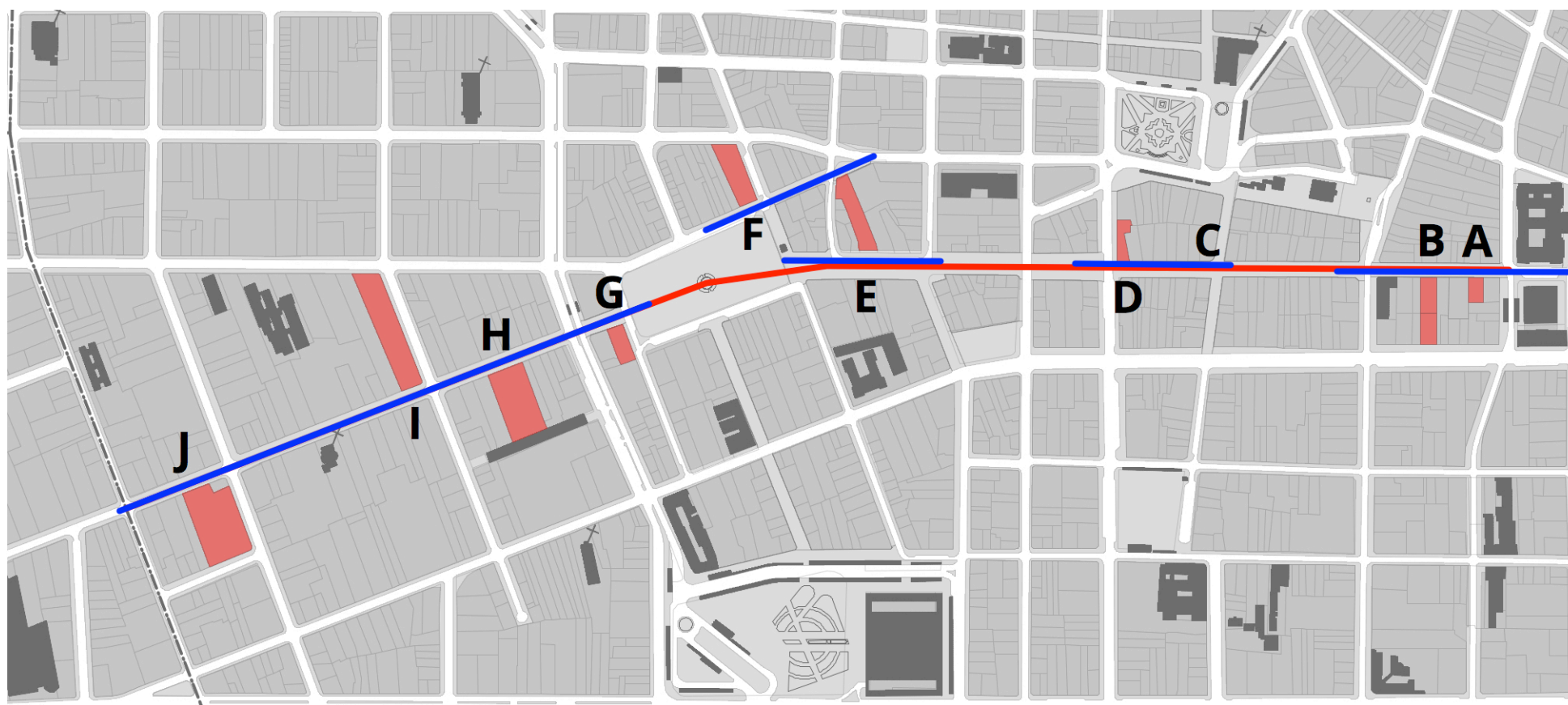


Figura 31. Planta de situação dos edifícios e posicionamento dos cortes urbanos ao longo do eixo de estudo. Elaborado pelo autor, 2015.

Conforme representado na planta de localização, os cortes urbanos posicionam-se ao longo do eixo voltados para a fachada do edifício que tangencia o logradouro onde este se situa.

#### 4. ANÁLISE GRÁFICA

De modo a estruturar a análise, os critérios a serem identificados nos cortes urbanos estão sintetizados no quadro abaixo (Quadro 4).

ATRIBUTO	CRITÉRIOS DE ANÁLISE	
TEMPORALIDADE	RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS	INTERSTICIALIDADE CONTIGUIDADE
	RELAÇÕES EDIFÍCIO/ ESPAÇO URBANO	DIRETA INDIRETA
DIVERSIDADE	USO	HABITAÇÃO E HOSPEDAGEM EMPRESARIAL COMERCIAL E SERVIÇOS INSTITUCIONAL E CÍVICO LAZER E ESTAR CIRCULAÇÃO E ACESSO
SIMULTANEIDADE	GRADAÇÃO PÚBLICO/ PRIVADO	ÁREAS PRIVATIVAS DE USO RESTRITO ÁREAS PRIVATIVAS DE USO COMUM ÁREAS DE USO COLETIVO CONTROLADO ÁREAS ABERTAS DE USO COLETIVO

Quadro 4. Síntese dos critérios de análise da urbanidade material. Elaborado pelo autor, 2016.

As análises dos atributos de cidade de temporalidade, simultaneidade e diversidade, bem como identificação dos elementos arquitetônicos foram efetuadas graficamente



através de manchas coloridas que definem os critérios de análise de cada atributo.

Chamadas textuais identificam elementos arquitetônicos ocorrentes no edifício. A análise gráfica é elaborada na totalidade do corte, compreendendo o entorno urbano imediato do edifício analisado, ao passo que os elementos arquitetônicos são identificados no objeto de estudo (Figura 32).

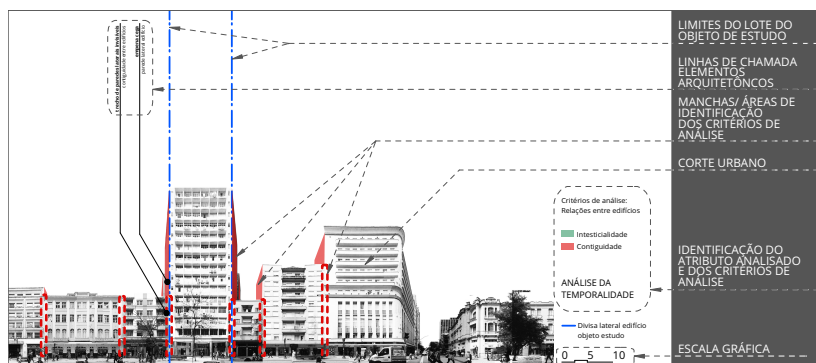


Figura 32. Esquema explicativo do procedimento de análise gráfica sobre o corte urbano. Para cada um dos edifícios são efetuados 4 conjuntos de análises gráficas, correspondente aos critérios de análise. Sobre os cortes, representados em tons de cinza, sobrepõe-se manchas coloridas que identificam os critérios de análise e elementos através das linhas de chamada. O edifício objeto de estudo destaca-se através de suas divisas laterais, representadas no corte com linha traço-e-ponto na cor azul. Elaborado pelo autor, 2016.

## 5. SEQUÊNCIAS TEXTUAIS E CROQUIS

A síntese da análise de cada atributo analisado é explicitada em sequências textuais, a partir de critérios de análise gráfica representados sobre os cortes urbanos. Adicionalmente, quando necessário recorreu-se a levantamento fotográfico e a complementação de pesquisa de campo.

Para cada atributo analisado, apreendem-se tanto os aspectos gerais do *entorno imediato* do edifício analisado

como os aspectos particulares da *inserção do edifício*, os quais são separadamente percorridos na sequência textual.

Croquis elaborados pelo autor buscam ampliar o entendimento e exposição da análise dos critérios, ilustrando ocorrências de maior relevância.

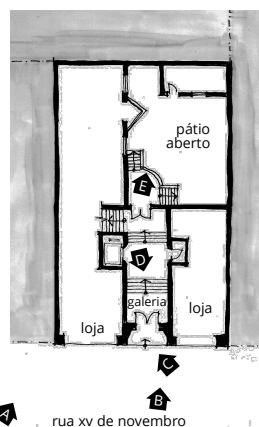
## ANÁLISE DOS EDIFÍCIOS

### A. PROCURADORIA DA REPÚBLICA

Projetado em 1935 e construído em 1936 pelo engenheiro-arquiteto Eduardo Fernando Chaves (1892-1944), o edifício implanta-se em um lote de 456 m<sup>2</sup>, encerrando uma área de 2.527 m<sup>2</sup> distribuídos em 6 pavimentos e um subsolo. Originalmente concebido para sediar a sucursal da Companhia Sul América na capital paranaense, décadas depois, o edifício passou a abrigar os escritórios da Procuradoria da República do Paraná sendo atualmente ocupado por áreas de arquivamento e depósitos da instituição após esta ter sido relocada para outro edifício do centro da cidade.

O edifício é formado por um corpo único que ocupa o lote conformando duas alas que configuram um pátio de fundos. A partir da rua, percebe-se uma fachada regular que apresenta a distinção clássica no tratamento volumétrico entre embasamento, corpo e coroamento. A simetria e regularidade são características marcantes na composição das aberturas.

O embasamento, no nível da rua, apresenta três aberturas idênticas que dão acesso a duas lojas de 84 e 200 m<sup>2</sup> que centralizam o acesso ao pavimento térreo e aos demais 5 pavimentos de 292 m<sup>2</sup> que antes serviam às atividades da companhia de seguros. As aberturas de dimensões idênticas formam um pórtico cuja volumetria é reforçada pelo acabamento em mármore. Os demais pavimentos configuram o corpo e o coroamento do edifício, caracterizado pelo recuo da fachada que dá lugar a um terraço no 6º pavimento.



0 — 5 — 10

INDICAÇÃO FIGURAS

PAVIMENTO TÉRREO

Figura 33. Procuradoria da República. Planta esquemática do pavimento térreo. Croqui elaborado pelo autor, 2015.



Figura 34. Mosaico fotográfico do edifício da Procuradoria da República. A: edifício visto desde a rua; B: vista do acesso e uma das lojas; C: vista interna desde o hall de entrada; D: recuo na fachada para abrigar a porta de acesso; E: pátio interno em desuso. Elaborado pelo autor, 2015.

## A.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE A, FIGURA 37)

### ENTORNO IMEDIATO

Partindo de uma análise geral do corte urbano A quanto às relações entre edifícios vizinhos, observamos a predominância de contiguidade entre edifícios, promovendo um aspecto de continuidade edificada no entorno analisado. Cada edifício ocupa toda a largura do lote onde é implantado, não sendo observados espaços intersticiais entre eles.

A homogeneidade de gabarito entre a maior parte dos edifícios contribui para a percepção de um bloco horizontal que se contrapõe às verticalidades pontuais apresentadas por edifícios isolados (Figura 35). Essa situação promove o desnudamento das empenas laterais cegas desses edifícios de maior gabarito, devido ao fato de estes estarem alinhados com o plano confrontante entre lotes.

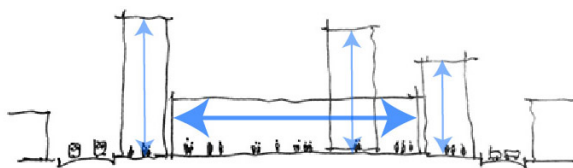


Figura 35. Horizontalidade do entorno edificado. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício da Procuradoria da República apresenta contiguidade total com os ocupantes dos lotes vizinhos.

À esquerda, o edifício de 15 pavimentos, cujas características formais e construtivas indicam este ser de idade mais recente que a de nosso objeto de estudo, apresenta sua parede lateral confrontante com a

divisa de lotes como um elemento arquitetônico de empena lateral cega, na porção acima do trecho de contiguidade.

A diferença de gabarito de ambos os edifícios promove grande evidência dessa empena (Figura 36). Já à direita, nosso objeto de estudo confronta-se com um edifício de gabarito ligeiramente menor.

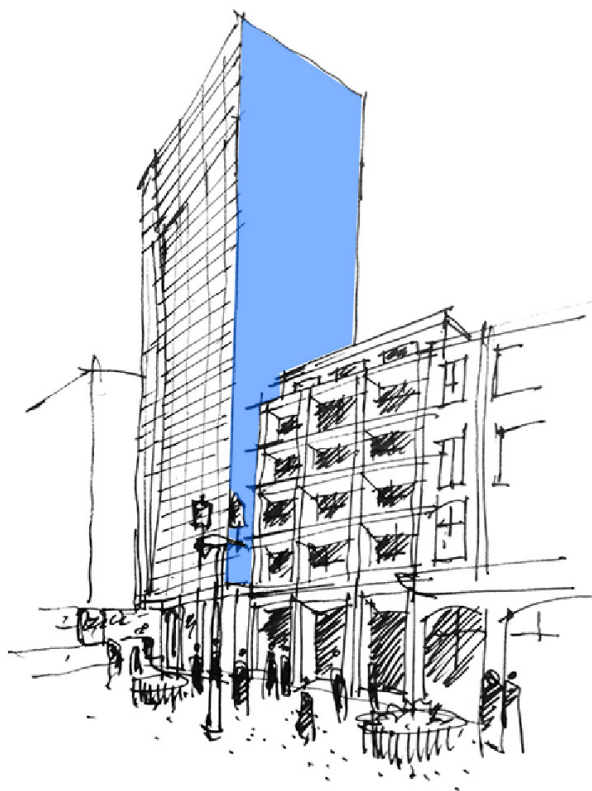


Figura 36. Empena cega do edifício vizinho. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

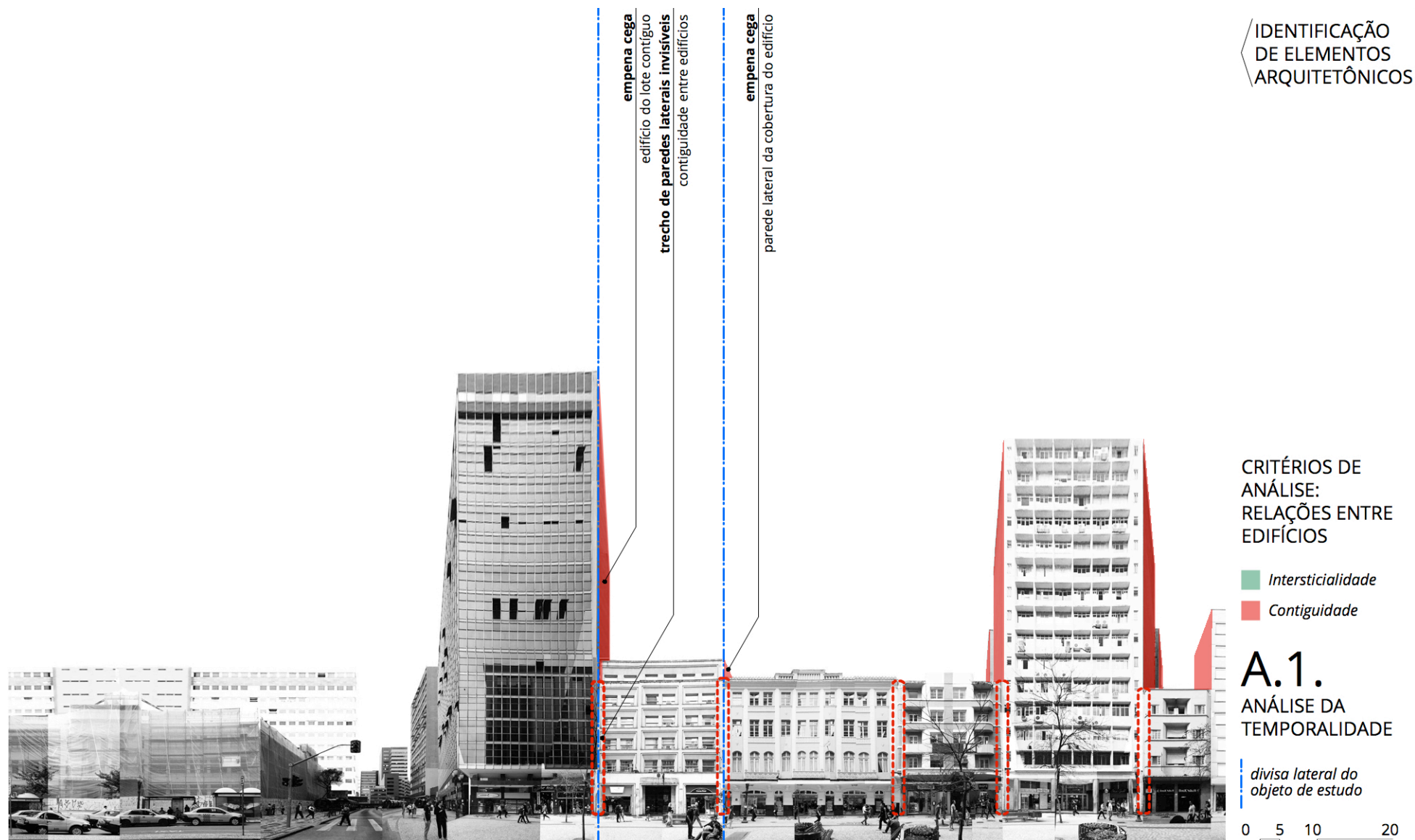


Figura 37. Corte urbano A. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015



## A.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE A, FIGURA 40)

### ENTORNO IMEDIATO

A análise da articulação entre edifício e espaço urbano no corte mostra que há o predomínio de relações de ordem direta, estando a maioria dos edifícios do trecho alinhados com o plano confrontante entre lote e espaço urbano. Podemos observar, entretanto, algumas situações em que a fachada ou trechos do pavimento térreo encontram-se ligeiramente recuados com relação a esse plano, como que numa tentativa de dar evidência a esse nível frente à rua.

Todos os edifícios do trecho analisado apresentam aberturas voltadas para o espaço urbano, ao nível do pavimento térreo, dando acesso a estabelecimentos comerciais ali existentes e aos usos dos demais pavimentos.

As fachadas dos edifícios do entorno, nos trechos acima do pavimento térreo, encontram-se, em sua maior parte, alinhadas com os limites frontais dos lotes. Excetuando-se os edifícios de mais alto gabarito do trecho, que tem seu volume projetando-se em balanço sobre o espaço da rua, os elementos que se projetam em balanço são marquises que protegem os acessos do térreo e volumes de varandas (Figura 38).

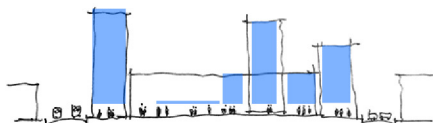


Figura 38. Elementos que avançam sobre a rua. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício objeto de estudo apresenta tanto relação direta como indireta com o espaço urbano. A relação direta ocorre nas aberturas extremas,

que caracterizam os acessos às duas lojas do pavimento térreo. Já a relação indireta ocorre na abertura central, como que num esforço de projeto em evidenciar o acesso aos pavimentos superiores do edifício. O recuo do plano de acesso em relação ao plano confrontante com a rua gera uma quebra da continuidade da relação direta que a maioria dos edifícios do trecho apresenta.

As três aberturas existentes no pavimento térreo conformam um pórtico de embasamento para edifício, onde se percebe tratamento especial nos revestimentos e detalhes construtivos. A superfície do pórtico de embasamento é revestida em mármore travertino, com detalhes de emolduramento das aberturas, diferentemente dos demais pavimentos, que são revestidos em massa raspada. A esquadria de acesso principal é constituída de ferro e vidro impresso, em um desenho bastante elaborado, contrastando com a limpeza das esquadrias dos pavimentos superiores.

Outro elemento de quebra de continuidade da fachada urbana pode ser observado no pavimento de cobertura, que, ao recuar-se do plano da fachada, dá espaço a um terraço descoberto. A diferença de gabarito entre o edifício estudado e seu confrontante à direita torna-se imperceptível devido a existência desse terraço, que ocupa toda extensão da fachada do edifício. O peitoril do terraço do edifício estudado alinha-se com a platibanda de seu vizinho, promovendo uma continuidade visual do edifício com seu entorno (Figura 39).

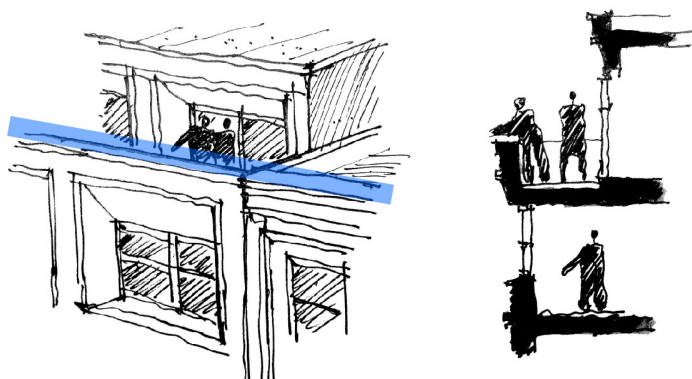


Figura 39. Terraço descoberto promove situação de continuidade visual das fachadas. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

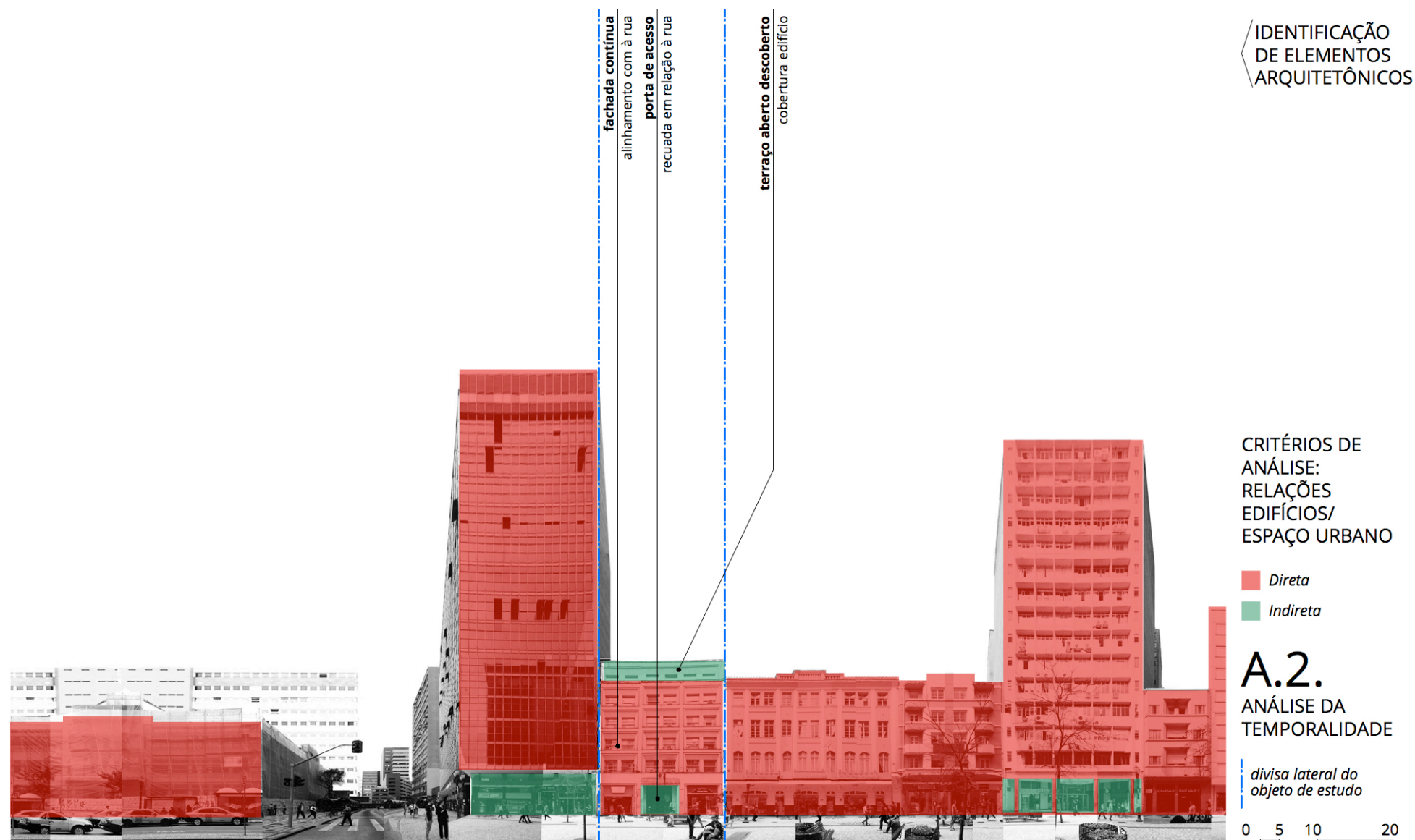


Figura 40. Corte urbano A. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### A.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE A, FIGURA 42)

#### ENTORNO IMEDIATO

Os edifícios do entorno analisado seguem um certo padrão de ocupação, constituindo-se em sua maioria de edifícios com uso empresarial nos pavimentos das torres, com ocupação de comércio e serviços no térreo. Há uma ocorrência de edifício de uso institucional, representada pela agência de Correios, edifício representante da estética *art-déco* que atualmente sofre obras de revitalização.

A diversidade de usos, no nível do pavimento térreo, ocorre pela variedade de espaços comerciais como farmácias, loja de lembranças turísticas, chocolateira, comércio de roupas, calçados, acessórios, cafeterias, loja de departamentos, galeria comercial.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 41)

O edifício que outrora fora ocupado por escritórios da Procuradoria da República, encontra-se com suas salas existentes nos pavimentos superiores ociosas, aguardando novos usos.

O pavimento térreo conjuga dois usos principais: comércio, realizado nas lojas que fazem frente para a Rua XV de Novembro e um pátio localizado nos fundos do lote, que fora utilizada como praça nos tempos em que o edifício era ocupado pela instituição pública. Há indícios de que o pátio fora arborizado, o que teria sido bastante propício à atividade de estar.

Dessa forma, podemos apreciar certa diversidade de usos e de formas construídas que diferenciam o edifício em estudo ao padrão estabelecido pelos seus vizinhos do entorno.



rua xv de novembro

PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- |   |   |
|---|---|
| <span style="color: #00FFFF;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: #FF00FF;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: #8000FF;">■</span> Empresarial              | <span style="color: #FFA500;">■</span> Lazer e estar          |
| <span style="color: #008000;">■</span> Comercial e serviços     | <span style="color: #FF0000;">■</span> Circulação e acesso    |

Figura 41. Planta esquemática do pavimento térreo da Procuradoria da República. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

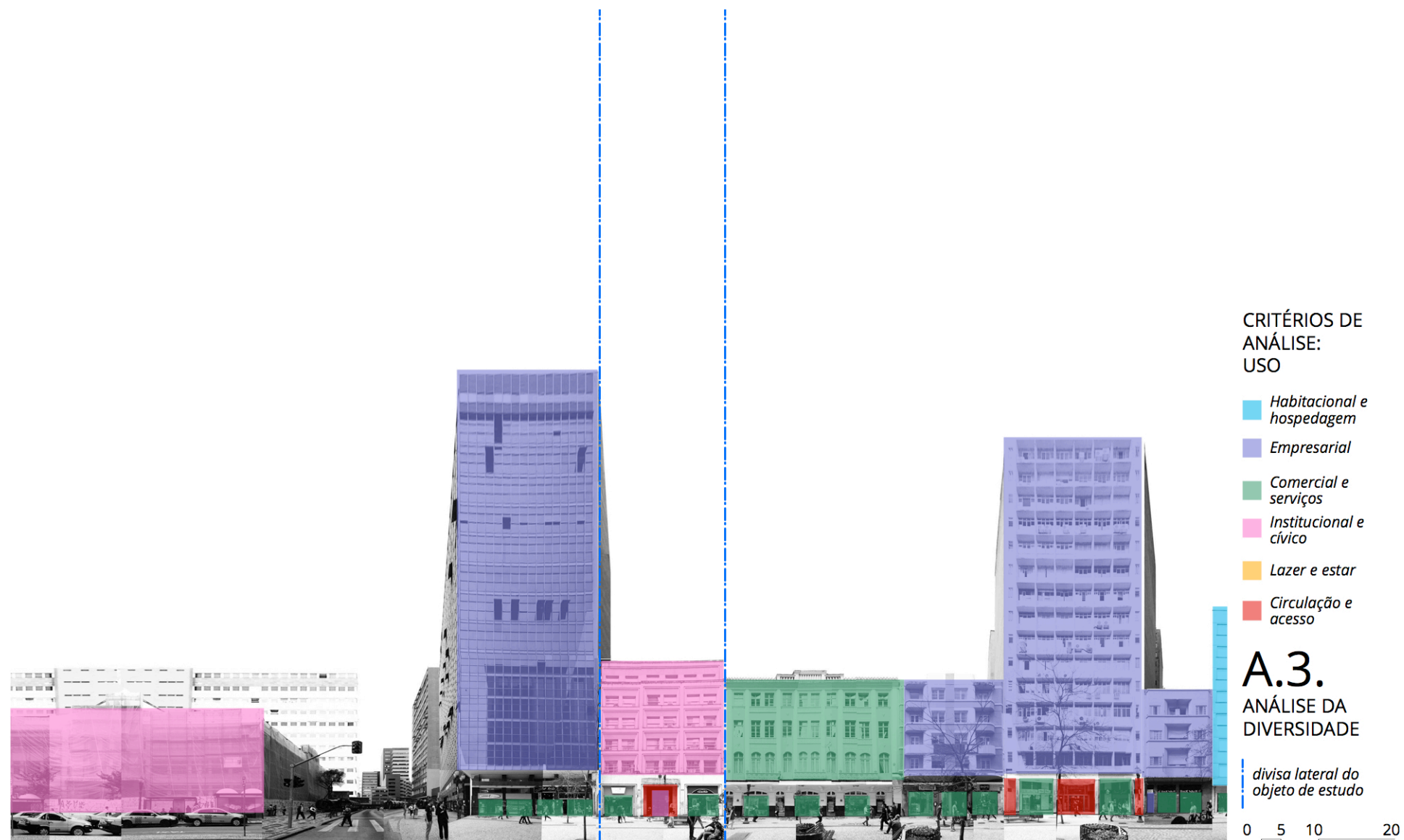


Figura 42. Corte urbano A. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## A.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE A, FIGURA 44)

### ENTORNO IMEDIATO

Ao representarmos no corte A as variações de gradações entre os domínios público e privado, podemos observar que prevalecem no entorno áreas privadas de uso comum, ocupadas principalmente por espaços comerciais junto à rua além de dois edifícios ocupados pela agência de Correios e por uma loja de departamentos.

Os demais edifícios apresentam usos privados com acesso restrito aos seus pavimentos superiores, característica inerente a escritórios empresariais de instituições públicas ou de iniciativa privada.

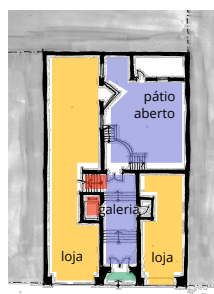
Ao nível da rua, predominam áreas privadas de uso comum, representadas por lojas. Podemos observar duas situações de espaços de uso coletivo, proporcionadas pela configuração formal do pavimento térreo dos edifícios, onde recuos de fachada definem áreas de usos coletivo abertas para o acesso às áreas coletivas com controle de acesso.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 43)

O edifício da Procuradoria da República apresenta moderado grau de simultaneidade entre usos públicos e privados. Os espaços que representam essa simultaneidade são a galeria de acesso e o pátio aberto, localizado aos fundos do lote.

A proposta inicial desse pátio parecia vir ao encontro de proporcionar um espaço de uso coletivo tanto aos usuários do edifício, como aos que frequentavam os espaços comerciais do térreo, já que este se comunicava fisicamente com o fundo das lojas através de portas ou planos envidraçados.

O espaço gerado pelo recuo da porta de acesso ao edifício gera uma área dentro dos domínios do lote que se torna urbana, dado seu contato direto com a rua e sua ausência de controle. Podemos caracterizar esse pequeno gesto compositivo como um embrião dos espaços de uso coletivos abertos que serão apresentados nos outros edifícios estudados.



rua xv de novembro

PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 43. Planta esquemática do pavimento térreo da Procuradoria da República. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



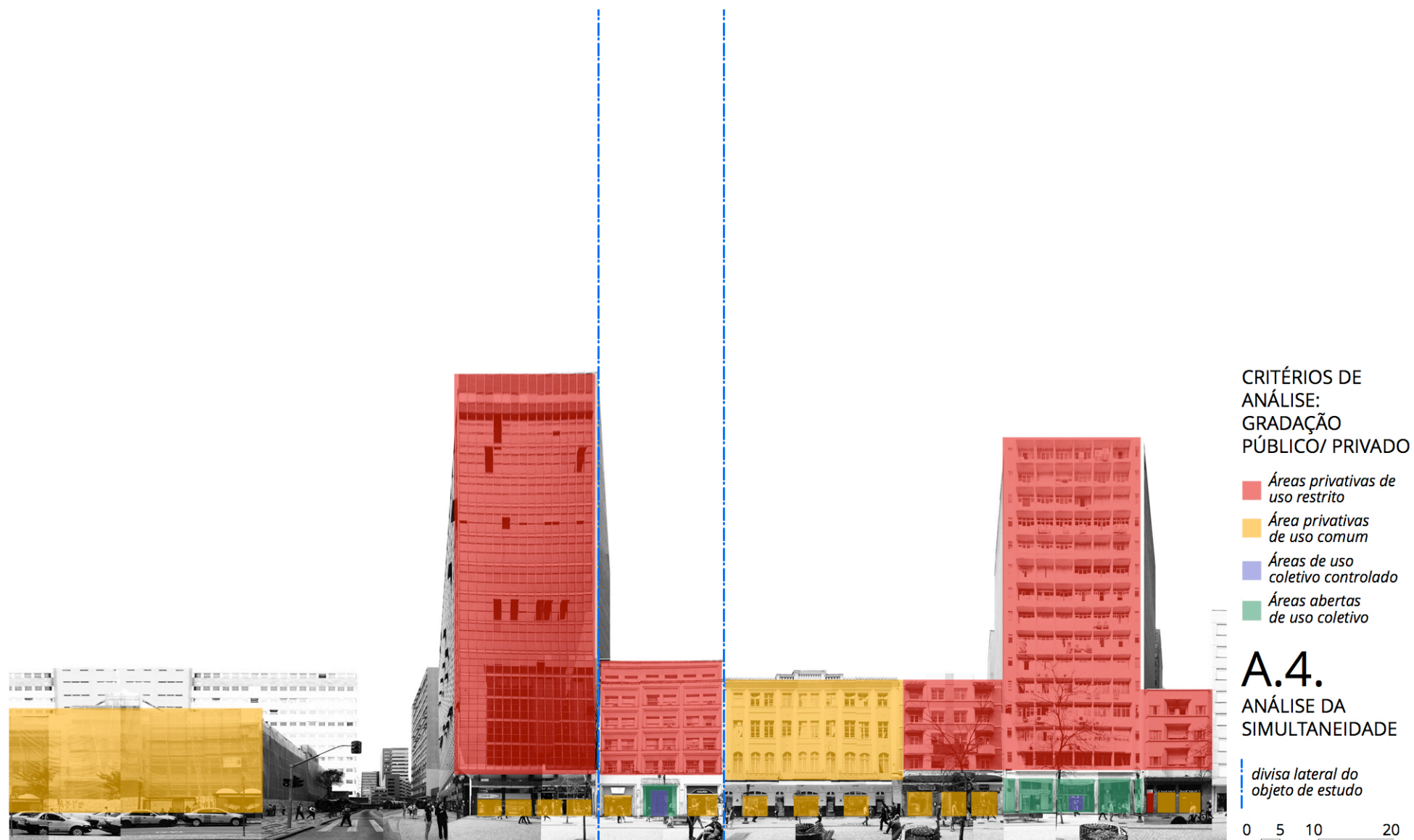


Figura 44. Corte urbano A. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## B. GALERIA LUSTOSA

A Galeria Lustosa caracteriza-se como a primeira galeria comercial construída em Curitiba que faz ligação entre duas vias, a Rua XV de Novembro e a Rua Marechal Deodoro. O espaço da galeria faz parte de um complexo de dois edifícios aos quais cede acesso através da passagem que configura.

O edifício voltado para a Rua XV de Novembro foi construído em 1953 e ocupa uma porção de lote de 666 m<sup>2</sup> da totalidade do lote e tem área construída 6.012 m<sup>2</sup> distribuídos em 15 pavimentos. Conta com 127 conjuntos comerciais e lojas com área média de 45 m<sup>2</sup>.

O outro edifício, denominado Edifício Visconde de Taunay, faz frente para a Rua Marechal Deodoro e caracterizou-se como uma segunda fase de implantação, completando o complexo com uma torre residencial de 18 pavimentos. Construído em 1958 na porção livre remanescente do lote com 664 m<sup>2</sup>, o edifício conta com 68 apartamentos de 115 m<sup>2</sup>, somando uma área construída de 8.233 m<sup>2</sup>. A galeria vence o desnível entre as duas ruas com piso levemente rampeado e serve a 14 lojas.

O conjunto é formado pelo embasamento que abriga a galeria que apoia o conjunto das duas torres, igualmente configuradas por dois volumes prismáticos. Enquanto o caráter formal da galeria se mantém único ao longo de toda sua extensão, as duas torres distinguem-se na expressão plástica. A torre comercial, voltada para a Rua XV tem sua fachada principal de orientação norte formada por uma grelha que define as aberturas. Já a torre residencial, voltada para a Rua Marechal Deodoro apresenta uma paginação de aberturas configurando linhas verticais.





Figura 46. Mosaico fotográfico do edifício da Galeria Lustosa. A: fachada do edifício vista desde a rua; B: vista da porção térrea do edifício; C: vista do acesso à galeria; D: vista do pórtico de acesso desde a esquerda; E: vista do pórtico de acesso desde a direita. Elaborado pelo autor, 2015.

## B.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE B, FIGURA 49)

### ENTORNO IMEDIATO

Ao analisarmos as relações entre edifícios do corte B, que representa a continuação do corte elaborado para o edifício A, observamos que a contiguidade segue sendo a característica predominante nas formas de articulação entre os edifícios. O trecho apresenta edificações de diversos gabaritos, todas elas ocupando a largura total dos lotes. Essa configuração torna evidente um conjunto de empenas laterais presentes nas divisas (Figura 47).

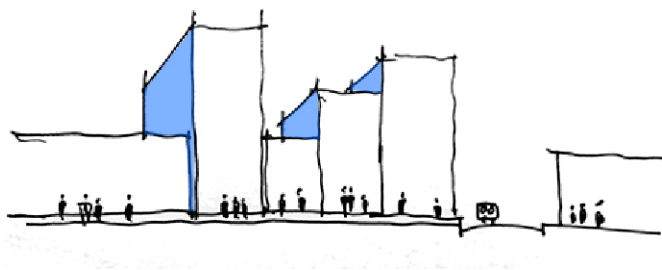


Figura 47. Conjunto de empenas cegas. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

Nosso objeto de análise apresenta contiguidade total com ambos os edifícios ocupantes dos lotes vizinhos à esquerda e à direita. Seu gabarito de 15 pavimentos evidencia-se perante estes, com 4 e 5 pavimentos, desnudando suas paredes laterais que alinham-se com as divisas laterais do lote que o mesmo ocupa, em uma formação de empenas laterais cegas evidentes em toda a profundidade do lote (Figura 48). Por se tratar de um edifício construído em tempo posterior aos de seus vizinhos, não observa-se intenções formais evidentes na volumetria do edifício que possa ser caracterizada como uma busca de

adequação ao contexto existente, como a que fora observada no edifício A. Dessa forma, a contiguidade de edifícios evidencia suas diferenças formais, acentuada pela diferença de escala entre o edifício e seus vizinhos.

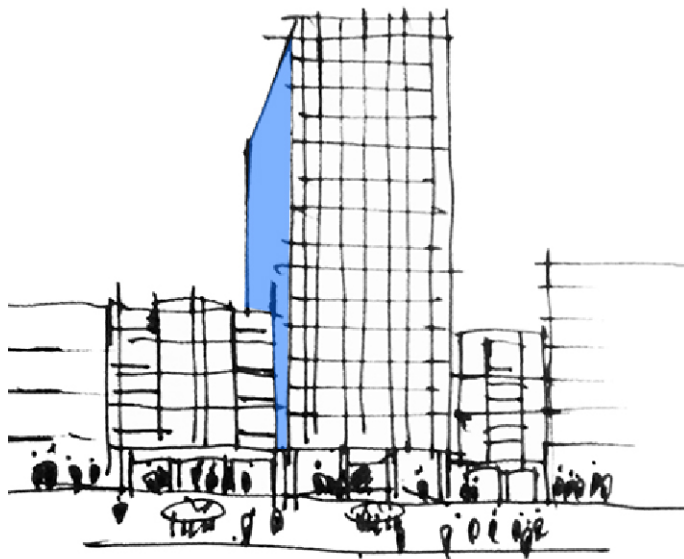


Figura 48. Empena cega na lateral do edifício. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



## IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

### CRITÉRIOS DE ANÁLISE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

- *Intersticialidade*
- *Contiguidade*

### B.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE

*divisa lateral do  
objeto de estudo*

0 5 10 20

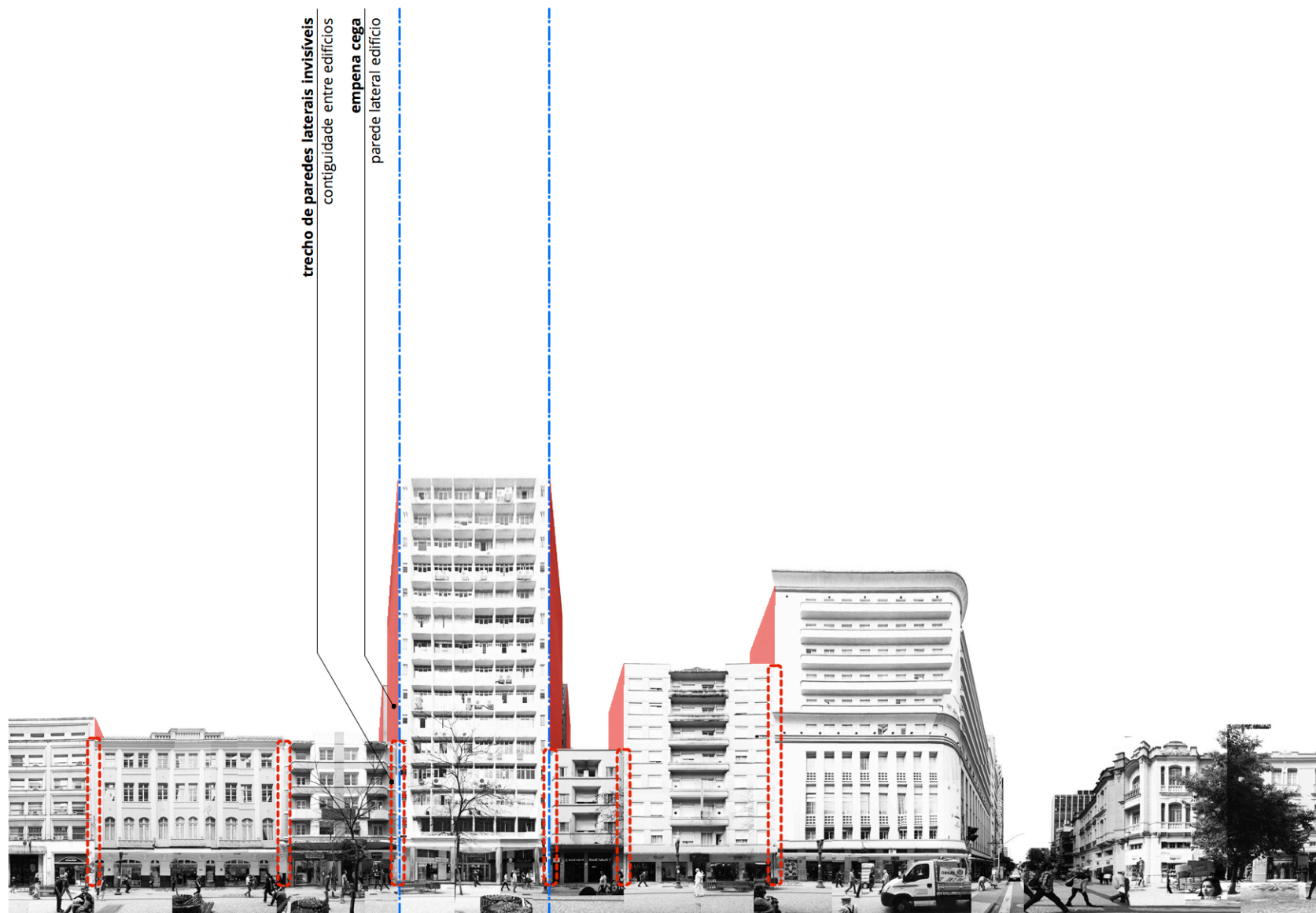


Figura 49. Corte urbano B. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## B.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE B, FIGURA 52)

### ENTORNO IMEDIATO

A análise do entorno do edifício B nos mostra a predominância de relações diretas entre edifício e espaço urbano. A exceção se dá justamente em nosso objeto de estudo, que se destaca de seus vizinhos por apresentar a fachada do pavimento térreo recuada, formando um pórtico de acesso à Galeria Lustosa, no qual evidenciam-se os pilares que estruturam a torre (Figura 50)

Sendo o corte analisado a continuação do corte A, anteriormente apresentado, observa-se de modo análogo, a existência de aberturas de acesso em todos os edifícios do trecho.

Observa-se que parte dos volumes edificados acima do pavimento térreo projetam-se sobre a rua em balanços.

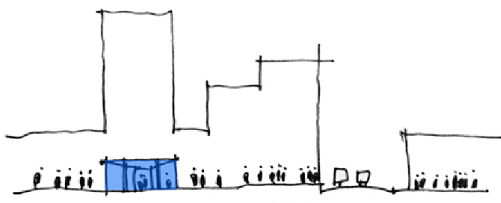


Figura 50. Acesso à Galeria Lustosa promove a quebra da continuidade de relações diretas entre edifícios e espaço urbano. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

A relação indireta caracterizada pelo pórtico de acesso à Galeria Lustosa, promove um espaço coberto que protege as lojas ali existentes ao mesmo tempo que marca o acesso ao conjunto de edifícios.

As paredes recuadas da fachada do pavimento térreo, revestidas em pastilhas vítreas, são levemente inclinadas em direção ao acesso da galeria, centralizado na composição do edifício. Esta configuração parece



promover um reforço na identificação do acesso, por direcionar o olhar do observador. O revestimento dos pilares em aço inoxidável contribui para dar evidência ao pórtico de acesso promovendo uma atmosfera de nobreza para o acesso.

A existência de um desnível entre o espaço urbano da rua e o pórtico coberto, caracteriza um patamar elevado. Esse elemento parece caracterizar-se como uma busca de materialização da transição entre a rua e a galeria, impondo entretanto a necessidade da existência de uma rampa para garantir a acessibilidade, além de prejudicar a fluidez de fluxo de transeuntes entre a rua e o pavimento térreo do edifício (Figura 51).

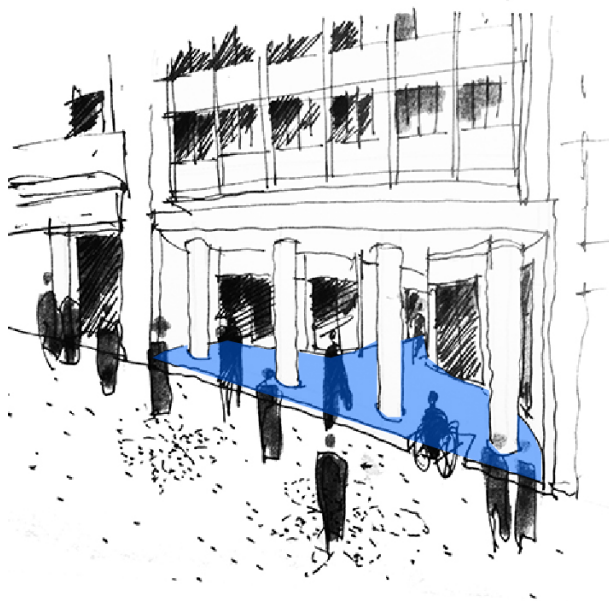


Figura 51. Patamar elevado no acesso à galeria. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



Figura 52. Corte urbano B. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### B.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE B, FIGURA 54)

#### ENTORNO IMEDIATO

A continuidade do corte A, representada pelo corte B em análise, apresenta grande variedade de usos nos pavimentos superiores, variando entre hotelaria, instituição pública municipal, comércio de grande porte e uso empresarial.

Analogamente ao que ocorre no edifício A, o pavimento térreo da maior parte das edificações é ocupado com lojas que se voltam diretamente para a Rua XV de Novembro, contribuindo para afirmação de seu caráter comercial. Encontram-se ali espaços comerciais, cuja versatilidade das configurações arquitetônicas das lojas que estes ocupam, permite os mais variados usos, como comércio de vestuário, acessórios femininos e calçados, lanchonetes e cafés, óticas e comércio de telefonia celular.

O acesso aos demais usos dos edifícios que ocorrem nos pavimentos superiores se dá através de portas de acesso intercaladas com as vitrinas e acessos aos espaços comerciais. Estes dispositivos de acesso, não raramente passam despercebidos aos olhos dos que por ali transitam.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 53)

O conjunto edificado que forma a Galeria Lustosa, constitui-se de um edifício de múltiplo uso, conjugando uso empresarial e residencial nas duas torres e comércio e serviços na galeria térrea.

A galeria constitui-se de um eixo de ligação entre duas vias, servindo ao acesso das 14 lojas ali presentes, bem como ao acesso aos elevadores e escadas que servem aos edifícios. O *mix* de lojas congrega comércio de rua e serviços variados, como salão de beleza ou lanchonetes. Não observa-se a configuração de espaços reservados para o acesso aos edifícios, como portarias e saguões, sendo os elevadores diretamente conectados ao eixo da galeria. A largura da galeria permanece invariável, não sendo observando alargamento da mesma na região do acesso aos pavimentos superiores. Observa-se a existência de espaços destinados a balcão para porteiros e pessoal de controle, contiguamente ao corredor da galeria.

A configuração formal do espaço dos pórticos de acesso à galeria parece proporcionar a condução do pedestre ao edifício de maneira natural, e com bastante adequação à escala do complexo de múltiplo uso, tanto pela largura do acesso como pelo pé direito duplo da galeria.



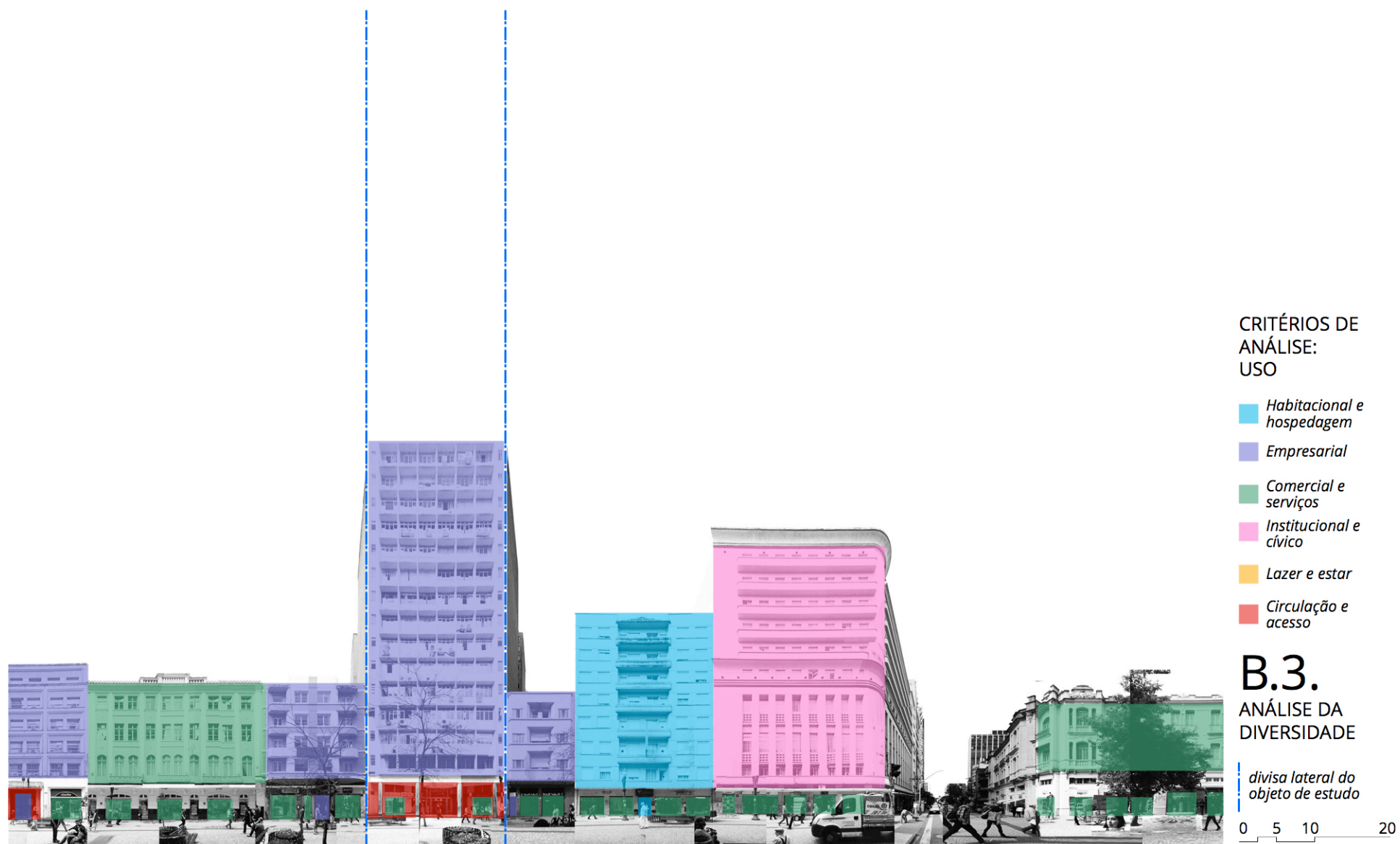


Figura 54. Corte urbano B. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## B.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE B, FIGURA 56)

### ENTORNO IMEDIATO

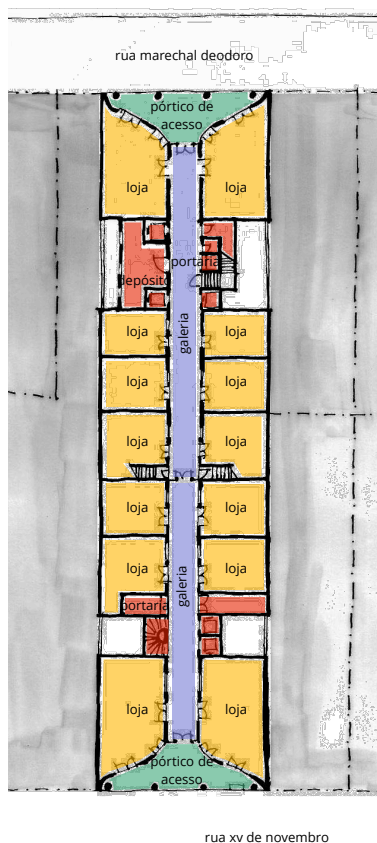
As gradações entre os domínios público e privado representadas nas manchas no corte B mostram predomínio de uso privado nos pavimentos dos edifícios, dada a natureza das ocupações que ali ocorrem. Alguns edifícios encerram áreas privadas de uso comum em seus pavimentos, como a loja de departamentos já mencionada e o edifício de uso dos serviços públicos municipais, outrora ocupado por um clube tradicional da cidade, localizado na esquina.

Sendo continuação do corte A, no nível do térreo, observamos o predomínio de áreas privadas de uso comum, representadas pelas lojas. O rompimento a essa homogeneidade se dá justamente pela configuração formal do acesso ao objeto de estudo, a Galeria Lustosa, que proporciona simultaneidade nos domínios público e privado.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 55)

A simultaneidade de usos da Galeria Lustosa fica evidente a partir da rua. O espaço aberto de uso coletivo, conformado pelo pórtico de acesso, promove articulação do edifício com o espaço urbano, dando acesso tanto às lojas que também se abrem para a rua como para a galeria. Esta, apresenta-se como espaço de uso coletivo controlado, permanecendo aberta e de livre acesso no período diurno, fechando no período noturno quando faz as vezes de hall para os edifícios.

O caráter de simultaneidade da galeria é prejudicado pela simplicidade na distribuição dos espaços de circulação. Observações efetuadas no local mostram certo conflito de fluxos circulatórios entre os que se beneficiam do atalho gerado pela galeria e seu comércio e os usuários dos edifícios, que acumulam-se no estreito corredor para obter informações e aguardar os elevadores. Da mesma forma, a identificação do acesso às torres fica prejudicada, carecendo de um elemento que garanta a identidade dos mesmos.



## PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Áreas privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 55. Planta esquemática do pavimento térreo da Galeria Lustosa. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



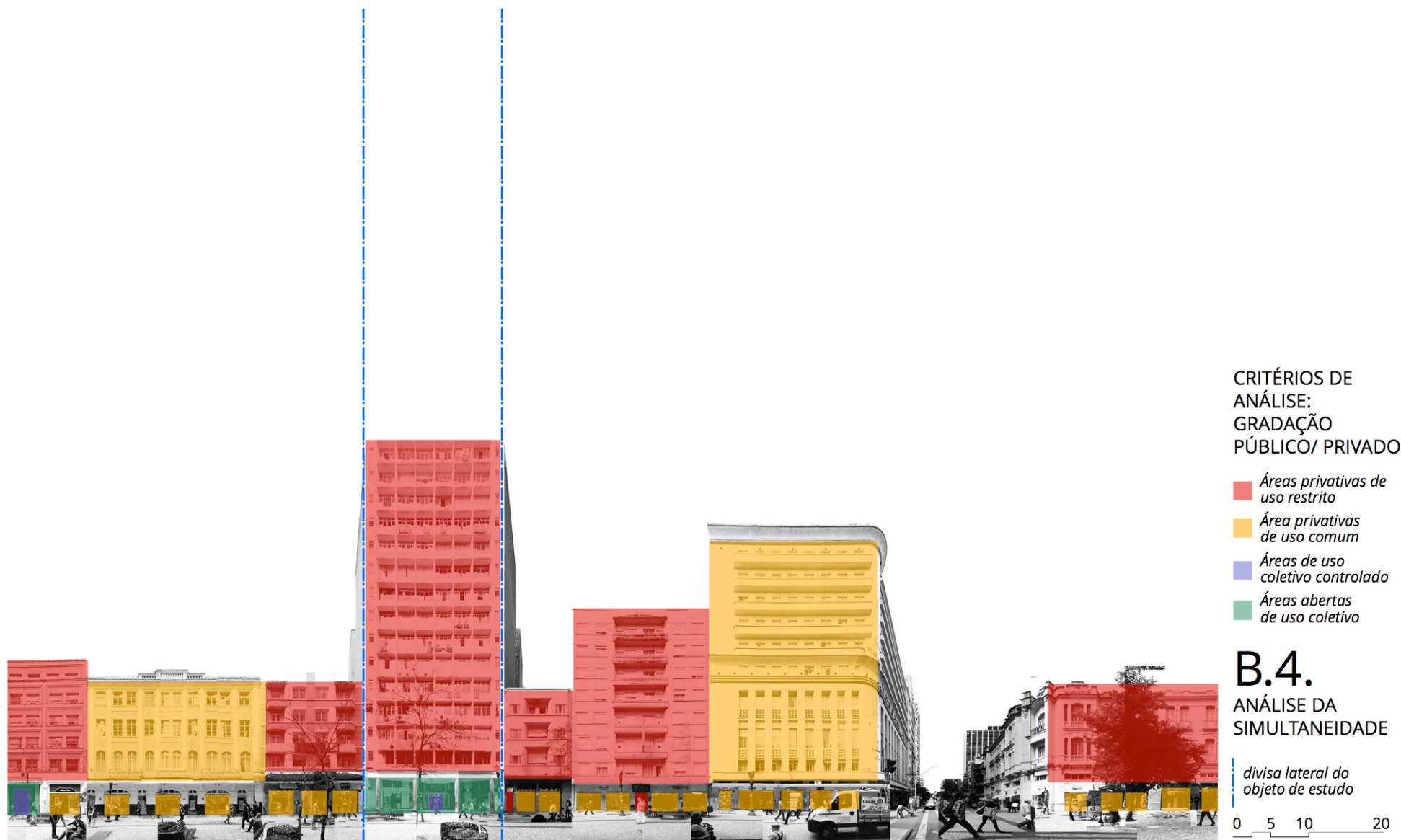


Figura 56. Corte urbano B. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.

### C. AGÊNCIA BAMERINDUS

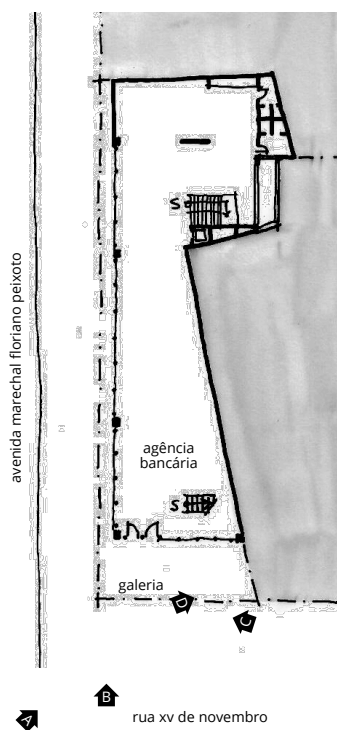
O edifício foi concebido para abrigar uma agência do extinto banco Bamerindus, no ano de 1960. O projeto do Arquiteto Rubens Meister foi a última aplicação do Plano Massa de Agache na Rua XV de Novembro (GNOATO, 2009), sendo o único, dentre os edifícios que seguiram as diretrizes do plano, a configurar a galeria coberta compulsória sem o uso de pilares junto ao alinhamento predial, se valendo de um grande balanço debruçado sobre o calçadão de pedestres.

Ocupando um lote de forma irregular de 542 m<sup>2</sup> situado na esquina com o importante eixo viário da Avenida Marechal Floriano Peixoto, o edifício tem uma área construída de 2.026 m<sup>2</sup> distribuídos em 4 pavimentos.

Apesar da irregularidade do lote, desde a rua percebe-se o edifício como um volume regular prismático opaco apoiado sobre um embasamento envidraçado intercalado com os pilares tronco piramidais. Os acessos ao interior são definidos através de pórticos com metade da altura do embasamento. O caráter formal individual do edifício é objeto de estudos que o classificam em correntes estéticas modernistas.

O edifício da Agência Bamerindus HSBC é uma interpretação brasileira do racionalismo metodológico-didático. Localizado em uma esquina, observa-se correta e bem proporcionada solução estrutural, e elegante uso de *brises-soleils* (GNOATO, 2009, p. 120).

Atualmente, o edifício segue sendo integralmente ocupado por instituição bancária, sendo que os pavimentos em contato com a rua servem a atendimento geral do público da instituição bancária e os demais, para atividades gerenciais e administrativas.



PAVIMENTO RUA XV DE NOVEMBRO

0 5 10

INDICAÇÃO FIGURAS

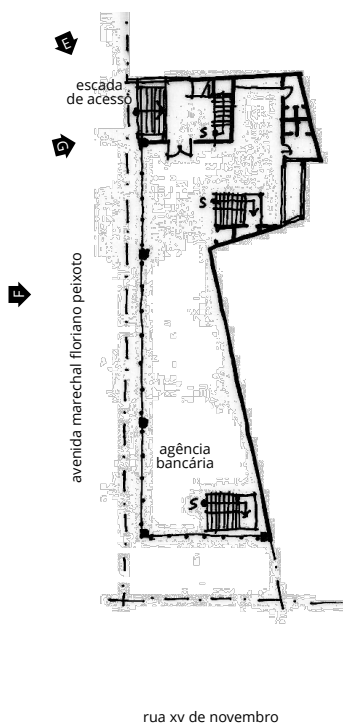
PAVIMENTO RUA MARECHAL  
FLORIANO PEIXOTO

Figura 57. Agência Bamerindus. Plantas esquemáticas dos pavimentos Rua XV de Novembro e Avenida Marechal Floriano Peixoto. Croqui elaborado pelo autor, 2015.



Figura 58. Mosaico fotográfico da Agência Bamerindus. A e B: vistas gerais do edifício a partir da rua; C: galeria coberta; D: painel artístico parede edifício lateral à direita; E e F: envidraçamento pavimentos interiores; G: acesso Avenida Marechal Floriano Peixoto. Elaborado pelo autor, 2015.

## C.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE C, FIGURA 61)

### ENTORNO IMEDIATO

O trecho urbano representado pelo corte C apresenta grande heterogeneidade de formas e gabaritos de edifícios, todos eles ocupando a largura total dos respectivos lotes, fato denunciado pela grande variedade de altura das paredes laterais.

No plano da rua, ao nível do pavimento térreo, a continuidade imposta pela galeria coberta ali existente obriga a quebra da contiguidade entre edifícios, no trecho em que ela ocorre, gerando um espaço de circulação coberta. A existência de dois edifícios remanescentes, resistentes à regulamentação do traçado do trecho urbano pelo Plano Massa, com a imposição da galeria, promove sua quebra de continuidade, através das paredes laterais dos edifícios (Figura 59).

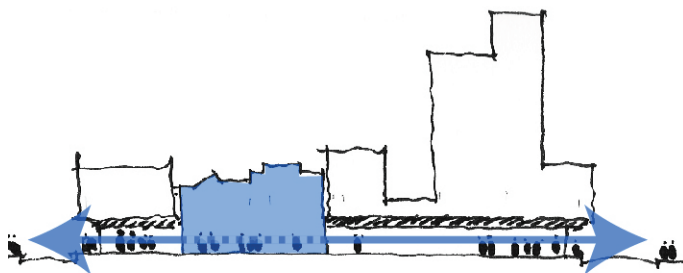


Figura 59. Quebra de continuidade da galeria do Plano Massa devido a existência de dois edifícios resistentes de idade anterior. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício objeto de estudo ocupa um lote de esquina, cuja menor frente volta-se ao eixo viário representado pelo referido corte. A contiguidade quase total com o edifício ocupante do lote vizinho é quebrada pela

presença de um trecho da parede lateral deste no nível do pavimento térreo.

A diferença de gabarito entre o edifício estudado e seu confrontante resulta no desnudamento do topo de sua parede lateral, configurando um pequeno trecho de empena cega.

O caráter racionalista da edificação, ao mesmo tempo que gera uma volumetria edificada harmônica e proporcionada, parece não promover esforços na busca de relações formais com seu vizinho, seja de igualdade de gabarito, seja de alinhamentos de esquadrias ou pavimentos (Figura 60). A temporalidade da obra parece esquivar-se das preexistências edificadas do entorno consolidado.

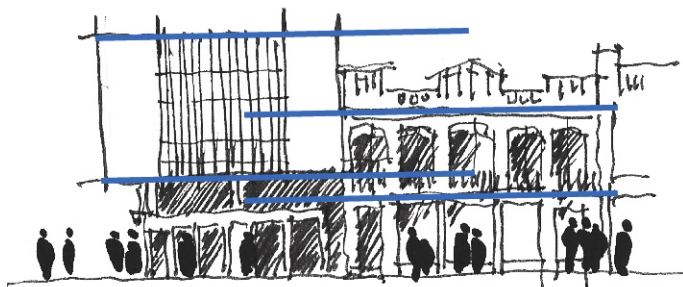


Figura 60. O edifício da Agência Bamerindus não parece traçar relações formais com seu vizinho. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



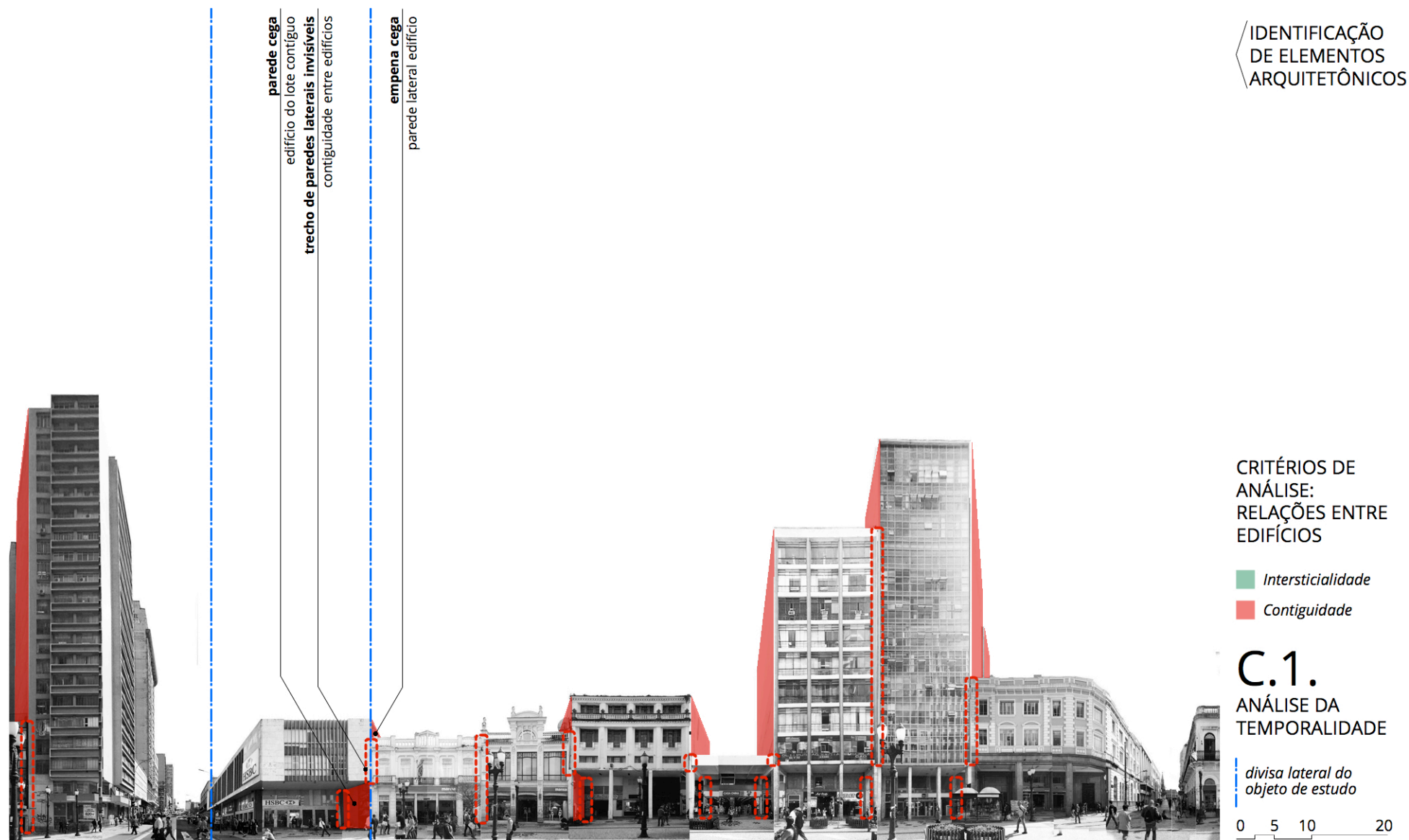


Figura 61. Corte urbano C. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015

## C.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE C, FIGURA 63)

### ENTORNO IMEDIATO

No trecho analisado predominam relações indiretas entre as os trechos de fachadas do pavimento térreo dos edifícios e o espaço urbano, configurando uma galeria coberta integrada ao espaço do calçadão. Como já analisado, dois edifícios remanescentes do traçado anterior ao Plano Massa promovem a quebra da natureza indireta, caracterizados por fachadas contíguas ao alinhamento predial, relacionando-se diretamente com o espaço urbano.

Como ocorre ao longo de toda a Rua XV de Novembro, todos os edifícios apresentam aberturas voltadas ao espaço urbano, apresentando uma sucessão de vitrinas, portas de acesso a estabelecimentos comerciais e a portarias para os usos dos pavimentos superiores.

As fachadas encontram-se todas alinhadas acima do pavimento térreo, não observando-se avanços construídos de grande volume.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

A quebra da continuidade espacial promovida pela galeria é evidente no nosso objeto de estudo, que por ser vizinho a um dos edifícios remanescentes, fica alijado dos benefícios de integração física que a esta seria capaz de promover.

Dentre os edifícios que apresentam relação indireta com o espaço urbano, o objeto estudado é o único exemplar que não se vale de pilares alinhados ao logradouro para sustentação dos pavimentos superiores, configurando um balanço estrutural. Essa configuração evidencia a expressão formal monolítica dos pavimentos superiores do edifício, alinhados com a rua, configurando um prisma regular, que contrapõe-se formalmente aos pavimentos em contato direto com o espaço urbano.

Observa-se esmero no detalhamento do edifício com a escolha de materiais peculiares: pilares tronco piramidais em concreto aparente, pórticos de aberturas em revestimento de mármore travertino, corpo do volume superior em lousas de mármore.



O revestimento do piso da galeria coberta constitui-se de uma extensão da pavimentação urbana da Rua XV de Novembro, não interpondo desníveis entre o espaço da galeria com o espaço urbano, como aquele observado no estudo da Galeria Lustosa (Figura 62).



Figura 62. O espaço urbano avança nos limites formais do edifício, apropriando-se de porção do térreo, que incorpora-se visualmente à Rua XV de Novembro. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

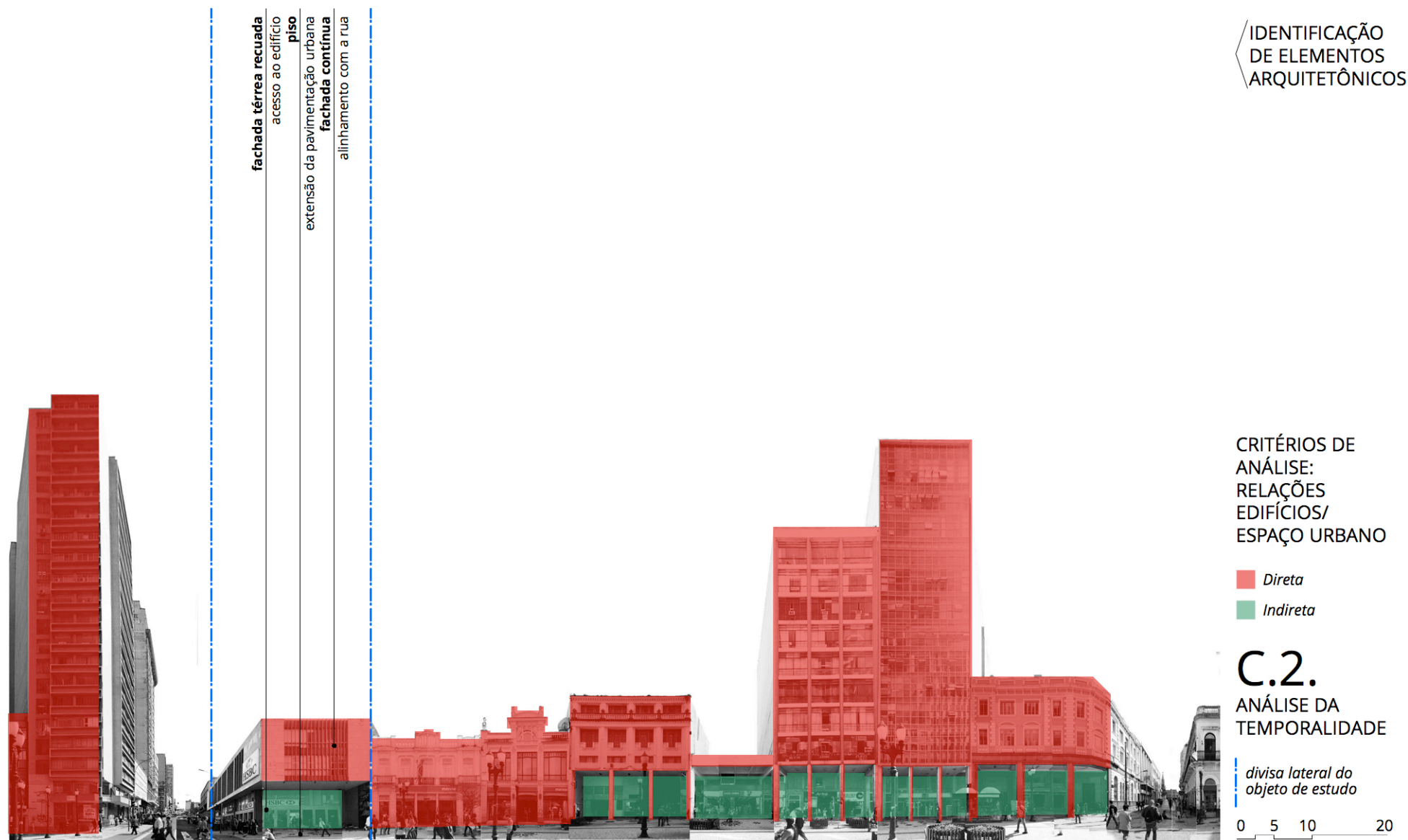


Figura 63. Corte urbano C. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### C.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE C, FIGURA 65)

#### ENTORNO IMEDIATO

O entorno observado do edifício que abrigara a Agência Bamerindus apresenta diversidade de usos de comércio e serviços ao nível da rua e empresarial, nas torres de escritórios que ali se encontram.

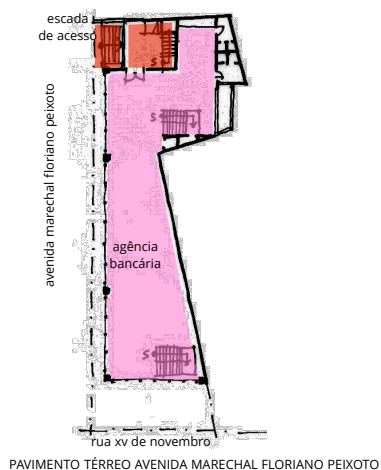
A caixa de circulação da Rua XV de Novembro, no trecho estudado, amplia-se pelo benefício de espaço de circulação coberta concedido pela galeria do Plano Massa. Essa galeria protege o acesso às lojas ali presentes que abrigam comércio de rua, grandes lojas e serviços bancários.

Devido ao pé-direito duplo que a galeria configura, pode-se observar que o acesso às torres, contrariamente ao que fora observado nos cortes anteriores, ganham ímpeto devido ao maior destaque vertical, contribuindo para a identificação dos demais usos que os edifícios oferecem.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 64)

A diversidade de usos de uma agência bancária limita-se ao seu uso institucional, dadas as questões inerentes à segurança que o edifício deve oferecer. Dessa forma, o edifício em questão não é capaz de oferecer os benefícios que o atributo de diversidade tem o potencial de apresentar.

A estratificação dos usos internos, nos diversos pavimentos da agência, ao menos, é coerente no sentido em que delega ao pavimento da Rua XV de Novembro, de maior fluxo de pessoas, os serviços de autoatendimento oferecidos pelo banco, deixando para o pavimento da Avenida Marechal Floriano Peixoto os serviços de caixa e atendimento gerencial



0 5 10

- |   |   |
|---|---|
| <span style="color: #00B0F0;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: #FF00FF;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: #8080FF;">■</span> Empresarial              | <span style="color: #FFD700;">■</span> Lazer e estar          |
| <span style="color: #008000;">■</span> Comercial e serviços     | <span style="color: #FF0000;">■</span> Circulação e acesso    |

Figura 64. Plantas esquemáticas da Agência Bamerindus. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

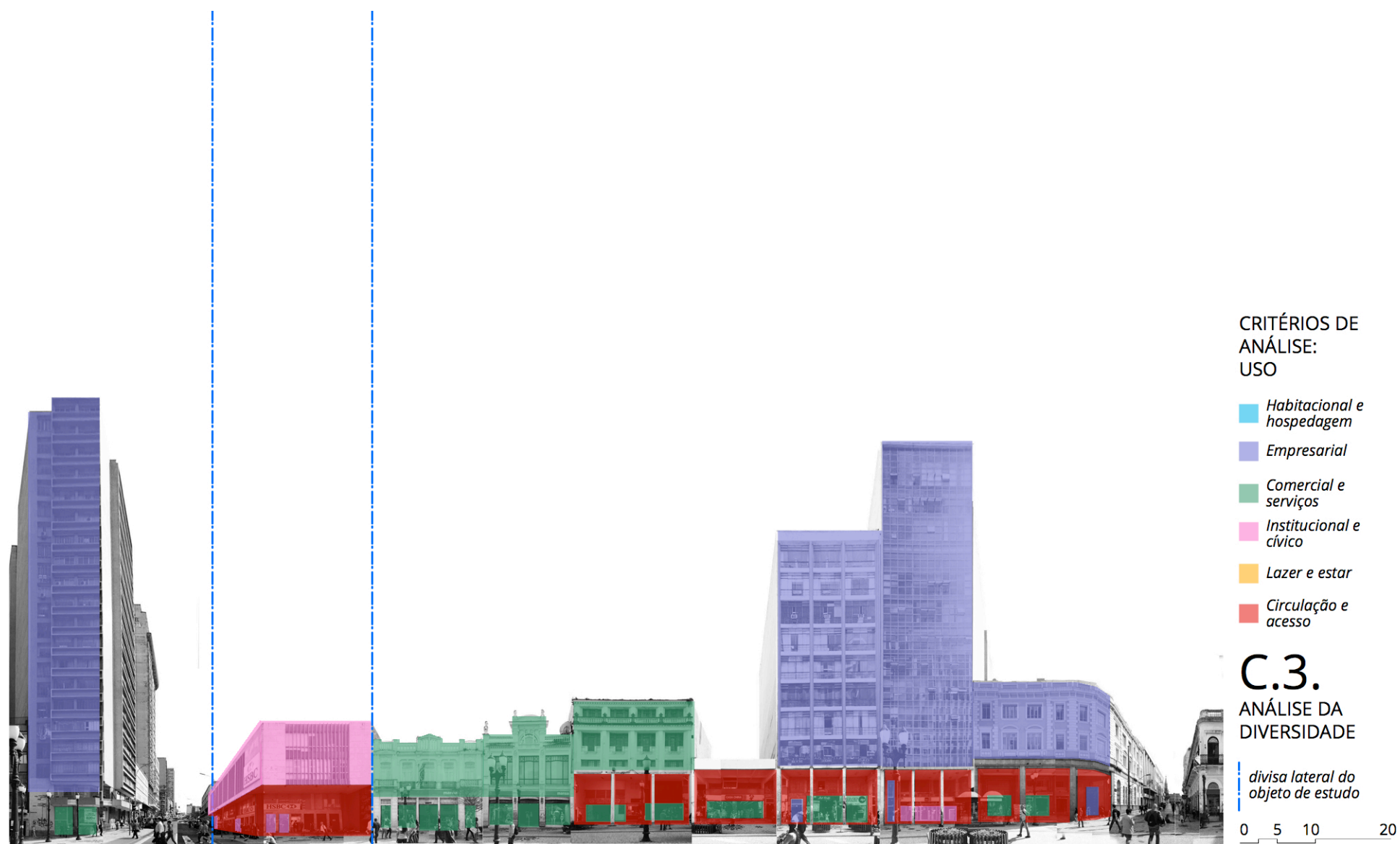


Figura 65. Corte urbano C. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## C.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE C, FIGURA 67)

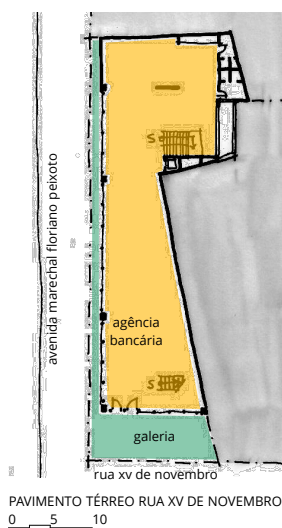
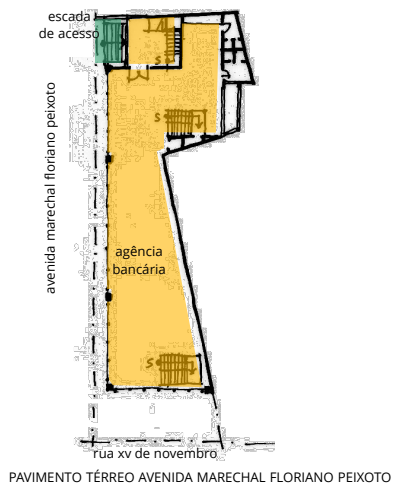
### ENTORNO IMEDIATO

O entorno observado no corte C, mostra, através das manchas de gradação público/ privado, o predomínio de áreas abertas de uso coletivo ao nível da rua, configuração proporcionada pela galeria do Plano Massa implantado. Essa galeria opera como interface entre o espaço público da rua e os acessos às áreas privadas de uso comum ou restrito que os edifícios abrigam.

A simultaneidade, neste caso, transcende ao edifício individual, operando de modo sistêmico, na criação de um espaço de uso coletivo contínuo.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 66)

O edifício da Agência Bamerindus caracteriza-se integralmente como uma área privada de uso comum, cedendo os espaços perimetrais do pavimento térreo ao uso coletivo aberto, como se estes fossem extensão da rua. Dessa forma, o uso coletivo opera como um agente integrador entre interior privado e exterior público, fato reforçado pela permeabilidade visual que as vitrinas do pavimento térreo oferecem, mesmo se tratando de um edifício cujo acesso é controlado com grandes restrições.



- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 66. Plantas esquemáticas da Agência Bamerindus. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

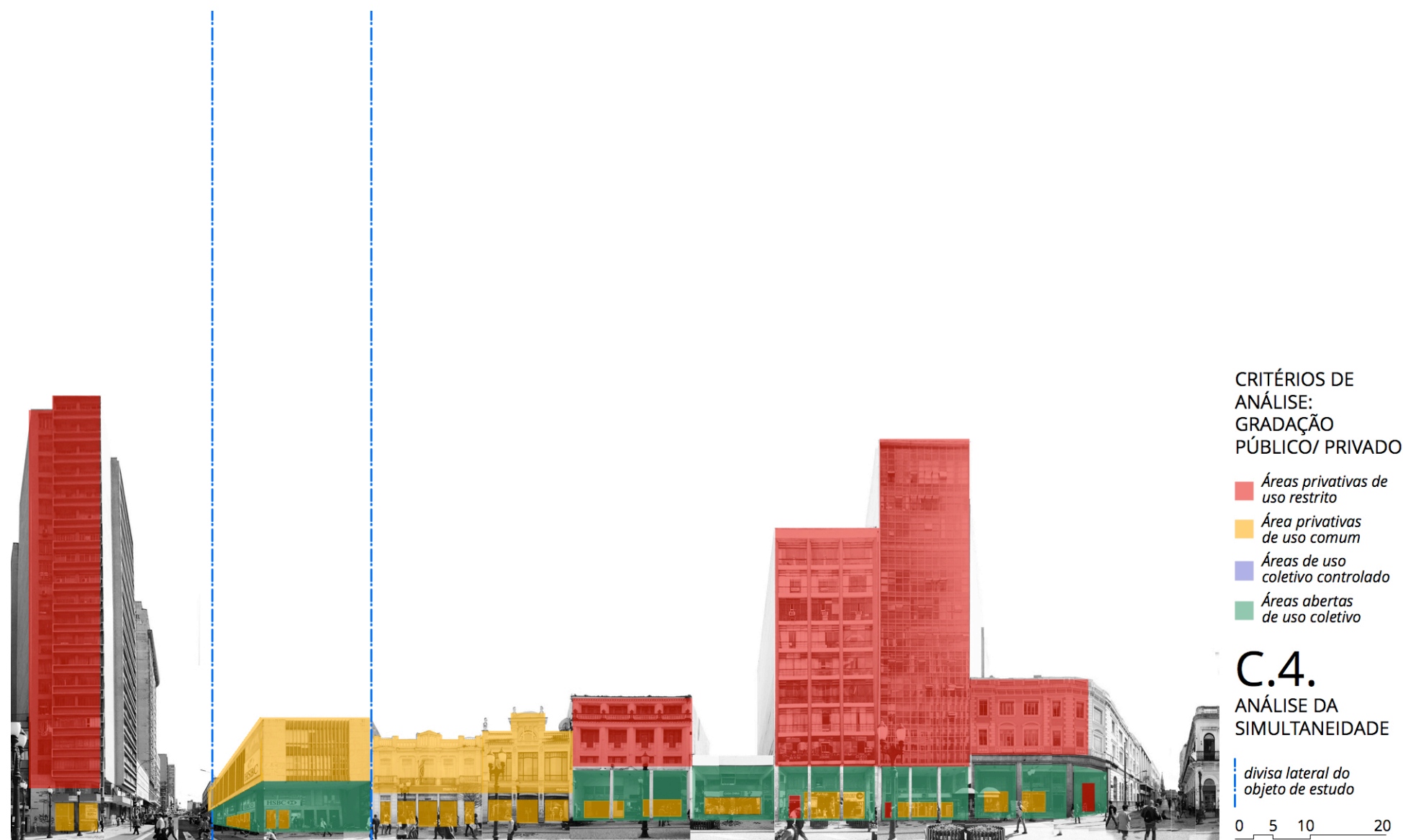


Figura 67. Corte urbano C. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.



## D. EDIFÍCIO TIJUCAS

Situado na Avenida Luiz Xavier, o Tijucas é um edifício que concentra em sua galeria térrea um dos maiores fluxos de pedestres do centro da cidade. Pela galeria homônima circulam diariamente perto de 10.000 pessoas, utilizando o atalho entre a Boca Maldita e o Largo Frederico Faria de Oliveira (VÉGAS, 2004).

O lote de formato irregular de  $1.583 \text{ m}^2$  que faz frente para os dois logradouros citados e para a Rua Desembargador Ermelino de Leão, foi edificado em duas etapas. Em 1958 constrói-se a primeira ala voltada para a Avenida Luiz Xavier, destacada como o primeiro arranha-céu de Curitiba. Conta com 29 pavimentos, sendo 12 com salas comerciais e 17 com apartamentos residenciais, totalizando mais de 400 unidades.

A segunda etapa de construção, em 1973, previu uma ala contígua com 21 pavimentos, de uso exclusivamente residencial em 160 apartamentos. O conjunto edificado final soma uma área construída de  $24.427 \text{ m}^2$ .

Separadas por 15 anos, as fases construtivas resultaram em alas com características formais diversas. A primeira, voltada para a Avenida Luiz Xavier, ocupa toda a testada do lote, apresentando uma fachada composta por uma sucessão de varandas acessadas por estreitas aberturas. A segunda, voltada para as outras testadas do lote, a Rua Desembargador Ermelino de Leão e o Largo Frederico Faria de Oliveira, apresenta-se como um corpo principal prismático cuja forma acompanha a curvatura delineada pela esquina que se apoia em um pilotis de pé-direito quádruplo, encerrado por fachada recuada em relação às ruas.

No nível térreo não percebe-se qualquer das diferenças formais existentes nas alas acima. A galeria linear mantém as

mesmas características de modulação das 20 lojas, pé direito e acabamento ao longo de todo seu percurso.

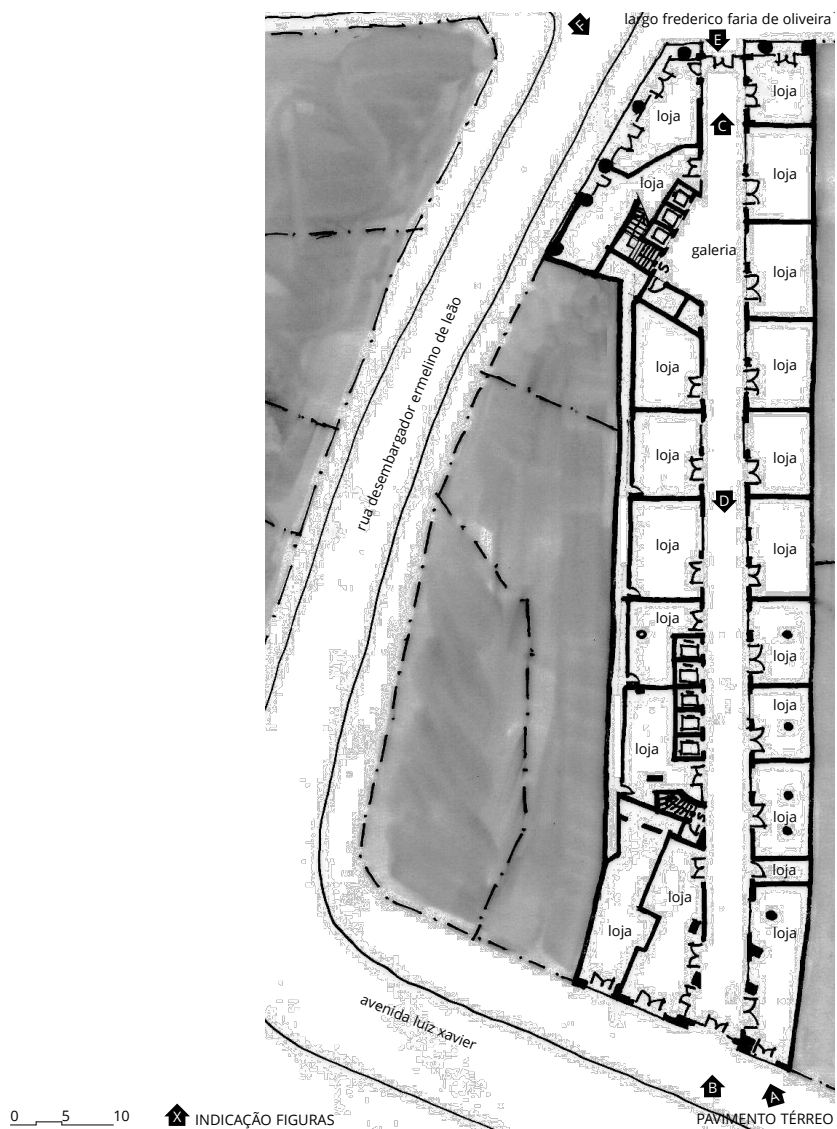


Figura 68. Edifício Tijucas. Planta esquemática do pavimento térreo. Croqui elaborado pelo autor, 2015.



Figura 69. Mosaico fotográfico do Edifício Tijuca. A: fachada do edifício vista desde a Avenida Luiz Xavier; B: vista da porção térrea do edifício a partir da Avenida Luiz Xavier; C e D: galeria; E: vista do acesso pelo Largo Frederico Faria de Oliveira; F: vista da porção térrea do edifício a partir do Largo Frederico Faria de Oliveira. Elaborado pelo autor, 2015.

## D.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE D, FIGURA 72)

### ENTORNO IMEDIATO

A análise do corte nos permite identificar uma grande heterogeneidade nos gabaritos dos edifícios que compõe o trecho, onde edifícios altos intercalam-se com certa regularidade de ritmo com edifícios mais baixos (Figura 70).

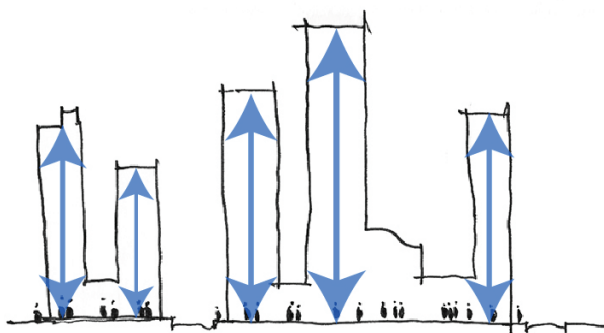


Figura 70. Variação de gabarito dos edifícios no trecho analisado. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

Apesar da evidente predominância de contiguidade entre os exemplares do trecho, que pode ser observada nos pavimentos mais baixos, a aparente intersticialidade entre os edifícios altos predomina na forma do entorno observado. Essa situação, aliada ao fato de os edifícios ocuparem a largura total dos lotes onde se implantam, promove que grandes empenas cegas nas faces laterais dos mesmos ganhem evidência no entorno.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício Tijucas apresenta contiguidade total com ambos vizinhos. Seu gabarito de 29 pavimentos adquire evidência no conjunto, denunciando extensas empenas laterais cegas, que se destacam no entorno (Figura 71).

Tanto à esquerda como à direita encontram-se edifícios de menor gabarito, totalmente contíguos ao objeto de estudo, fato que gera o ocultamento de suas paredes laterais. Acima da cobertura desses edifícios, entretanto, podemos observar as grandes empenas cegas com bastante evidência.

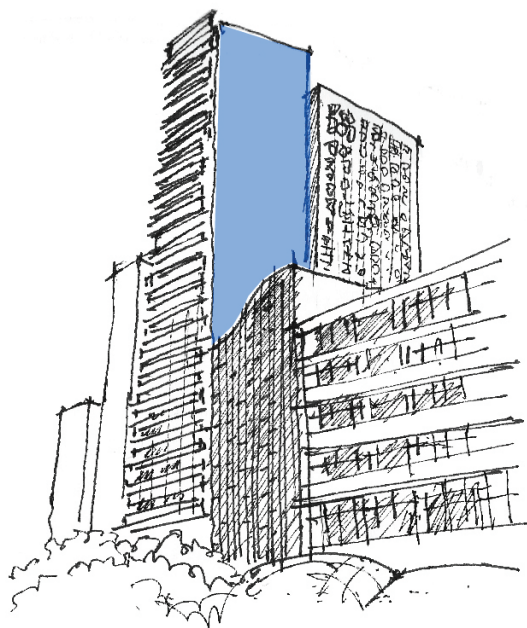


Figura 71. Grande empena cega na face lateral do edifício. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



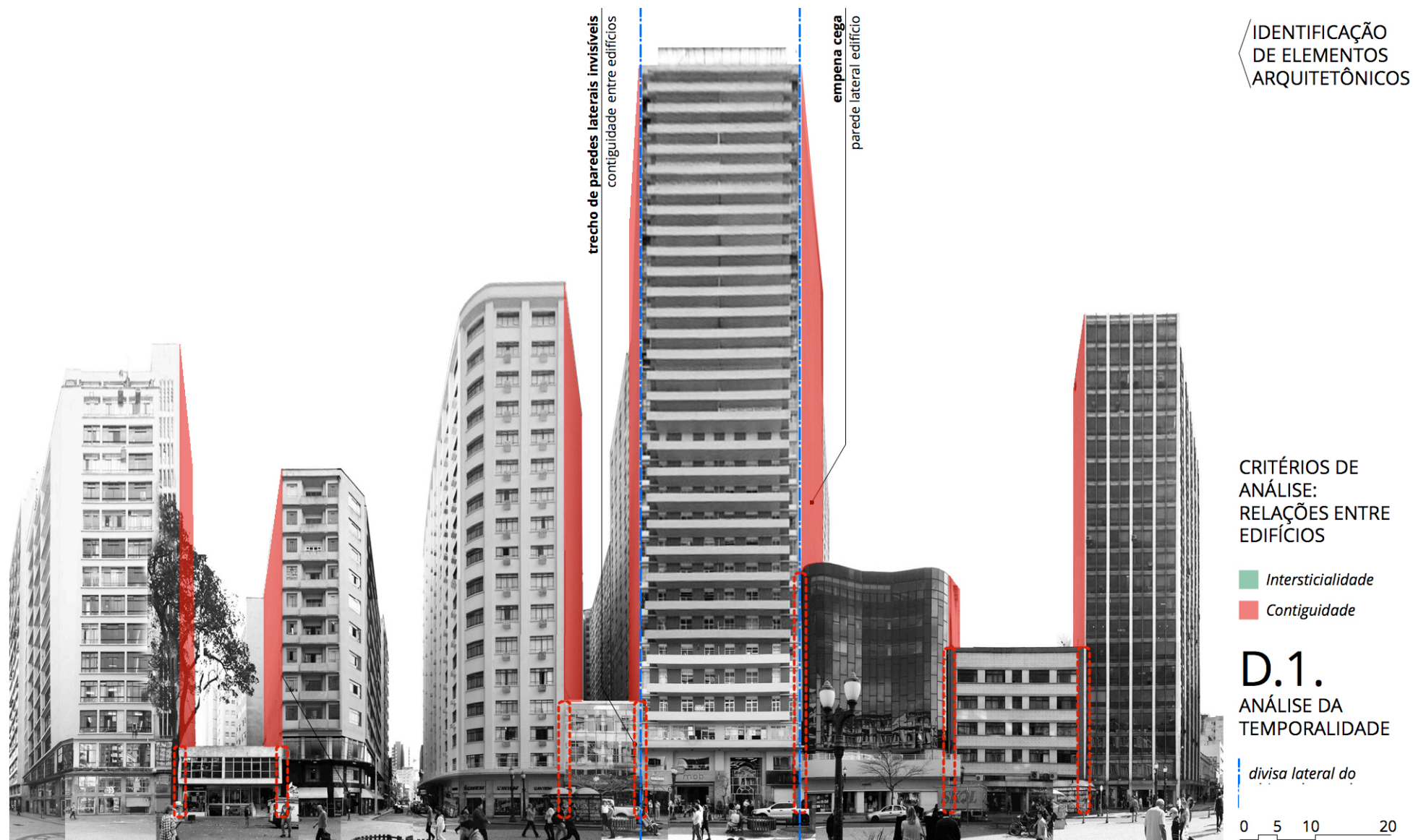


Figura 72. Corte urbano D. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## D.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE D, FIGURA 75)

### ENTORNO IMEDIATO

Dentre todos os objetos analisados neste estudo, o entorno no Edifício Tijucas é o que apresenta relação direta em toda extensão do corte urbano. Todas as fachadas encontram-se alinhadas com a rua, não observando-se recuos edificadas que possam configurar espaços de transição entre o pavimento térreo das edificações e o espaço urbano (Figura 73).

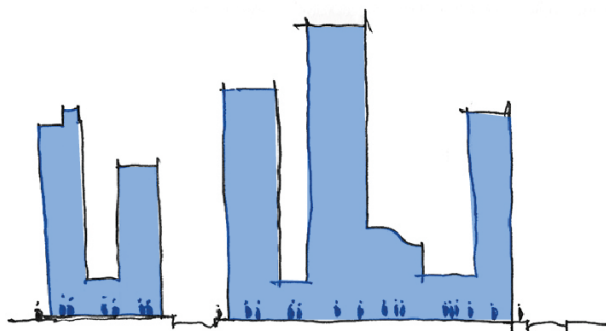


Figura 73. Predomínio de relações diretas entre edifícios e espaço urbano. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

O conjunto dos pavimentos térreos dos edifícios do trecho forma uma coleção de vitrinas e portas de acessos em toda a extensão do corte de análise.

Pode-se observar a existência de varandas e marquises em alguns edifícios, estando estes elementos projetando-se sobre o espaço urbano.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

Como os demais edifícios do entorno, o Tijucas relaciona-se diretamente com o espaço urbano, tendo sua fachada posicionada no alinhamento predial do lote.



O acesso à galeria térrea do edifício configura-se por uma esquadria envidraçada de pé-direito duplo e largura igual à da galeria, alinhada com a fachada na porção do pavimento térreo. A pavimentação da galeria não apresenta desnível com a pavimentação urbana, conferindo acesso livre de obstáculos aos que por ela passam (Figura 74).

Observa-se que a galeria, ao nível do pavimento térreo possui um barramento em revestimento em lousas de mármore branco polido, o qual, possivelmente revestia a porção de fachada térrea, mas que fora reformada em tempo posterior, com sobreposição de revestimento em lousas que imitam tijolo à vista.

As lojas voltadas para a rua possuem varandas em balanço que avançam sobre o espaço urbano.

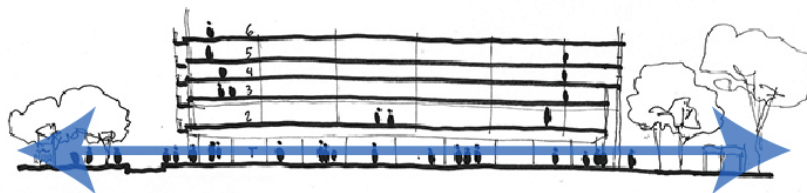


Figura 74. A fluidez de acesso e circulação é garantida pela ausência de desníveis no piso. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

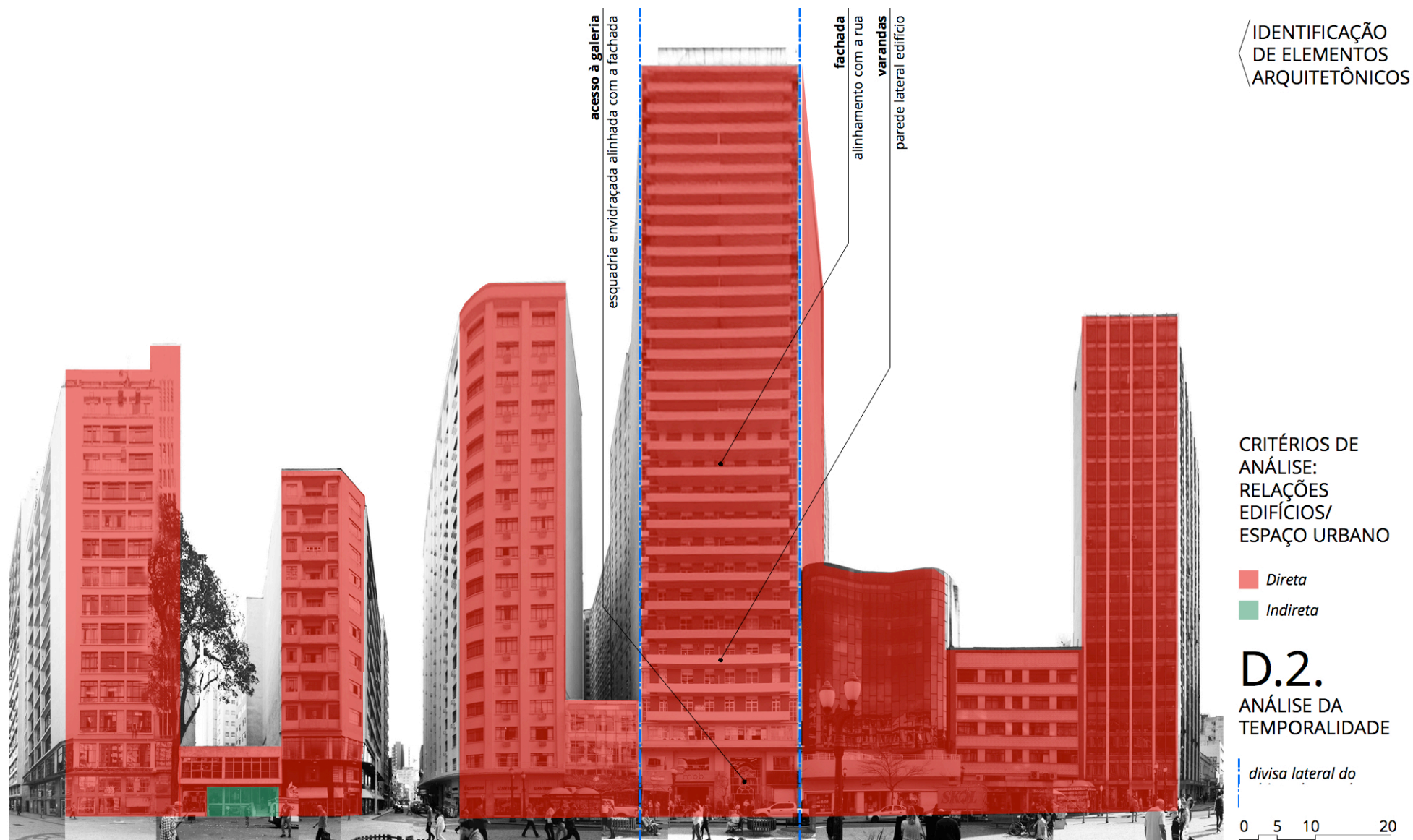


Figura 75. Corte urbano D. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### D.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE D, FIGURA 77)

#### ENTORNO IMEDIATO

De todos os entornos analisados, o corte D representa o trecho de menor diversidade de usos voltados para o eixo de estudo, que varia entre uso empresarial nos pavimentos das torres que ali se encontram e comércio e serviços nos pavimentos térreos.

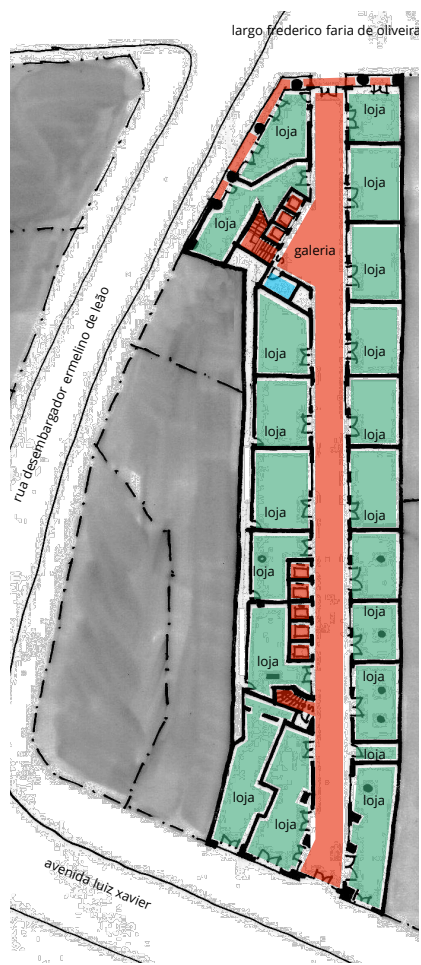
Alguns dos edifícios de menor altura abrigam atividades de comércio em todos os seus pavimentos. Já os edifícios mais altos, concentram salas de escritórios cujo acesso se dá ao nível da rua, intercalando-se com os acessos das lojas.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 76)

Os múltiplos usos oferecidos pelo Edifício Tijucas são articulados pela galeria comercial térrea, que concentra um grande número de lojas ocupadas por uma diversidade de usos: salão de cabeleireiros, agência lotérica, cafés, chaveiro, entre outros.

O acesso às alas residencial e empresarial é efetuado diretamente pela galeria, de modo análogo ao observado na Galeria Lustosa, onde não observamos identificação de transição de usos através de um espaço específico, como um saguão ou *hall* de acesso. Dessa forma, a própria galeria faz as vezes de espaço de acesso às torres.

A ala que se volta para o Largo Frederico Faria de Oliveira possui tanto andares empresariais como de apartamentos residenciais, cujos acessos se dão por uma setorização de elevadores. As escadas, entretanto, dão acesso a ambos os usos. O acesso à escada e elevadores no pavimento térreo ocorre em uma área alargada da galeria, que abre espaço para uma portaria aberta, contígua a galeria, como observado analogamente na Galeria Lustosa.



PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- |  |  |
|--|--|
| <span style="color: blue;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: pink;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: purple;">■</span> Empresarial            | <span style="color: orange;">■</span> Lazer e estar        |
| <span style="color: green;">■</span> Comercial e serviços    | <span style="color: red;">■</span> Circulação e acesso     |

Figura 76. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Tijucas. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

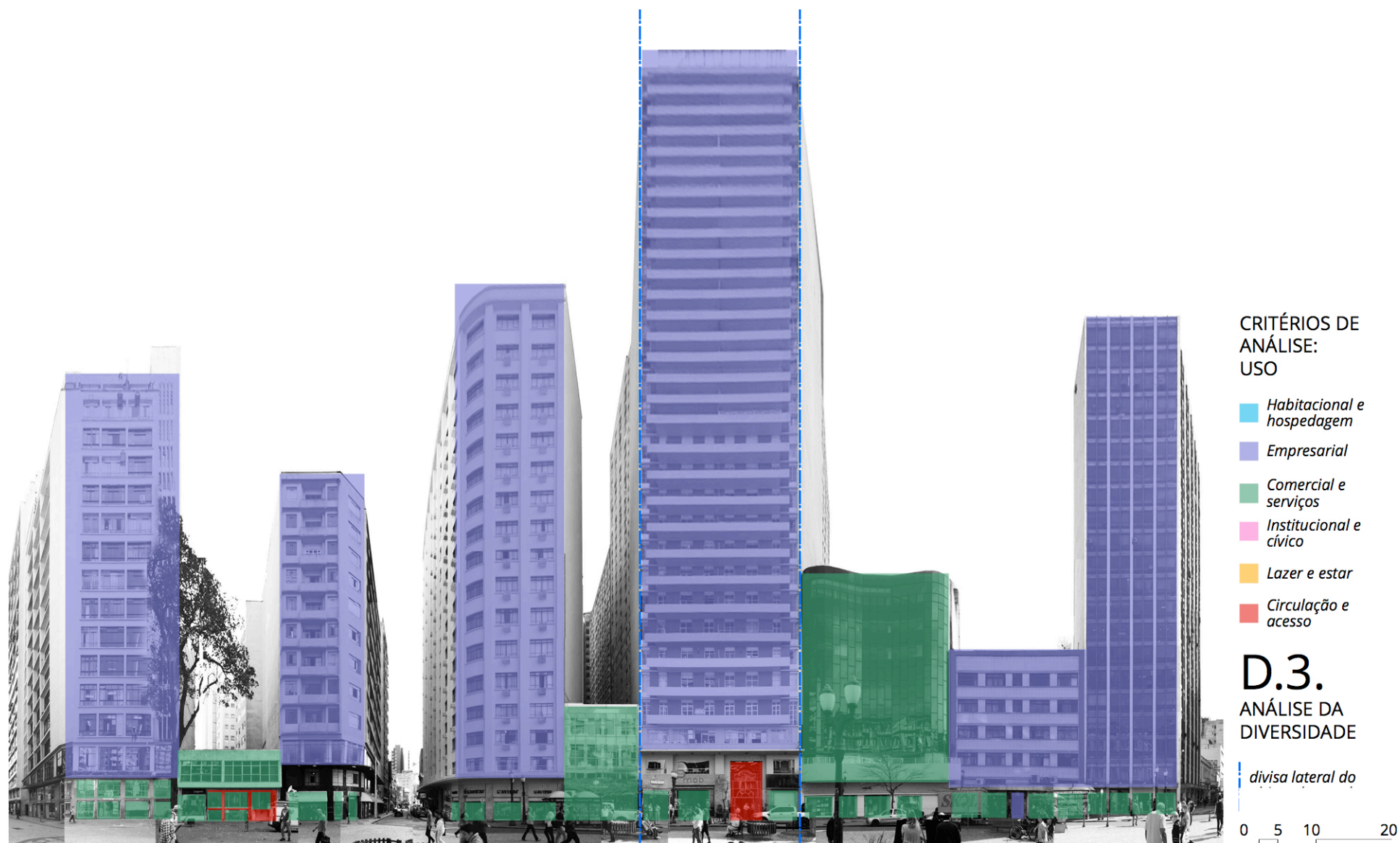


Figura 77. Corte urbano D. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.



## D.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE D, FIGURA 79)

### ENTORNO IMEDIATO

O corte D apresenta um entorno cuja gradação entre público e privado apresenta similaridade com os cortes A e B, anteriormente estudados: edifícios altos cujos pavimentos são ocupados por áreas privadas de uso restrito e térreo com áreas privadas de uso comum, representadas por lojas.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 78)

A exceção a essa configuração, no setor analisado, se dá justamente pelo Edifício Tijucas, que cede espaço de sua galeria térrea a um eixo de circulação de uso coletivo de uso controlado. Tal eixo, aos moldes do que ocorre na Galeria Lustosa, apresenta a tripla função de servir como atalho entre vias no período diurno, configurando o acesso aos estabelecimentos de comércio e serviços ao mesmo tempo que faz as vezes de saguão de acesso aos elevadores que servem as áreas privadas dos pavimentos da torre.

Não há como negar que a simultaneidade está presente na Galeria Tijucas, fazendo dela um patrimônio urbano da cidade. Entretanto, a simultaneidade de domínios em uma passagem estreita como a da galeria pode gerar, por vezes, inconvenientes pelo cruzamento dos múltiplos fluxos daqueles que a utilizam seja pelo seu comércio e serviços, como pela sua conveniência como atalho ou como local de espera de elevadores.

O alargamento que a galeria sofre na área adjacente a um dos núcleos de circulação vertical é benéfico no sentido de tornar o espaço mais fluído, já que conforma um espaço de espera e descarregamento de elevadores.



PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 78. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Tijucas. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



Figura 79. Corte urbano D. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015



## E. EDIFÍCIO ASA

A construção do Edifício Asa ocorre no ano de 1954, sendo um dos primeiros complexos que abrigaram múltiplos usos na capital paranaense. A empresa responsável pela sua construção foi a Construtora Aranha S.A., entretanto a autoria do projeto permanece incerta.

A área construída aproxima-se dos 26.000 m<sup>2</sup> distribuídos em 22 pavimentos divididos em 401 unidades. Ocupando um lote de 1.718 m<sup>2</sup> com frentes para três logradouros, a Praça General Osório, a Rua Voluntários da Pátria e Alameda Dr. Carlos de Carvalho, o edifício configura-se como um volume prismático irregular que abriga lojas em suas galerias comerciais localizadas nos três primeiros pavimentos e conjuntos empresariais e apartamentos residenciais nos demais pavimentos da torre.

A galeria no térreo faz ligação entre as vias que servem ao lote do edifício, seguindo uma configuração em “T”, cujo trecho maior liga a Praça General Osório com a Alameda Dr. Carlos de Carvalho. Além de servir como meio de acesso ao edifício e como eixo de serviço às cerca de 17 lojas internas, a galeria térrea está conjugada aos respectivos conjuntos de elevadores que servem aos usos residencial e empresarial, que compartilham o uso de cada planta tipo do edifício. Os dois pavimentos consecutivos ao térreo apresentam a configuração de duas galerias abertas junto a fachada do edifício, interligadas à galeria térrea pelas escadas e elevadores empresariais.

O edifício [...] guarda características modernistas, como a clareza estrutural com as colunas [de seção] circulares e as esquadrias discretas, e, ao mesmo tempo, não abandona elementos da *art déco* (sic), como a moldura de algumas janelas, o

padrão geométrico do piso, os ornamentos do corrimão e das paredes (GALIANI, 2014).

Essa mistura de características formais é evidente na galeria térrea que guarda elementos formais variados, como revestimento de piso em mármore, paredes em granito e pedras calcárias irregulares com detalhes em vidro escuro, forro em gesso com pintura *trompe l'oeil* emoldurado por largas e elaboradas sancas.



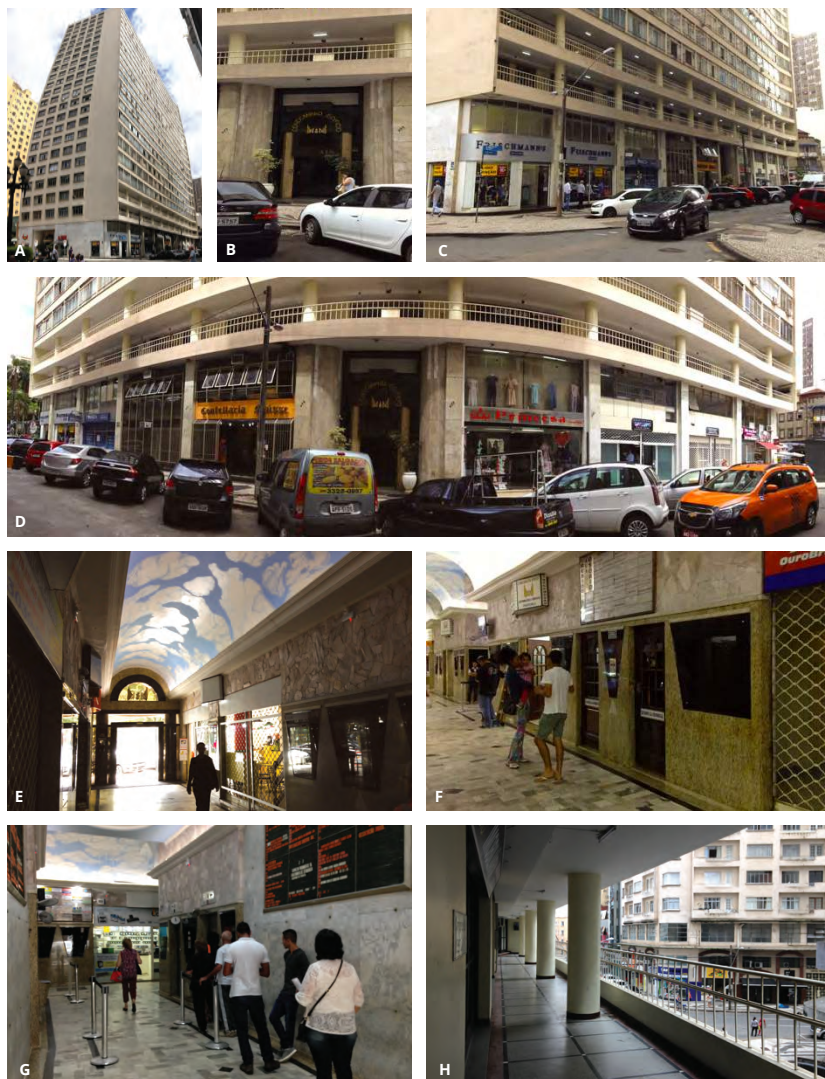


Figura 81. Mosaico fotográfico do Edifício Asa. A: edifício visto desde a rua; B: acesso à galeria térrea pela Praça General Osório; C e D: vista dos pavimentos inferiores a partir da Rua Voluntários da Pátria; E: galeria térrea; F: Elevadores residenciais conjugados à galeria térrea; G: elevadores empresariais conjugados à galeria térrea; H: galeria aberta nos pavimentos 2 e 3. Elaborado pelo autor, 2015.

## E.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE E, FIGURA 84)

### ENTORNO IMEDIATO

O entorno representado pelo corte E mostra um conjunto de edifícios de gabaritos variados em um ritmo ascendente de altura da direita para a esquerda. Analogamente ao corte D, observa-se um intercalar entre edifícios altos e baixos, gerando aparentes relações de intersticialidade entre edifícios (Figura 82).

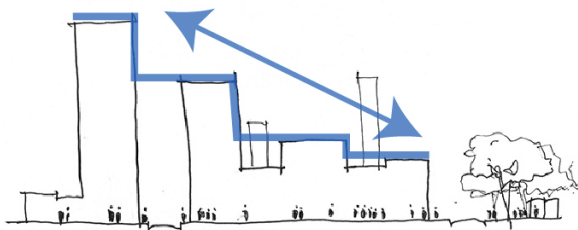


Figura 82. Variação de gabarito dos edifícios no trecho analisado. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

No entanto, ao nível do pavimento térreo, observa-se o predomínio da contiguidade entre edifícios, excetuando-se a primeira ocorrência de intersticialidade dentre os entornos analisados, gerada pela existência de um pátio de acesso e estacionamento em posição lateral a um dos edifícios.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O Edifício Asa ocupa um lote quadrangular de esquina voltado para a Praça General Osório, tendo o menor lado voltado para o espaço urbano do eixo de análise. A ocupação praticamente integral do lote faz com que suas fachadas ocupem a extensão total dos alinhamentos prediais.

Seu vizinho confrontante à esquerda possui gabarito de apenas dois pavimentos, cuja contiguidade ocorrendo apenas no trecho de coincidência de altura, proporciona a evidência de uma grande empena cega lateral (Figura 83).



Figura 83. Grande empena cega na face lateral do edifício. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



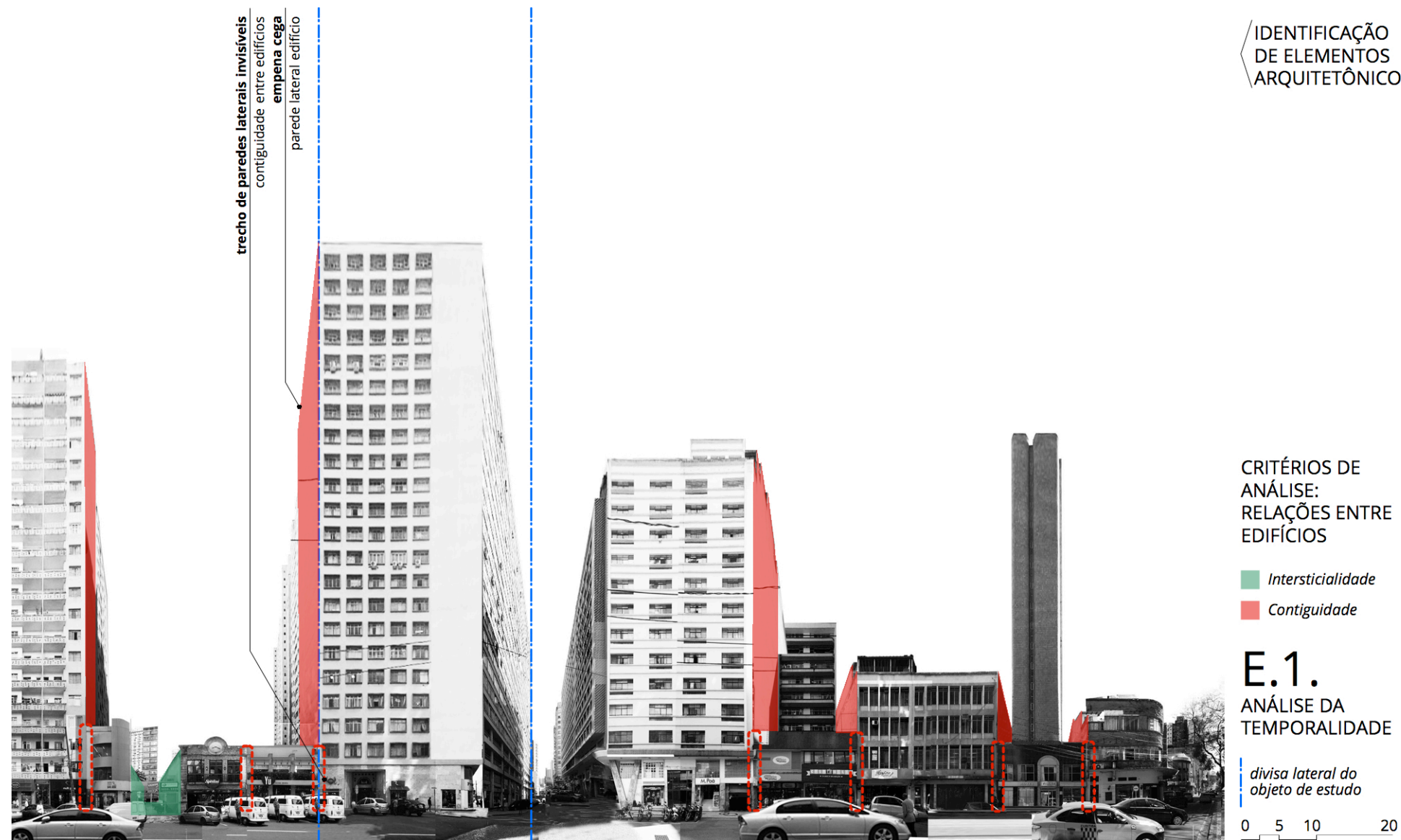


Figura 84. Corte urbano E. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## E.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE E, FIGURA 87)

### ENTORNO IMEDIATO

Grande parte da volumetria geral do entorno urbano analisado traça relação direta entre edifício e espaço urbano, sendo constituída por edifícios cuja volumetria compõe-se de formas prismáticas. A exceção se dá por dois edifícios que seguem o esquema compositivo de torre/embasamento, onde o embasamento relaciona-se diretamente com a rua e a torre recua-se do alinhamento predial, gerando terraços de uso privativo dos edifícios (Figura 85).

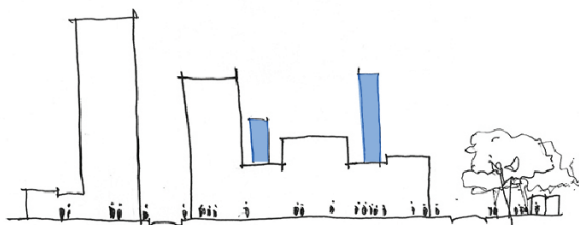


Figura 85. A quebra de relação direta entre edifícios e espaço urbano se dá por situações de edifícios com esquema compositivo torre/embasamento. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

Os pavimentos térreos dos edifícios apresentam grande variação de formas nas aberturas dos espaços comerciais que se voltam para a rua.

As variações volumétricas ocorrentes nos níveis acima do térreo, da mesma forma, abundam na variedade, permeando entre balanços edificadas, marquises e sacadas.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício tem toda extensão de sua fachada alinhada com a rua, sem elementos de destaque na volumetria. As janelas são igualmente alinhadas com a fachada e ordenadas em uma matriz retangular. A galeria do Edifício Asa tem acesso pela Praça General Osório através de uma porta em posição recuada com relação à fachada do edifício, o que de modo análogo ao edifício A, o destaca da fachada, contribuindo para sua identificação no volume regular.



O embasamento do edifício é revestido com mármore branco, destacando formalmente o pavimento térreo do corpo do edifício. Entretanto a simplicidade volumétrica aliada a timidez das aberturas de duas lojas nesse nível, dificultam seu destaque.

O piso da galeria eleva-se em relação ao nível das ruas que dão acesso à galeria, gerando degraus que constituem-se em obstáculo à livre circulação.

Os corredores lineares situados ao longo da fachada maior do edifício, que formam as galerias comerciais situadas nos pavimentos 2 e 3, relacionam-se diretamente com o espaço urbano constituindo verdadeiros terraços que se debruçam sobre a rua, proporcionando cruzamento de visuais entre os dois espaços (Figura 86).

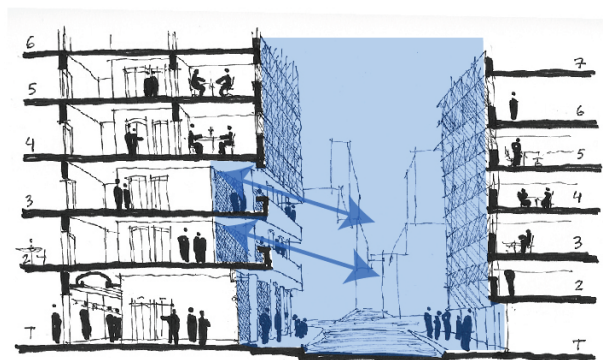


Figura 86. Relação das galerias superiores com o espaço urbano. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

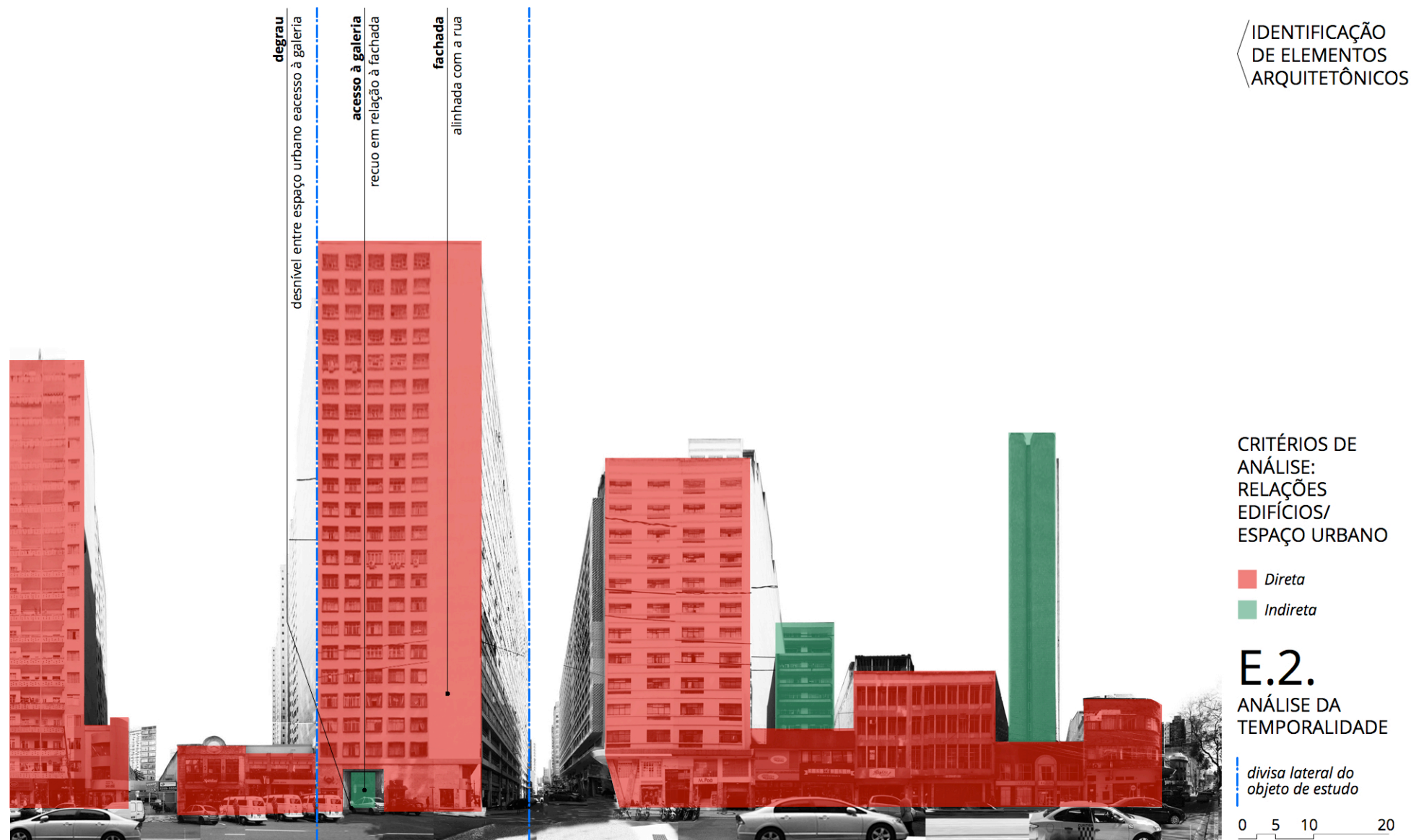


Figura 87. Corte urbano E. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### E.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE E, FIGURA 90)

#### ENTORNO IMEDIATO

A diversidade de usos observada através das manchas no corte E permeia entre usos habitacional e empresarial nos pavimentos altos dos edifícios e uso comercial e serviços no nível térreo.

Os acessos à algumas das torres, incluindo nosso objeto de estudo, voltados para o espaço urbano apresentam maior evidência quando comparados aos acessos e vitrinas das lojas térreas, dada sua verticalidade. Os acessos aos pavimentos superiores dos demais edifícios confundem-se com as demais aberturas que ocorrem no pavimento térreo, por não apresentarem configuração formal que os diferencie.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 88 E FIGURA 89)

Ao nível do pavimento térreo, o Edifício Asa segue o padrão de ocupação que pudemos apreender das análises dos edifícios da Galeria Lustosa e Edifício Tijucas: a galeria térrea assume a tripla função de conexão de sistemas viários, oferece lojas de comércio e serviços variados e serve de acesso direto aos usos dos pavimentos superiores, neste caso, igualmente empresarial e residencial.

A grande novidade, com relação aos outros edifícios estudados, está no desdobramento da galeria nos pavimentos superiores. A partir dos elevadores e escada que servem aos usos empresariais da torre, tem-se acesso a duas galerias abertas, situadas na fachada lateral direita do edifício, nos pavimentos 2 e 3, ao longo da Rua Voluntários da Pátria. Essas galerias, ainda que estejam em pavimentos superiores, propiciam-se do contato direto com o espaço urbano.

A configuração da galeria no pavimento térreo, segue o modelo apreendido pelos exemplos similares anteriormente estudados, na qual os dispositivos de circulação vertical de acesso aos usos dos pavimentos superiores comunicam-se diretamente com os eixos de circulação e acesso às lojas. Contiguamente a um dos núcleos de elevadores que serve a metade dos apartamentos, encontra-se um espaço de portaria, encerrado por portas. Porém, os elevadores e escadas correspondentes ao acesso a estes apartamentos mantêm-se contíguos à galeria.

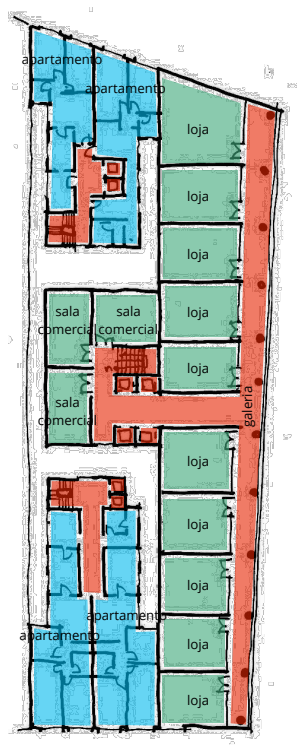


PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- |   |   |
|---|---|
| <span style="color: #00FFFF;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: #FF00FF;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: #800080;">■</span> Empresarial              | <span style="color: #FFA500;">■</span> Lazer e estar          |
| <span style="color: #008000;">■</span> Comercial e serviços     | <span style="color: #FF0000;">■</span> Circulação e acesso    |

Figura 88. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Asa. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



PAVIMENTOS 2 E 3

0 5 10

- |  |  |
|--|--|
| <span style="color: blue;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: pink;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: purple;">■</span> Empresarial            | <span style="color: yellow;">■</span> Lazer e estar        |
| <span style="color: green;">■</span> Comercial e serviços    | <span style="color: red;">■</span> Circulação e acesso     |

Figura 89. Planta esquemática pavimentos 2 e 3 do Edifício Asa. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

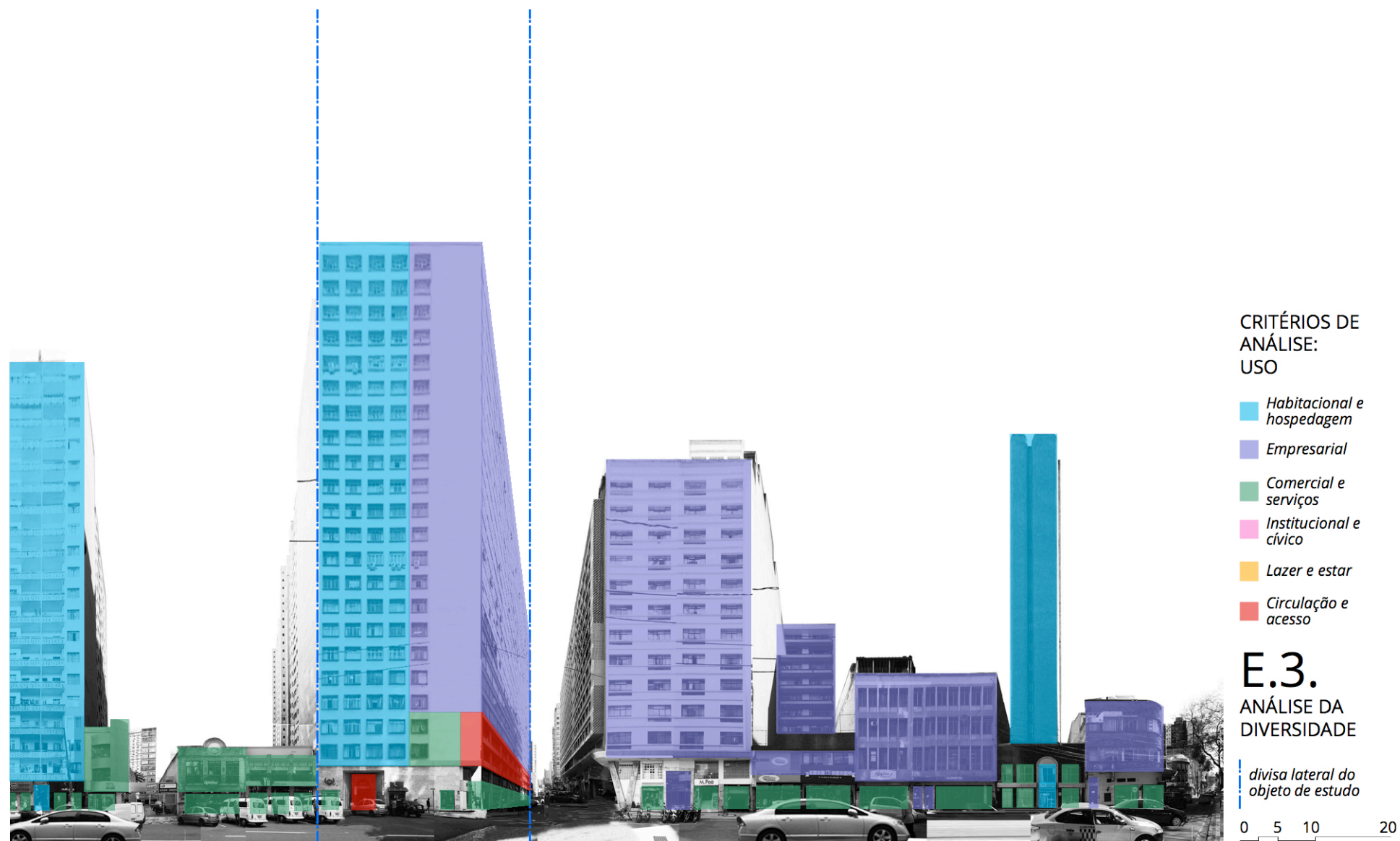


Figura 90. Corte urbano E. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## E.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE E, FIGURA 93)

### ENTORNO IMEDIATO

Predominam em quase a totalidade do corte E, áreas privadas de uso restrito nos pavimentos das torres e áreas de uso comum nos pavimentos térreos, ocupados em sua maioria por lojas de comércio e serviço de rua, aos moldes de parte dos edifícios anteriormente estudados.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 91 E FIGURA 92)

O Edifício Asa é tido como sendo pioneiro a propor simultaneidade de usos em um único edifício. A configuração de um volume edificado único que compartilha usos privados nos pavimentos da torre e usos comuns servidos por áreas de uso coletivo nos primeiros pavimentos parece ter sido um modelo seguido por outros edifícios da cidade, como a Galeria Tijucas, construída 4 anos depois.

Tendo sido construído na mesma época que a Galeria Lustosa, não observa-se evolução no trato do acesso aos usos dos pavimentos superiores, onde o uso de uma área coletiva para acesso a elevadores e escadas causa transtornos de fluxo de usuários.

Outro tópico de projeto que parece ter sido modelo para outros edifícios de uso múltiplo é a adoção de galerias de uso coletivo em pavimentos superiores, servindo a lojas, como veremos no estudo do Edifício Provedor André de Barros. Entretanto esta parece ser uma solução que não se mostra eficiente. Ainda que a galeria tenha contato visual com a rua, colocando-se como um objeto urbano, observa-se a subutilização das lojas para uso de comércio de rua, sendo que as que ali se desenvolvem servem a usos não apropriados para uma loja, como escritório de advocacia ou outras naturezas de assessorias.

Ao nível da rua, os recuos existentes formam um espaço anterior aos acessos à galeria, conformando áreas abertas de uso coletivo. Tal apropriação do espaço urbano pelo edifício parece apresentar a mesma função de marcação de acesso já identificada no edifício da Procuradoria da República.





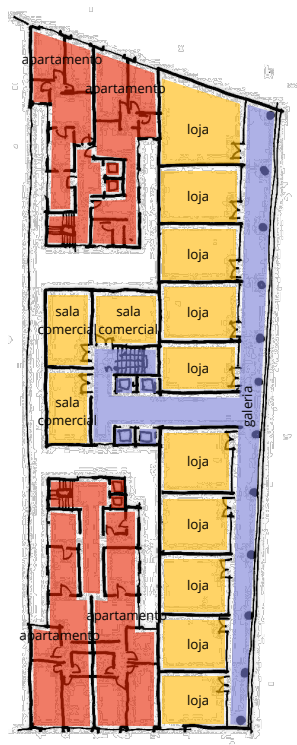
## PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 91. Planta esquemática do pavimento térreo do Edifício Asa. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.





PAVIMENTOS 2 E 3

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 92. Planta esquemática dos pavimentos 2 e 3 do Edifício Asa. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



Figura 93. Corte urbano E. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015

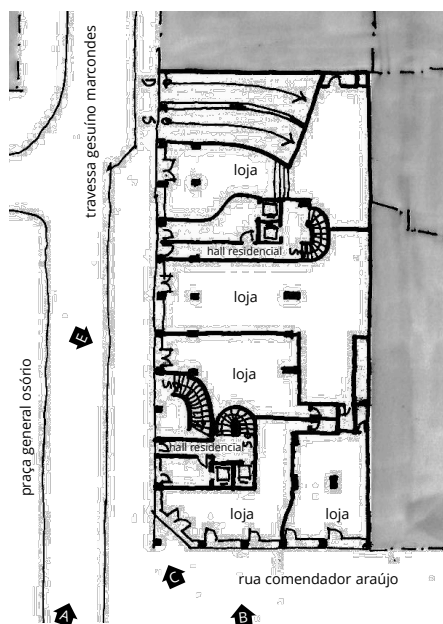
## F. EDIFÍCIO PROVEDOR ANDRÉ DE BARROS

O Edifício Provedor André de Barros foi construído em 1972 em lote de 729 m<sup>2</sup> na esquina da Travessa Jesuíno Marcondes e Rua Comendador Araújo, fazendo frente a Praça General Osório.

O projeto do edifício é do arquiteto catarinense Elgson Ribeiro Gomes (1922-2014), cuja produção arquitetônica concentrou-se principalmente na capital paranaense e faz-se de grande importância para a história da arquitetura paranaense.

O edifício conta com uma área construída de 13.975 m<sup>2</sup>, distribuída em 23 pavimentos, sendo 19 deles destinados a uso residencial. A planta em “L” do pavimento tipo dá espaço a 4 apartamentos, servidos por dois núcleos de circulação vertical, acessados pela rua e pelos níveis de estacionamento, situados no subsolo e no terceiro pavimento. Os 78 apartamentos residenciais têm áreas que variam de 149 a 192 m<sup>2</sup>.

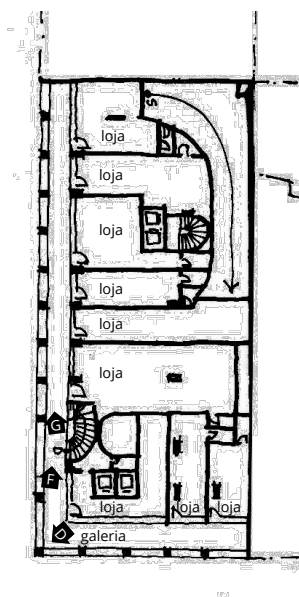
Os dois primeiros pavimentos, a partir do nível térreo, são ocupados por um conjunto de 13 lojas. As lojas térreas abrem diretamente para a rua, assim como as portarias de acesso aos pavimentos residenciais. As demais lojas voltam-se para uma galeria em forma de “L” no segundo pavimento, ao longo das duas ruas que configuram o lote. Essa galeria, debruça-se sobre a Praça General Osório e é acessada por um lance de escadas a partir de uma abertura voltada diretamente para a Travessa Jesuíno Marcondes.



PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

INDICAÇÃO FIGURAS



PAVIMENTO 2

Figura 94. Edifício Provedor André de Barros. Plantas esquemáticas dos pavimentos térreo e 2. Croqui elaborado pelo autor, 2015.



Figura 95. Mosaico fotográfico do Edifício Provedor André de Barros. A: edifício visto desde a rua; B: vista da porção térrea do edifício ao longo da Rua Comendador Araújo; C: detalhe da configuração formal da esquina; D: vista da Praça General Osório desde a galeria superior; E: acesso à galeria superior a partir da rua; F: escada de acesso à galeria superior; G: galeria superior. Elaborado pelo autor, 2015.

## F.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE F, FIGURA 97)

### ENTORNO IMEDIATO

O entorno do edifício Provedor André de Barros apresenta edificações de gabarito baixo, fazendo com que seus 23 pavimentos ganhem destaque volumétrico (Figura 96).

Predomina no trecho analisado a contiguidade entre edifícios, promovendo, ao nível dos primeiros pavimentos edificadas de cada lote, a formação de uma fachada contínua voltada para nosso eixo de estudo. As pequenas diferenças de gabarito entre os edifícios baixos, que ocupam a totalidade da largura dos lotes, proporcionam a existência de pequenas empenas laterais cegas, que passam imperceptíveis ao olhar dos que por ali circulam.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

A forma prismática do edifício resulta da ocupação integral do lote de esquina que tem sua frente maior para a Travessa Jesuíno Marcondes e a menor para a Rua Cândido de Abreu, ao longo do eixo de estudo.

De modo análogo à análise de exemplos anteriores, observa-se que o pronunciamento do gabarito do edifício estudado, aliado à plena ocupação do lote, proporcionam a configuração de uma grande empena cega, observada na divisa do lote, à direita.

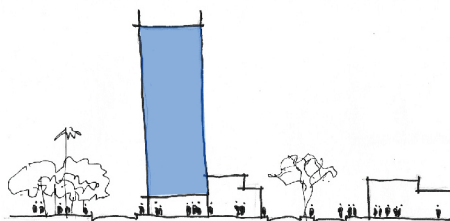


Figura 96. Destaque volumétrico do edifício no entorno analisado. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



# IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

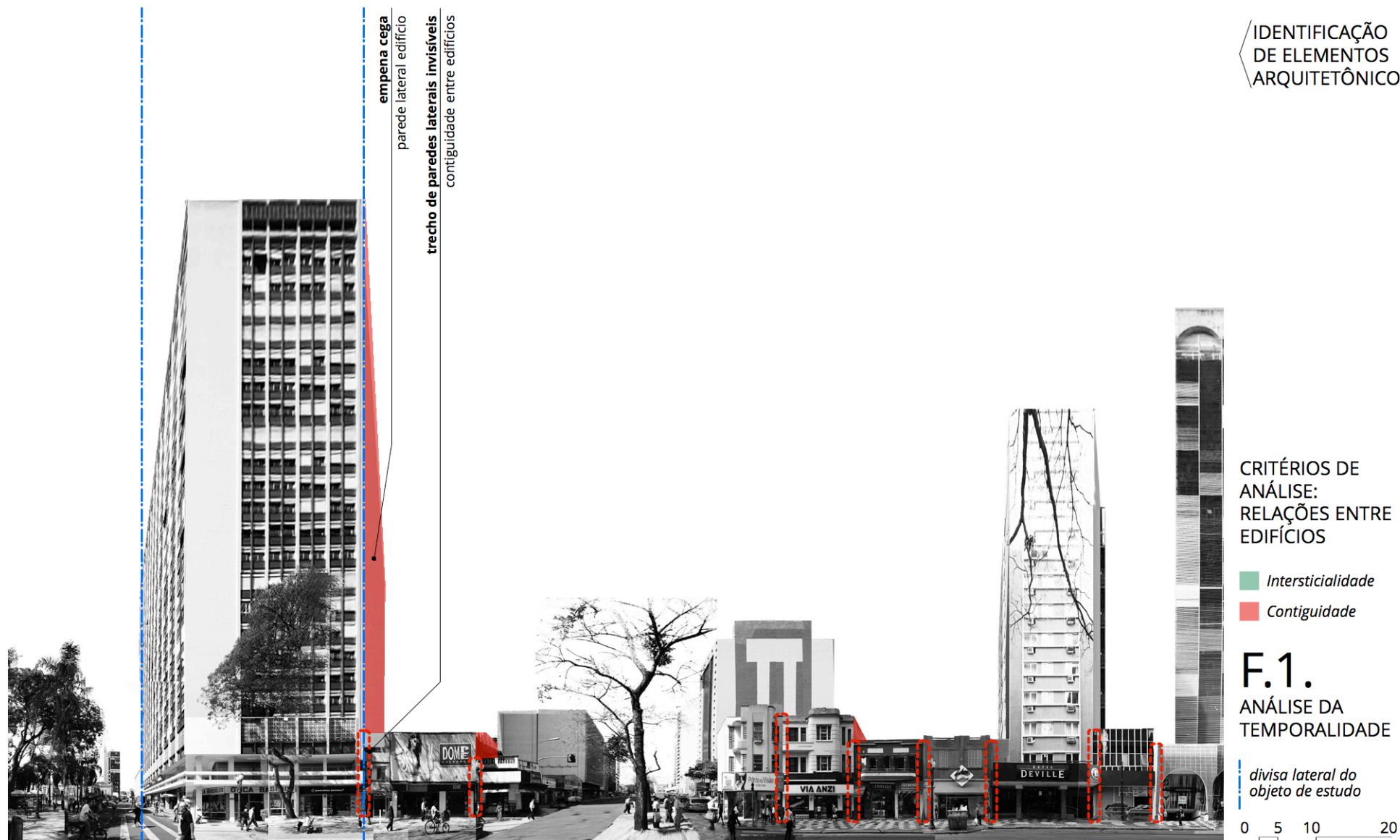


Figura 97. Corte urbano F. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## F.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE F, FIGURA 100)

### ENTORNO IMEDIATO

Predomina no entorno analisado relação de ordem direta entre edifícios e espaço urbano, observando-se poucos espaços recuados com relação ao alinhamento predial que possam conformar espaços de transição.

Os edifícios têm suas fachadas coincidentes com o alinhamento predial dos lotes, conformando uma fachada urbana. Aberturas e vitrinas de lojas no pavimento térreo intercalam-se com portas de acesso aos pavimentos superiores.

Observam-se elementos projetantes sobre o espaço urbano como marquises, volumes edificadas em balanço ou suportes de comunicação visual.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O volume edificado acima do pavimento térreo e sobreloja avança sobre o alinhamento predial do lote em balanço para ambas as ruas confrontantes. O tratamento das esquadrias que associam venezianas em madeira, demonstra cuidado e preocupação do arquiteto no tratamento das fachadas, diretamente relacionadas com o espaço urbano.

Partes dos pavimentos mais baixos do edifício traçam relações secundárias com o espaço urbano. Ao nível do pavimento térreo, a esquina em chanfro faz o edifício ceder área útil do lote como forma de ampliação do espaço de circulação do passeio (Figura 98).





Figura 98. Esquina em chanfro amplia espaço de circulação urbana. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

Na sobreloja, a fachada das lojas recua-se com relação a fachada cedendo espaço para uma galeria que, servindo de espaço intermediário entre o pavimento térreo e o volume do edifício ocupado pelos apartamentos, destaca-se na composição volumétrica como se fosse um grande terraço voltado para o espaço urbano (Figura 99).

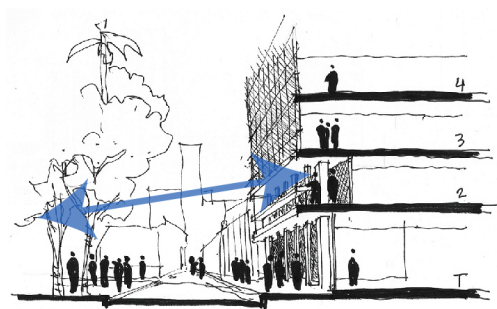


Figura 99. Galeria comercial superior funciona como terraço voltado à Praça General Osório. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

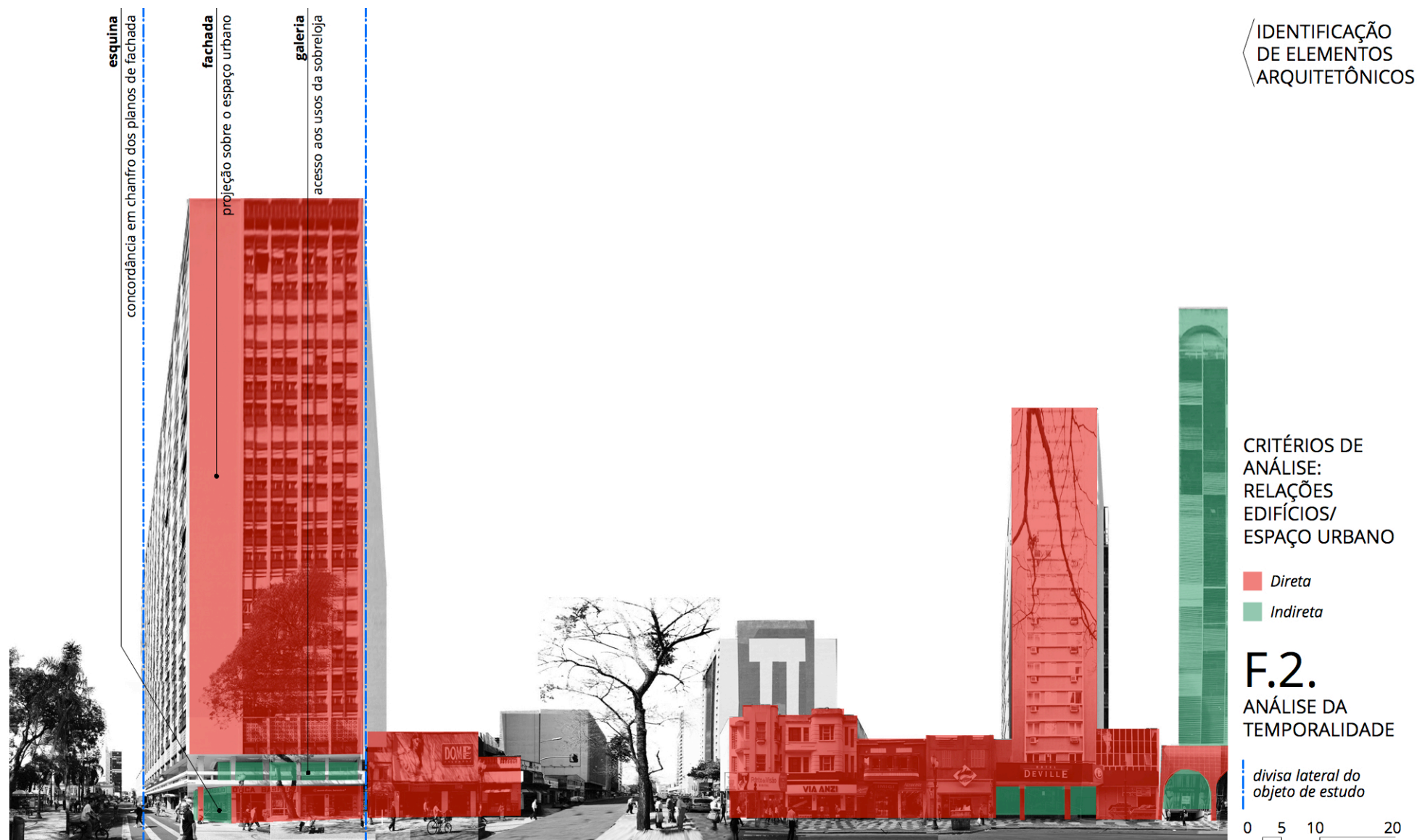


Figura 100. Corte urbano F. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### F.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

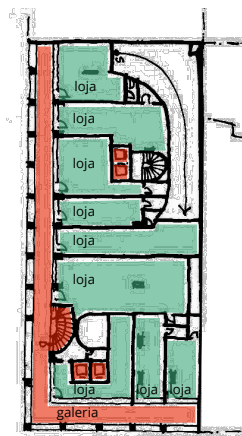
(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE F, FIGURA 102)

#### ENTORNO IMEDIATO

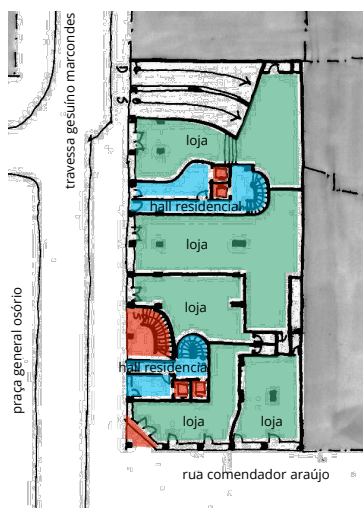
O corte F nos mostra o primeiro trecho analisado que, a partir da Rua Comendador Araújo, apresenta certa diversidade de usos, permeando entre habitação coletiva e transitória nos pavimentos das torres mais altas e comércio e serviços nas lojas dos pavimentos térreos. O edifício que abriga o hotel não compartilha o uso do pavimento térreo, dedicando este, integralmente a acesso e saguão em sua porção em contato com a rua.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 101)

O Edifício Provedor André de Barros caracteriza-se como uma torre residencial com embasamento comercial, que ocorre nos dois primeiros pavimentos. No térreo encontram-se dois núcleos de acesso aos apartamentos residenciais, cujas entradas alinham-se com a fachada. As demais áreas desse pavimento compõem um conjunto de 5 lojas de dimensões variadas que dão lugar a comércio de óculos, cosméticos, artigos importados e serviço de câmbio. O pavimento 2 tem acesso por escadas voltadas diretamente para a rua e é configurado pela galeria em “L” que dá acesso às lojas. Como observado no Edifício Asa, a configuração de lojas em galerias situadas em pavimentos superiores parece ser uma solução que conduz a uma revisão nos usos previstos. Muitas das lojas ali presentes dão lugar a escritórios e clínicas, atividades que não necessitam contar com a circulação do pedestre para desenvolverem-se.



PAVIMENTO 2



PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- |   |   |
|---|---|
| <span style="color: #00B0F0;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: #FF00FF;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: #0000FF;">■</span> Empresarial              | <span style="color: #FFA500;">■</span> Lazer e estar          |
| <span style="color: #008000;">■</span> Comercial e serviços     | <span style="color: #FF0000;">■</span> Circulação e acesso    |

Figura 101. Planta esquemática do Edifício Provedor André de Barros para análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



Figura 102. Corte urbano F. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## F.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

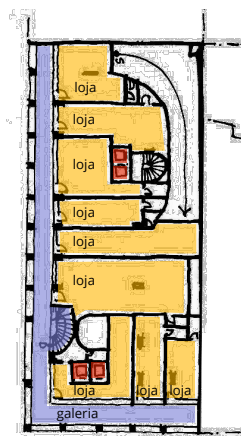
(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE F, FIGURA 104)

### ENTORNO IMEDIATO

O pavimento térreo dos edifícios presentes no corte F cede espaço a áreas privadas de uso comum, caracterizadas por lojas para comércio e serviços. Apenas o edifício que abriga o hotel apresenta um pórtico aberto de uso coletivo, que faz as vezes de espaço de ingresso ao equipamento. Os demais pavimentos de todos os edifícios caracterizam-se por áreas privadas de uso coletivo, dada a natureza de uso a eles delegada.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 103)

O Edifício Provedor André de Barros parece seguir a tendência de simultaneidade de usos apontada pelo Edifício Asa, onde a configuração de uma galeria superior de uso coletivo serve o conjunto de lojas. Entretanto a menor escala do edifício, condicionada pela dimensão do lote exige simplificação no conjunto de soluções arquitetônicas. A galeria térrea neste caso inexistente, dando lugar à escadaria de uso coletivo que dá acesso à galeria superior. A setorização de usos na configuração dos primeiros pavimentos permite simultaneidade dos usos privados e coletivos, sem interferências e sobreposições prejudiciais ao uso do edifício, podendo demonstrar que um edifício de menor porte pode apresentar potencial para o estabelecimento da urbanidade.



PAVIMENTO 2



PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Áreas privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 103. Planta esquemática do Edifício Provedor André de Barros para análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



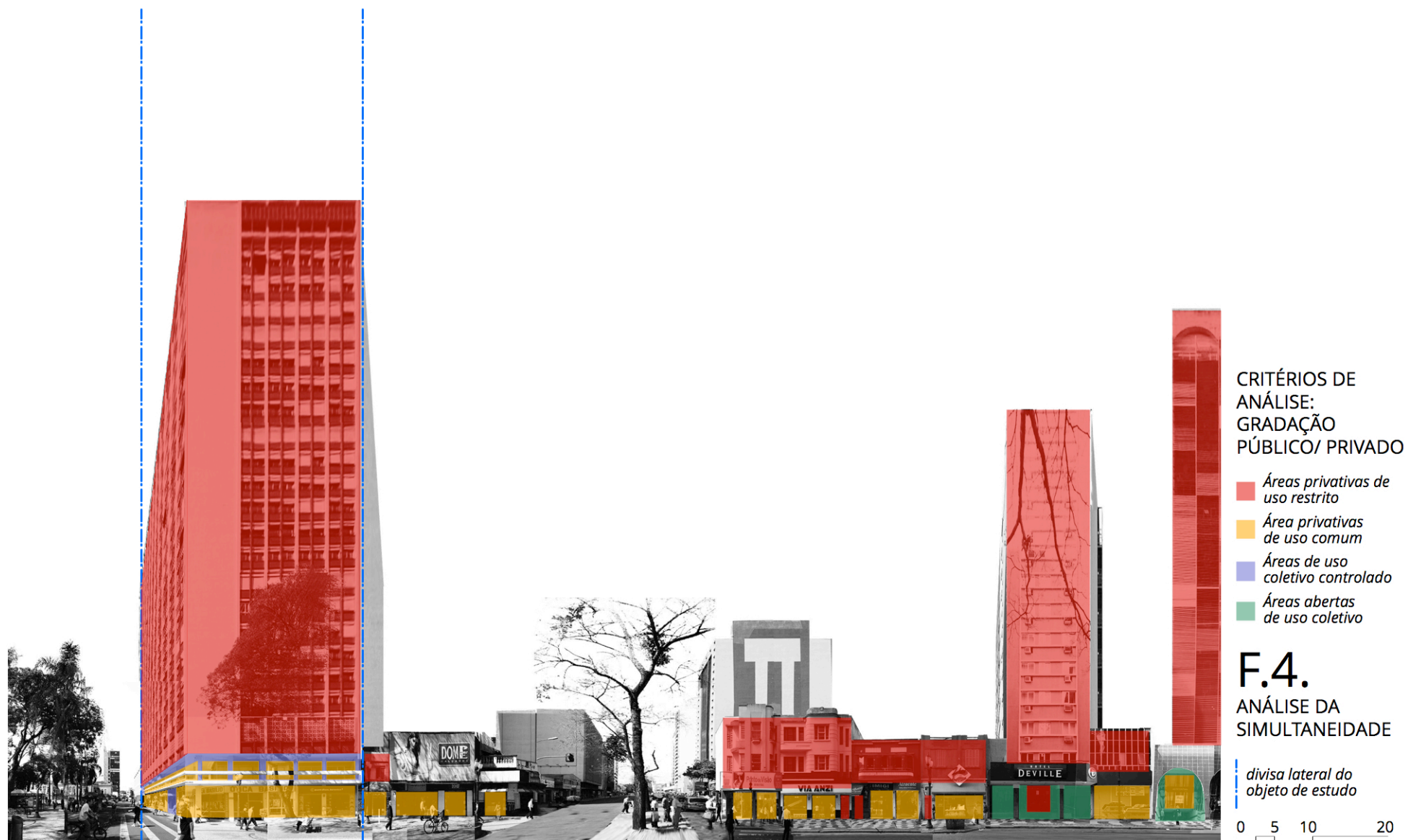


Figura 104. Corte urbano F. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.



### G. EXECUTIVE CENTER EVEREST

Projetado pelos arquitetos Orlando Busarello, Dilva Slomp Busarello e Luiz Forte Netto em 1975, o edifício de cerca de 20.000 m<sup>2</sup> ocupa um lote retangular de área de 3.658 m<sup>2</sup>, que faz frente para a Rua Comendador Araújo e fundos para a Rua 24 Horas.

O esquema formal-compositivo do edifício segue o clássico esquema torre/embasamento. O pavimento térreo é ocupado por uma ampla galeria comercial com 18 lojas com áreas variando entre 86 e 122 m<sup>2</sup>, organizadas ao longo de dois eixos interligados que unem os dois logradouros que fazem frentes ao lote.

A torre conta com 16 pavimentos ocupados por 98 conjuntos de 176 a 181 m<sup>2</sup> destinados a escritórios empresariais cujo acesso se dá por *hall* privativo aberto localizado na porção central do pavimento térreo, em meio à galeria comercial.

A Rua 24 Horas é uma galeria pública que cruza a quadra onde se insere o edifício, definida pelas Ruas Emiliano Pernetá, Comendador Araújo, Visconde de Nácar e Visconde do Rio Branco, fazendo ligação coberta que une as duas últimas vias.

Contando com lojas de comércio e serviços variados, foi a primeira galeria brasileira que propunha o conceito de funcionamento em tempo integral. Inaugurada em 1991, viveu alguns anos sendo referência da vida noturna da capital, fechando suas portas no ano de 2009 por estar sofrendo um processo de desqualificação ocasionado por ociosidade em pontos comerciais e frequentes episódios de vandalismo. A reabertura aconteceu no ano de 2011, após um conjunto de obras de revitalização e assinatura de contrato de administração com parceiro privado (Urbanização de Curitiba - URBS, 2016).

A integração entre a Rua Comendador Araújo e a Rua 24 Horas, através do pavimento térreo do *Executive Center Everest* caracteriza-se como um contundente benefício de integração entre edifício e espaço urbano na capital paranaense.





Figura 106. Mosaico fotográfico do *Executive Center Everest*. A: edifício visto desde a rua; B: galeria interna; C: vista do acesso à galeria interna; D: Rua 24 Horas vista desde o pântico posterior; E: conexão entre o edifício e a Rua 24 Horas. Elaborado pelo autor, 2015.

## G.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE G, FIGURA 109).

### ENTORNO IMEDIATO

No entorno do *Executive Center Everest* prevalece evidente, como nos exemplos anteriormente estudados, a relação de contiguidade entre os edifícios nas porções dos pavimentos mais baixos.

A ocupação dos lotes, junto ao alinhamento predial, continua a se dar de forma integral, não dando espaço à áreas intersticiais voltadas para o espaço urbano. Os volumes construídos projetam-se em altura na mesma largura que os lotes que ocupam, gerando as já recorrentemente observadas paredes de divisa, aqui mencionadas como empenas cegas (Figura 107).

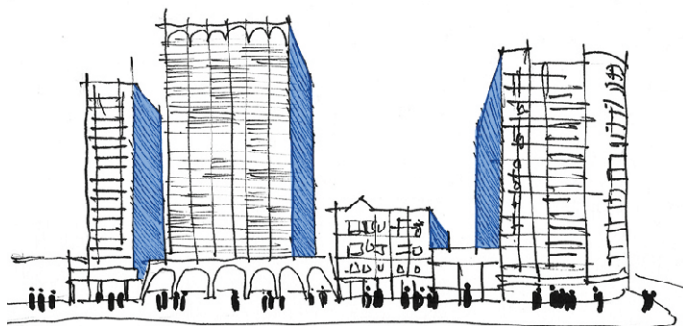


Figura 107. Empenas cegas nas divisas dos lotes. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O volume edificado do edifício caracteriza-se pelo clássico arranjo torre/embasamento, ocupando a totalidade do lote em área edificada. A torre forma duas empenas cegas junto às divisas laterais ao passo que o embasamento se apresenta inserido no enclave formado por seus vizinhos, em clara relação de contiguidade.

As diferenças de gabarito entre o volume do embasamento e os edifícios vizinhos evidenciam duas empenas laterais junto à rua, que, dada a

forma inclinada do plano de delimitação frontal do embasamento, aparecem desde seu encontro com o alinhamento (Figura 108).

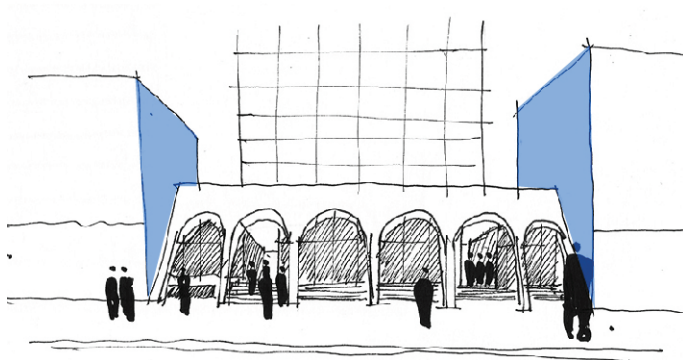


Figura 108. Empenas cegas nos edifícios vizinhos proporcionadas pelo baixo gabarito do embasamento. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



# IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

## CRITÉRIOS DE ANÁLISE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

■ *Intersticialidade*

■ *Contiguidade*

## G.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE

*divisa lateral do  
objeto de estudo*

0 5 10 20

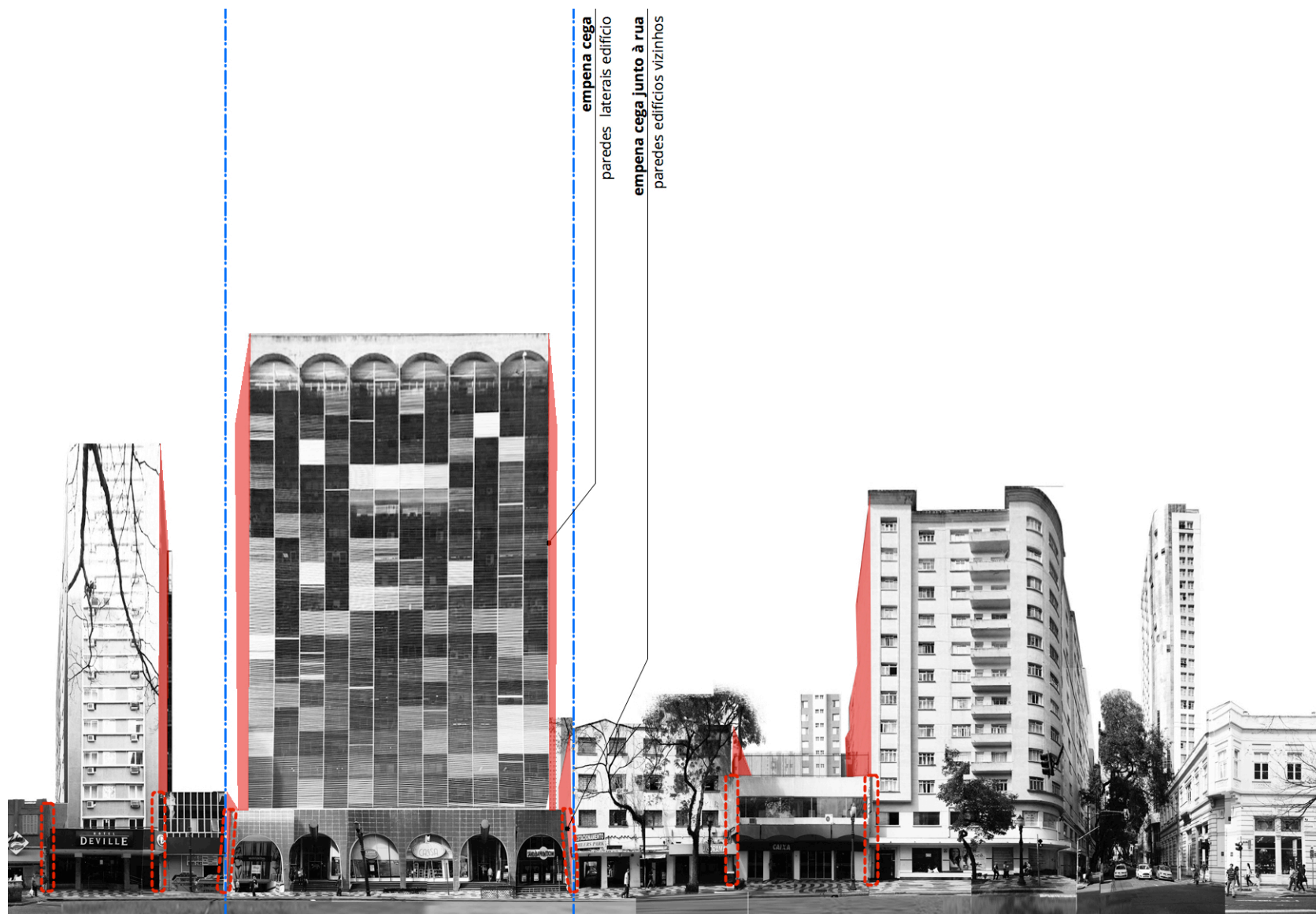


Figura 109. Corte urbano G. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## G.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE G, FIGURA 112)

### ENTORNO IMEDIATO

Ocorrem no entorno analisado algumas situações de relação indireta do pavimento térreo de edifícios com o espaço urbano, estando estes recuados com relação à rua e protegidos por pórticos (Figura 110).

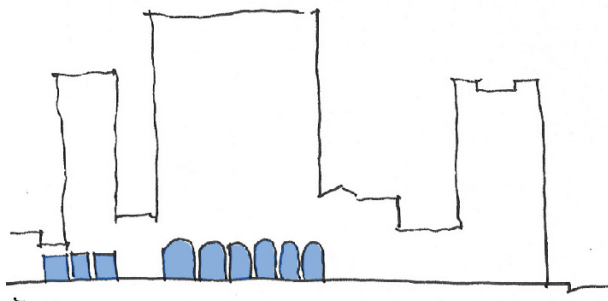


Figura 110. Pórticos cobertos integrados ao espaço urbano no pavimento térreo de edifícios. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

Os demais edifícios, alinham-se com os limites dos lotes, gerando fachadas contínuas, com aberturas de vitrinas, acessos a lojas e portas comunicando-se diretamente com a rua. Observam-se elementos projetantes sobre o espaço urbano como marquises, volumes edificadas em balanço e elementos de comunicação visual.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O esquema compositivo torre/embasamento que o *Executive Center Everest* apresenta, permite que o edifício trace tanto relações diretas como indiretas com o espaço urbano. O embasamento térreo forma um plano porticado em arcos com leve inclinação que parece convidar ao acesso, ao mesmo tempo que gera uma galeria frontal coberta. As escadas de acesso, existentes pelo fato de o pavimento térreo estar elevado com relação à rua, entretanto, tendem a inibir a livre circulação entre rua e edifício.



A torre, por sua vez, afastada da rua, gera um espaço na laje de cobertura do embasamento, dada sua relação indireta com o espaço urbano. A qualificação desse espaço não ocorre, constituindo-se em uma laje com impermeabilização que abriga as aberturas zenitais que trazem iluminação natural para as galerias (Figura 111).

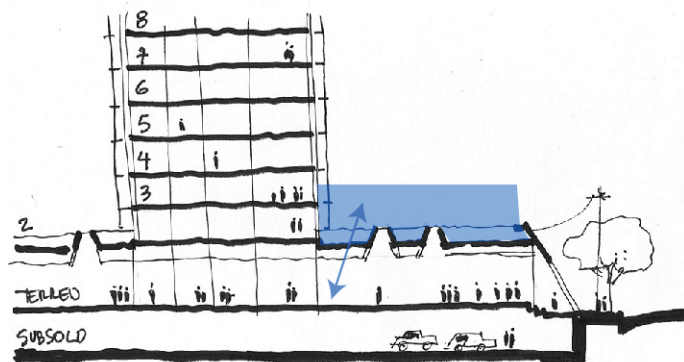


Figura 111. A laje de cobertura do embasamento do edifício não apresenta uso. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



Figura 112. Corte urbano G. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### G.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE G, FIGURA 114)

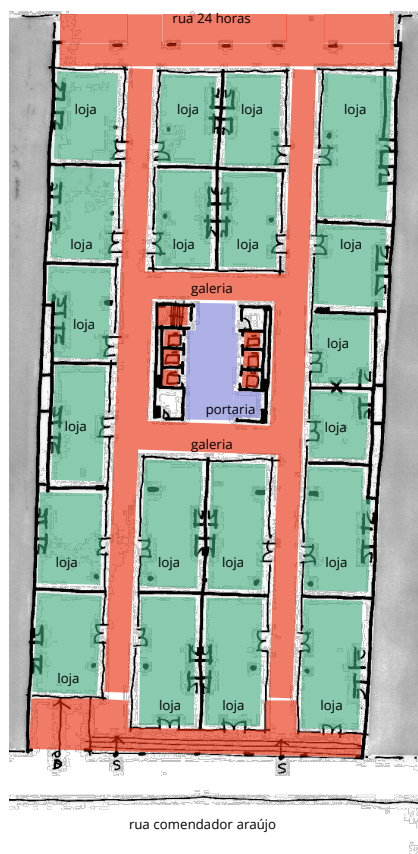
#### ENTORNO IMEDIATO

Apresentando-se como continuação do corte urbano F, o corte G compartilha de similaridades em termos de diversificação nos usos do pavimento térreo, onde ocorrem lojas de comércio e serviços.

As torres ali presentes destinam-se em sua maioria a uso residencial, transitório ou permanente, demonstrando uma tendência de ocupação residencial com o afastamento do centro.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 113)

O *Executive Center Everest* caracteriza-se por um edifício composto por torre de uso empresarial e embasamento comercial. O acesso à torre se dá na porção central da planta do embasamento, configurado por uma galeria em forma de "H", para onde voltam-se as lojas. O comércio e serviços presentes na galeria começam a diferenciar-se daqueles até então identificados neste estudo, sendo claramente voltado a público de maior poder aquisitivo. Ali estão presentes antiquários, lojas de presentes de grife, papelaria especializada, segmento especial de banco, café *gourmet* entre outros. O contato direto entre a galeria e a Rua 24 Horas parece mostra-se benéfico para a diversidade não só do edifício em si, como de todo entorno. Forma-se uma rede de usos variados e complementares que beneficia os que por ali transitam, trabalham e habitam.



## PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

Habitacional e hotelaria  
Empresarial  
Comercial e serviços

Institucional e cívico  
Lazer e estar  
Circulação e acesso

Figura 113. Planta esquemática do *Executive Center Everest* para análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

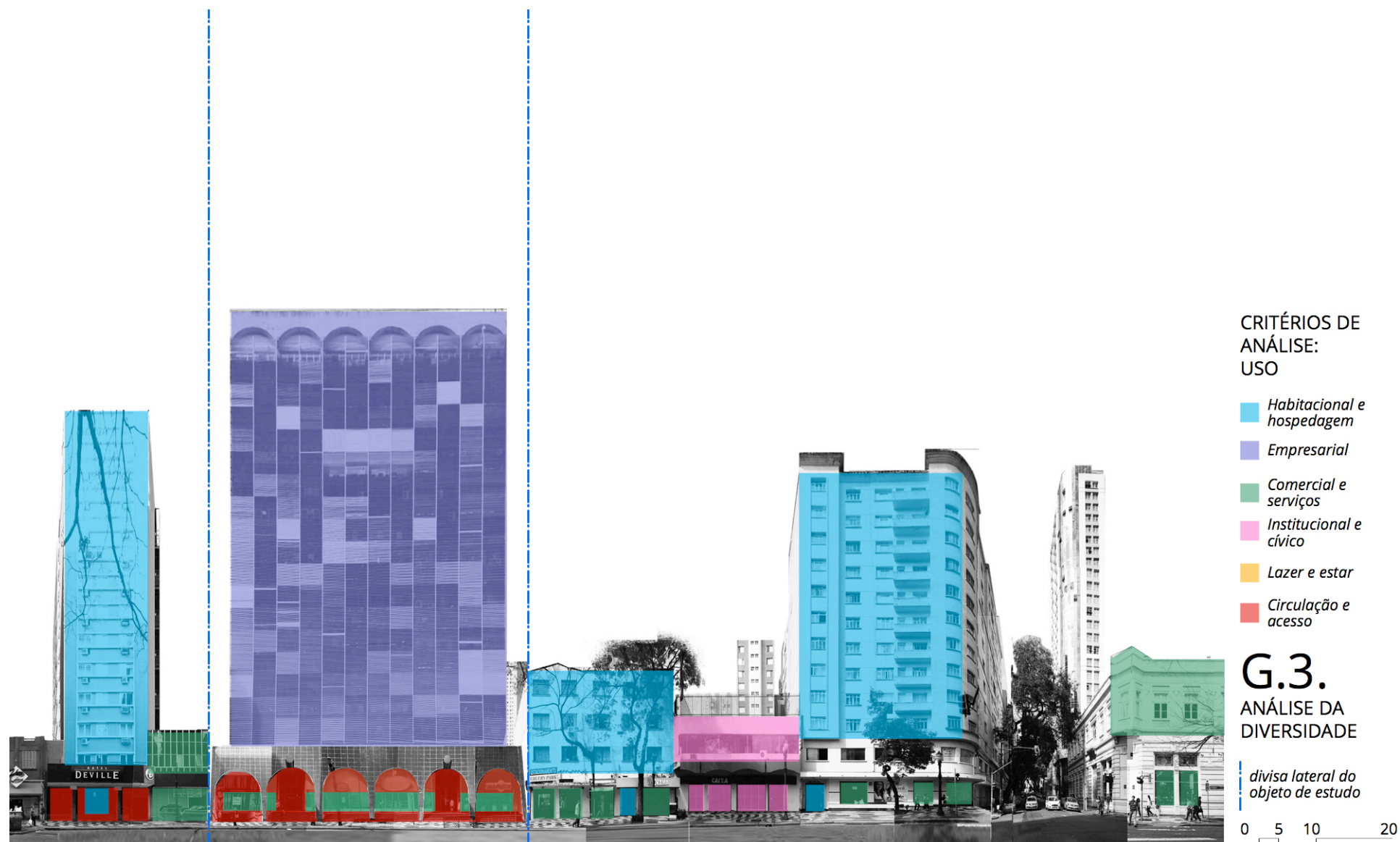


Figura 114. Corte urbano G. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## G.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE G, FIGURA 116)

### ENTORNO IMEDIATO

Predominam nos pavimentos superiores das torres representadas no corte urbano G áreas privadas de uso restrito, correspondentes aos usos privativos que ali acontecem. Ao nível térreo, segue-se o padrão de ocupação já observado por este estudo, onde lojas voltadas para a rua configuram áreas privadas de uso comum.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 115)

O pórtico que forma a fachada do embasamento do *Executive Center Everest* configura uma galeria aberta de apropriação coletiva que funciona como transição entre edifício e cidade, aos moldes do que observamos no entorno da Agência Bamerindus.

A partir desse porticado, têm-se dois acessos à galeria que configura uso coletivo controlado, condicionado pelo regime de funcionamento do edifício. Observa-se a presença de *hall* de acesso controlado aos pavimentos da torre, o que constitui-se em um diferencial com relação aos edifícios anteriormente estudados.

A solução arquitetônica do porticado de acesso, ao repetir-se na fachada posterior do embasamento, proporciona um espaço coletivo circulatório de transição entre o edifício e a Rua 24 Horas.

O espaço coletivo de circulação gerado pela conjunção sistêmica entre edifício e Rua 24 Horas gera um componente urbano nos pavimento térreo *sui generis* na capital curitibana. A qualificação individual de cada setor permanece inalterada devido à complementaridade nos usos oferecidos por cada área.

Entretanto, cabe ressaltar que os espaços de uso coletivo presentes no edifício, restringem-se à circulação e acesso. Observa-se a carência de espaços de uso coletivo qualificados, como praças e ambientes de estar. A presença desses elementos poderiam conferir ao conjunto alguns diferenciais arquitetônicos aos demais edifícios estudados.





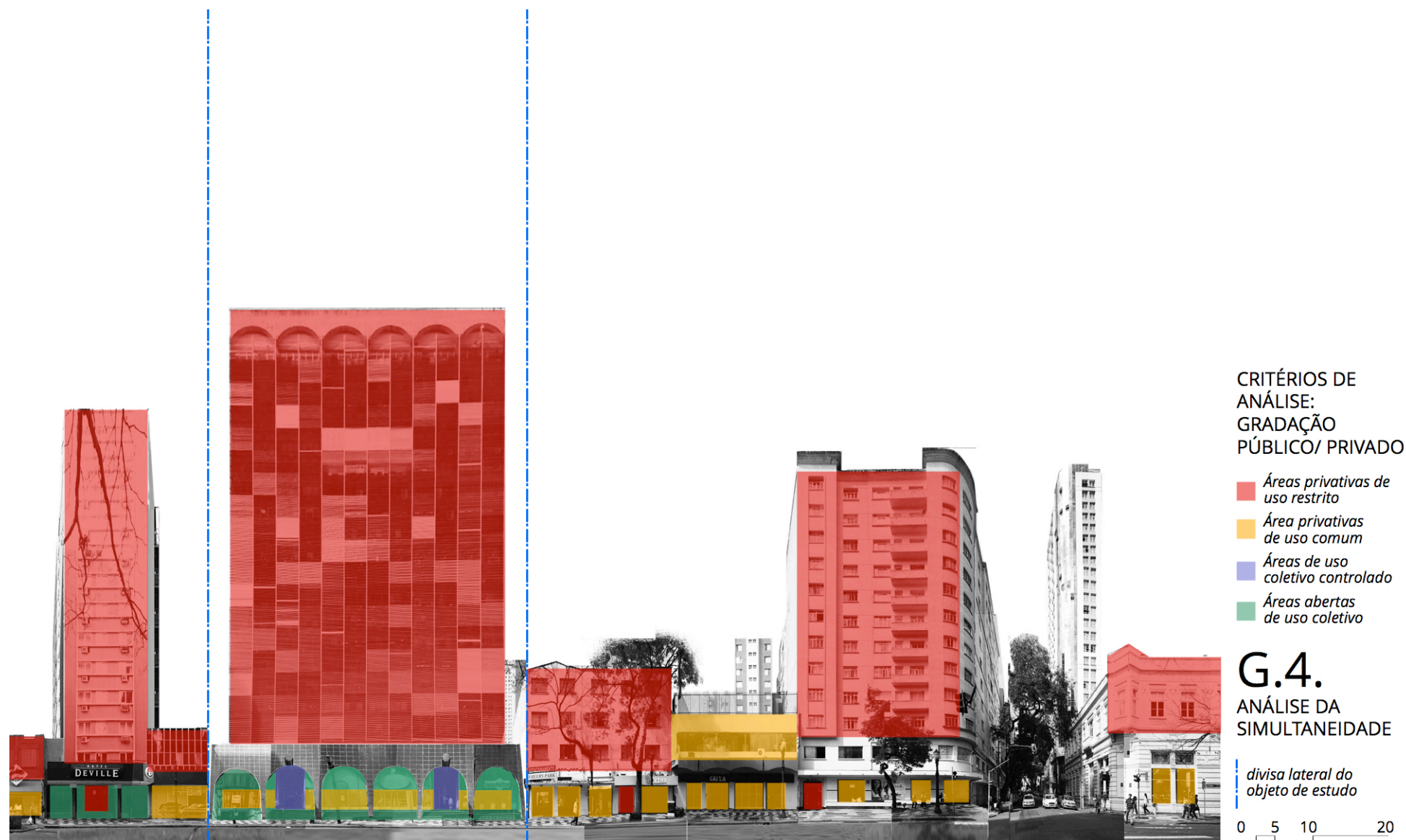


Figura 116. Corte urbano G. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.



## H. *UNIVERSE LIFE SQUARE*

Concluído em 2013 pelas empresas incorporadoras Rossi e Irmãos Thá, o edifício com seus 44 pavimentos adquiriu o título do mais alto edifício construído de Curitiba, contando com 152 m de altura. O projeto do escritório paulista Koningsberg & Vanucci compreendeu uma área construída de 46.913 m<sup>2</sup> implantados em um lote de 3.976 m<sup>2</sup> de formato retangular longilíneo com frente para três ruas.

A maior frente do lote alinha-se à Rua Visconde do Rio Branco, uma via local que cruza o Centro da cidade no sentido Norte-Sul. As outras duas frentes são para as ruas Comendador Araújo e Vicente Machado.

O empreendimento segue a tendência do múltiplo uso baseada no trinômio morar/trabalhar/consumir, congregando escritórios e apartamentos de alto luxo, associado a comércio de alto nível no pavimento térreo.

O edifício compõe-se por uma adição de um volume prismático modificado, de gabarito alto e situado na porção mediana do lote, com outros volumes de gabarito baixo, posicionados ao longo das vias opostas que formam o perímetro da área. Esse volume de maior gabarito abriga os usos empresarial (com conjuntos entre 46 e 584 m<sup>2</sup> de área) e residencial (apartamentos e estúdios de 1 e 2 dormitórios).

As lojas, que variam de 139 a 1.320 m<sup>2</sup> ocupam o pavimento térreo, que se divide em dois devido ao inclinado perfil natural do terreno. O térreo superior, acessado pela Rua Comendador Araújo e o inferior, pela Rua Visconde do Rio Branco. Cada um dos térreos é acessado por uma praça aberta para a cidade, que oferece ambientes de estar e contemplação.

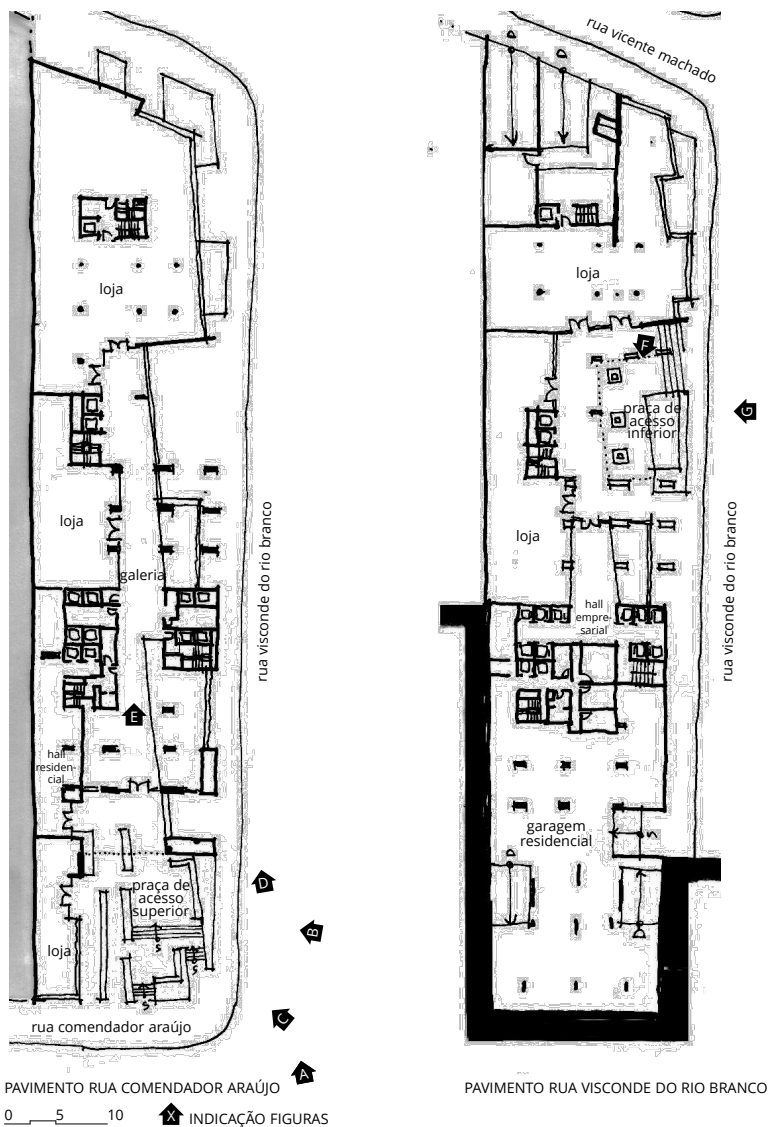


Figura 117. *Universe Life Square*. Planta esquemática dos pavimentos Rua Comendador Araújo e Rua Visconde do Rio Branco. Croqui elaborado pelo autor, 2015.



Figura 118. Mosaico fotográfico do *Universe Life Square*. A: vista do edifício desde a Rua Visconde do Rio Branco; B: concepção artística do edifício; C: vista da praça de acesso superior desde a esquina das ruas Comendador Araújo e Visconde do Rio Branco; D: vista da porção térrea inferior do edifício ao longo da Rua Visconde do Rio Branco; E: galeria interna; F: praça de acesso inferior Rua Visc. do Rio Branco; G: vista da praça desde a rua. Elaborado pelo autor, 2015.

## H.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE H, FIGURA 121)

### ENTORNO IMEDIATO

No entorno observado corte H, começamos a perceber o aparecimento de relações de intersticialidade entre edifícios, quebrando o padrão de contiguidade apresentado até então, através dos objetos anteriormente estudados (Figura 119).

Ainda assim, alguns edifícios ali presentes seguem o esquema de ocupação de toda a extensão da largura do lote, evidenciando suas empenas laterais que surgem acima da cobertura de seus vizinhos.

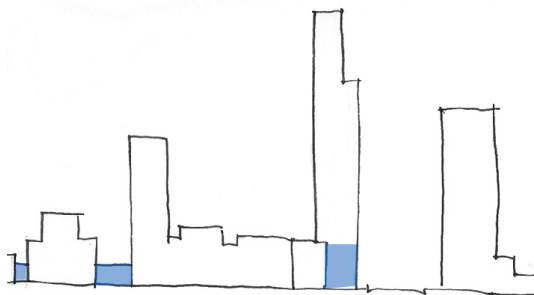


Figura 119. Espaços intersticiais entre edifícios. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O conjunto edificado do *Universe Life Square* ocupa o lote de maneira complexa, constituindo volumes edificados de gabaritos diferentes que abrem espaços qualificados em seus interstícios.

A densidade construída, ao contrário de outros edifícios de porte analisados anteriormente, distribui-se principalmente em um volume de grande gabarito descolado das dividas do lote. Dessa forma, o edifício principal, posicionado na porção central do lote, tem todas as suas fachadas arquitetonicamente pensadas na proposição volumétrica, sem a ocorrência de empenas cegas.

Os volumes secundários acompanham o gabarito da edificação existente no lote vizinho, traçando com este uma relação de contiguidade. Na Rua Comendador Araújo, o volume ocupado por uma loja, parece ter sido deliberadamente projetado para promover costura com os edifícios vizinho, apresenta contiguidade total com este junto à divisa do lote (Figura 120). Essa configuração remete à situação semelhante observada na análise do edifício A, a Procuradoria da República, com seu vizinho.

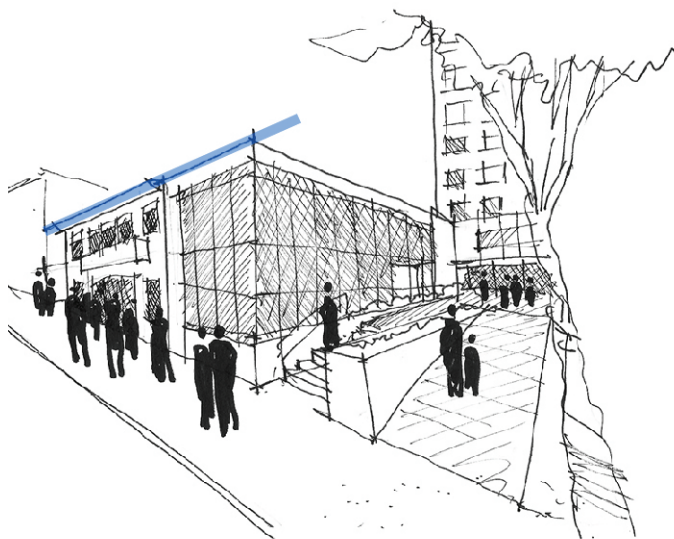


Figura 120. Alinhamento de gabaritos entre edifício vizinho e parte do *Universe Life Square*. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

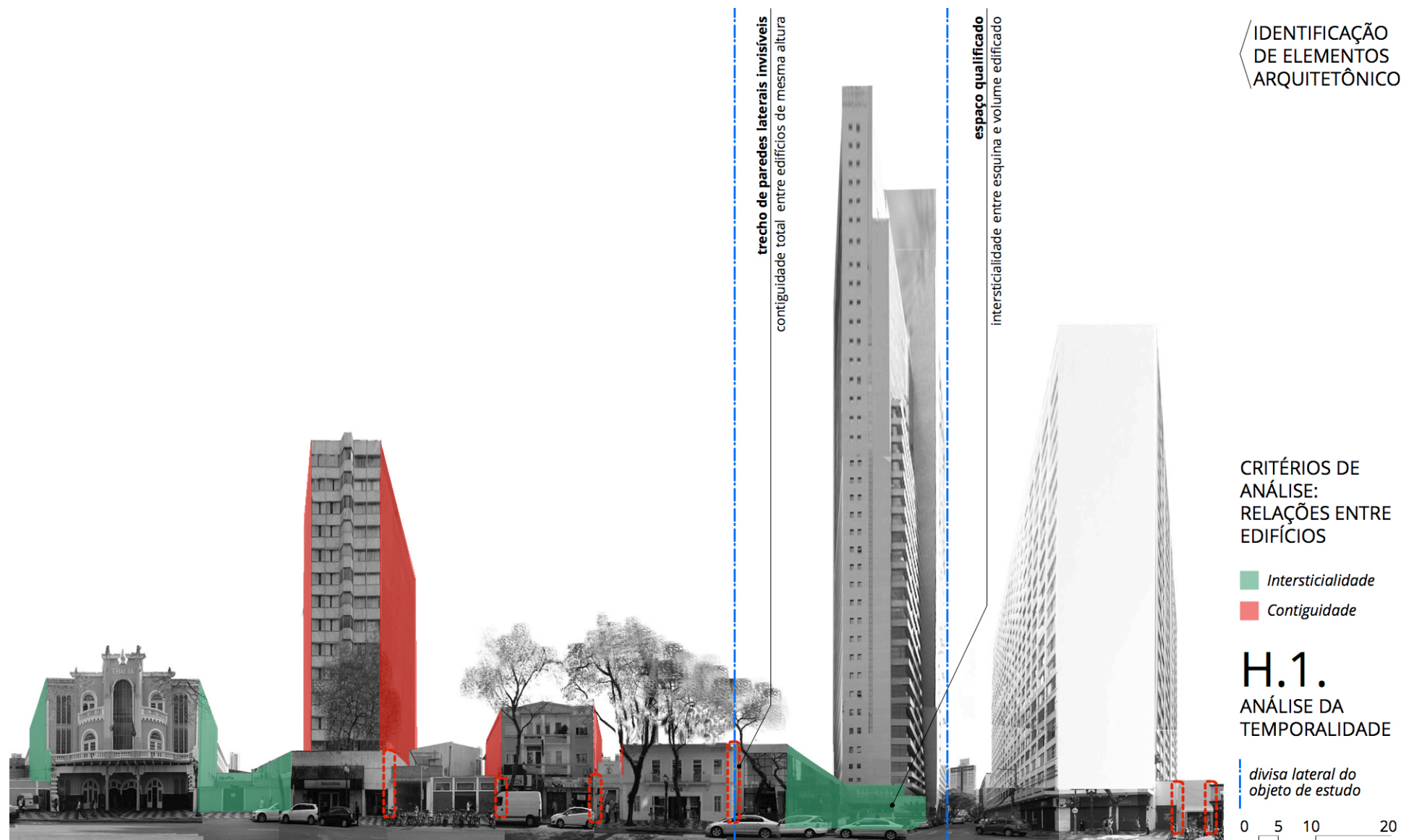


Figura 121. Corte urbano H. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## H.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE H, FIGURA 123)

### ENTORNO IMEDIATO

Os diferentes edifícios que formam o entorno do *Universe Life Square*, apresentam características de inserção bastante heterogêneas, traçando relações tanto diretas como indiretas com o espaço urbano, como pórticos de acesso e torres recuadas do alinhamento predial.

Ao nível da rua percebe-se a presença de aberturas de acesso aos edifícios ou a lojas ali presentes. Há poucos elementos projetantes sobre o espaço da rua, resumindo-se a alguns toldos que protegem o acesso a espaços comerciais.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

Podemos observar que a configuração volumétrica das partes que formam o conjunto edificado do *Universe Life Square* conduz a qualificação do espaço promovido pela relação indireta da torre principal com a rua. A praça de acesso que ali se forma, desenvolve-se em uma sucessão de níveis acessíveis por meio de escadarias e rampas, intercaladas por floreiras e bancos (Figura 122).

Essa situação de qualificação de espaço intersticial de relação indireta com a rua ocorre em outra porção da implantação, junto a Rua Visconde do Rio Branco, formando uma segunda praça de acesso, que é interligada por uma galeria interna ao edifício.

O mobiliário das praças parece adquirir caráter público seja pela simplicidade da forma, seja pela escolha de materiais duráveis, como granito e madeira. O exuberante paisagismo vegetado parece buscar ambiência ao espaço, propiciando agradáveis áreas de estar e contemplação.



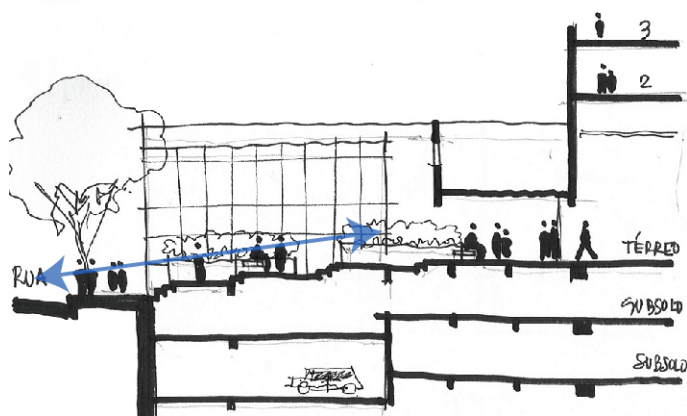


Figura 122. Relação da praça de acesso superior com a rua. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



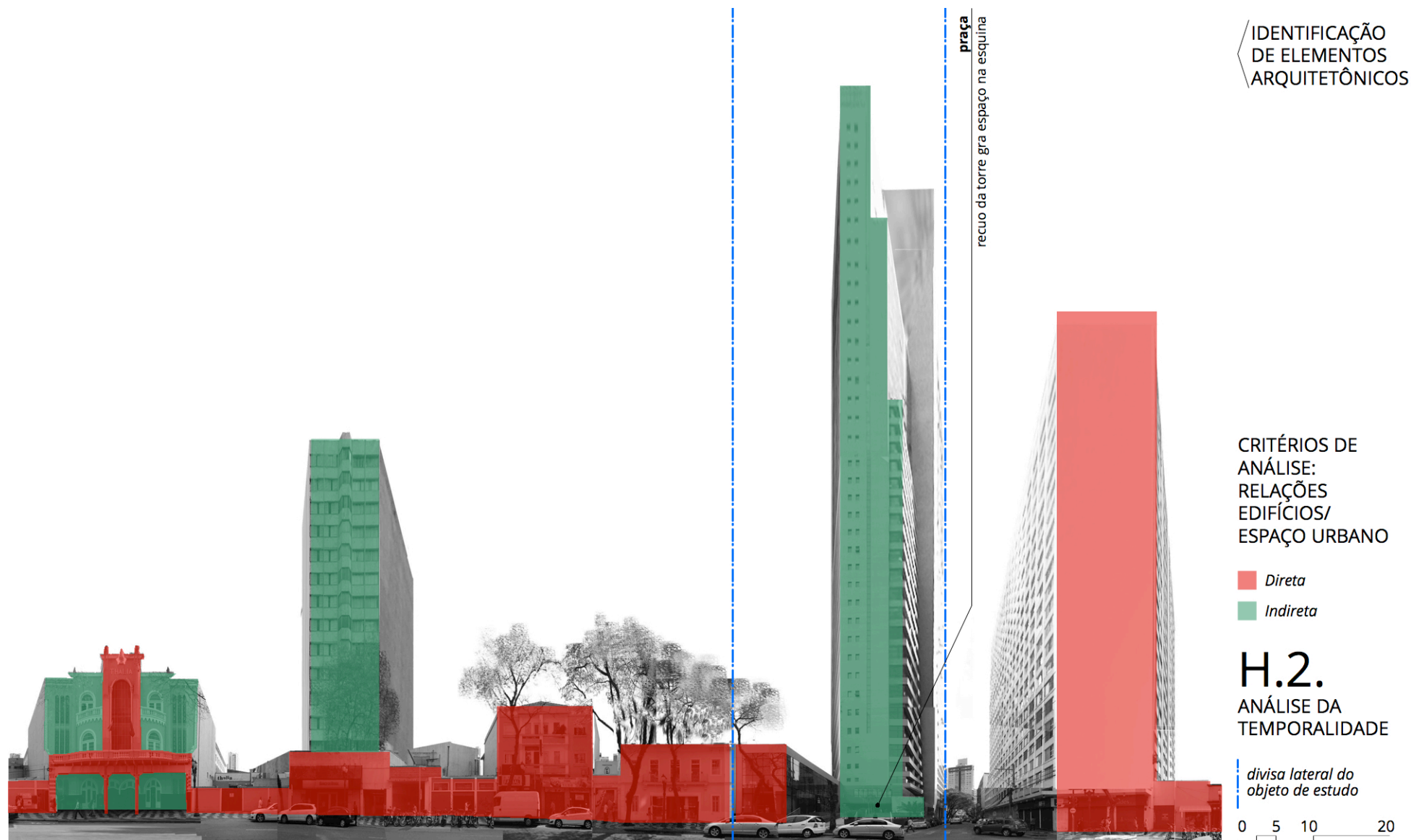


Figura 123. Corte urbano H. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### H.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE H, FIGURA 126)

#### ENTORNO IMEDIATO

O entorno analisado através do corte H apresenta grande diversidade de usos. Além do tradicional comércio de rua observado nos cortes anteriores, que aos poucos começa a sofrer um processo de qualificação, atraindo caros cafés, tabacarias, encontramos ali o edifício que abriga áreas de um tradicional clube recreativo curitibano e um centro comercial de médio porte que cruza a quadra desenvolvendo-se em dois pavimentos.

Outros edifícios seguem o esquema de torre ocupada por uso habitacional em seus pavimentos com térreo compartilhando acesso à torre e lojas ocupadas com atividades de comércio e serviços.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 124 E FIGURA 125)

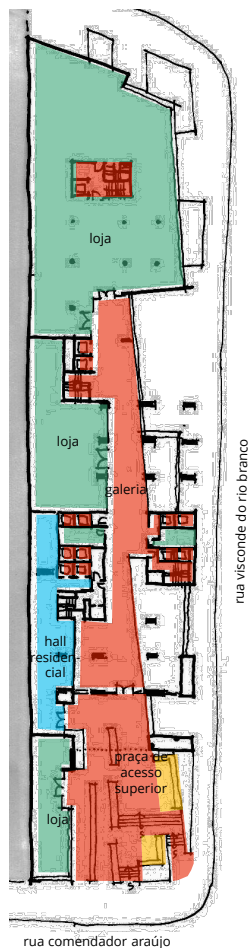
O *Universe Life Square* posiciona-se como um franco exemplo de diversidade de usos, tanto em seu pavimento térreo como na torre. A torre tem usos empresarial e residencial com espaços de ingresso pelo térreo que se desdobra em dois níveis, valendo-se do perfil natural do terreno propiciado pela diferença de cotas entre a Rua Comendador Araújo e sua oposta, a Rua Vicente Machado.

Os pavimentos térreos dessa forma gerados unem-se através de uma galeria linear servida por elevadores e escadas exclusivos, acessada em seus extremos através das praças de acesso. A praça superior, situada na esquina entre as ruas Comendador Araújo e Visconde do Rio Branco, eleva-se do nível da esquina em pouco mais de 1 metro, sendo acessada através de um conjunto de rampas e amplas escadas. Conjuga-se à praça uma loja externa à galeria, que abriga uma franquia internacional de café e lanches.

A praça inferior conjuga o acesso à galeria, o *hall* empresarial e um grupo de grandes lojas, ainda em fase de ocupação. Uma delas abrigará uma agência de segmento especial de banco.

Ambas as praças conciliam usos de estar e contemplação, constituindo-se de ambientes aprazíveis, seja pela presença de repuxos e paisagismo exuberante, seja pela sua condição topológica, urbanas ao mesmo tempo que protegidas. A qualificação do conjunto edificado como um

todo talvez permita que ali operem usos que em outras situações voltadas para o espaço urbano, não ocorreriam.



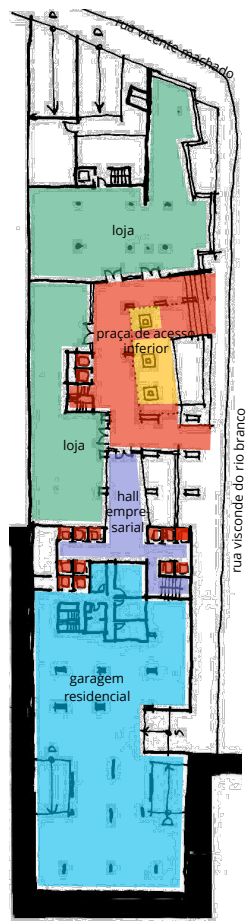
PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

Habitacional e hotelaria  
Empresarial  
Comercial e serviços

Institucional e cívico  
Lazer e estar  
Circulação e acesso

Figura 124. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Comendador Araújo do *Universe Life Square*. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- |  |  |
|--|--|
| <span style="color: blue;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: pink;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: purple;">■</span> Empresarial            | <span style="color: yellow;">■</span> Lazer e estar        |
| <span style="color: green;">■</span> Comercial e serviços    | <span style="color: red;">■</span> Circulação e acesso     |

Figura 125. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Visconde do Rio Branco do *Universe Life Square*. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

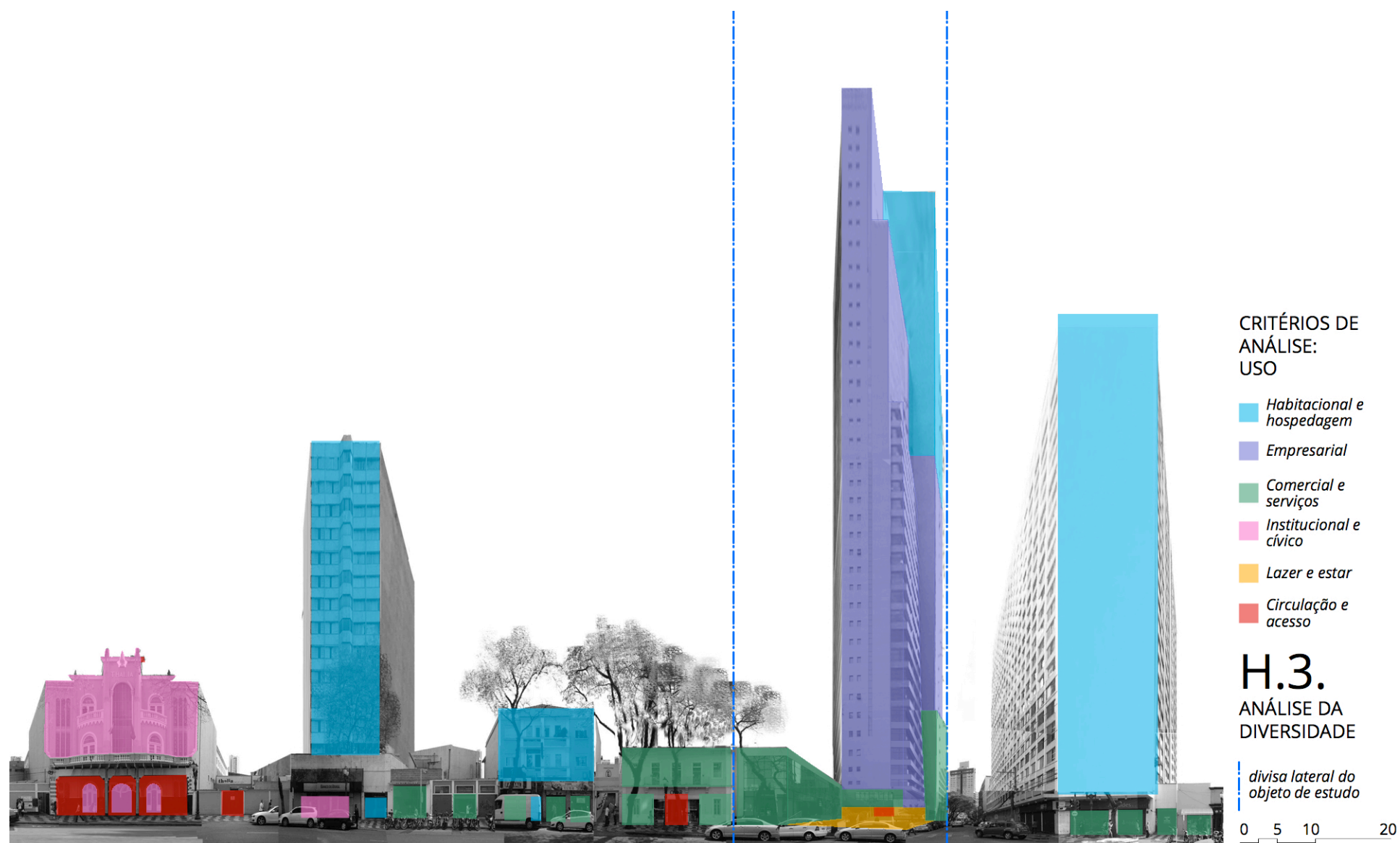


Figura 126. Corte urbano H. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## H.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE H, FIGURA 129)

### ENTORNO IMEDIATO

As variações de simultaneidade em edifícios no entorno do corte H variam entre ocupação com áreas privativas de uso restrito nos pavimentos dos edifícios de uso residencial com áreas privadas de uso comum no térreo.

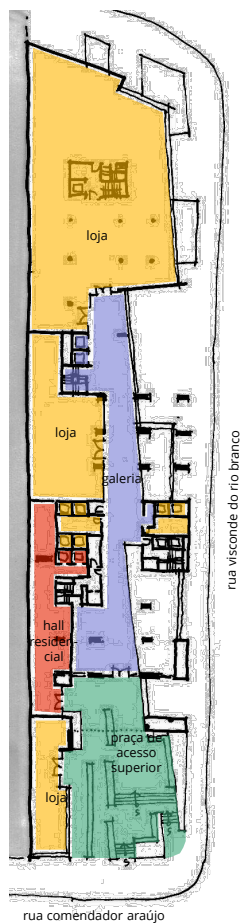
Alguns edifícios conjugam áreas privadas de uso comum em todos os seus pavimentos, como o clube recreativo e o centro comercial.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 127 E FIGURA 128)

No *Universe Life Square*, a simultaneidade de usos públicos e privados está presente em praticamente todas as áreas de uso comum, caracterizando áreas de uso coletivo controlado, representadas pela galeria coberta e áreas abertas de uso coletivo, formadas pelas praças de acesso.

Os demais usos do complexo estão setorizados pelo conjunto desses dois elementos arquitetônicos, tendo seus acessos encerrados por *halls* privativos e de acesso controlado. Dessa forma, as áreas de uso coletivo aproveitam-se não só como espaços para circular e consumir, mas abrem ambientes bastante aprazíveis e propícios às atividades de estar e contemplar.

A criação de áreas coletivas com essa natureza eleva o edifício a um patamar não anteriormente percebido através dos outros estudos, aproximando o conjunto das qualidades inerentes ao atributo da simultaneidade.



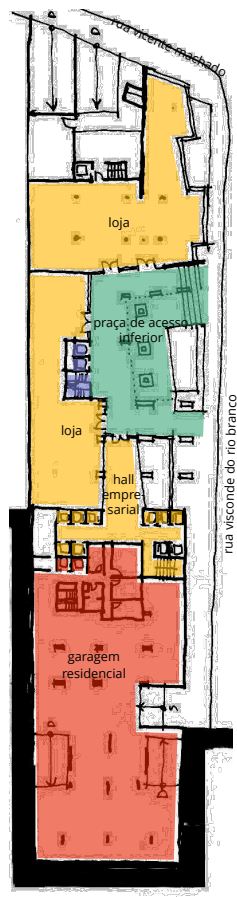
PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 127. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Comendador Araújo do *Universe Life Square*. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.





PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 128. Planta esquemática do pavimento térreo Rua Visconde do Rio Branco do *Universe Life Square*. Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

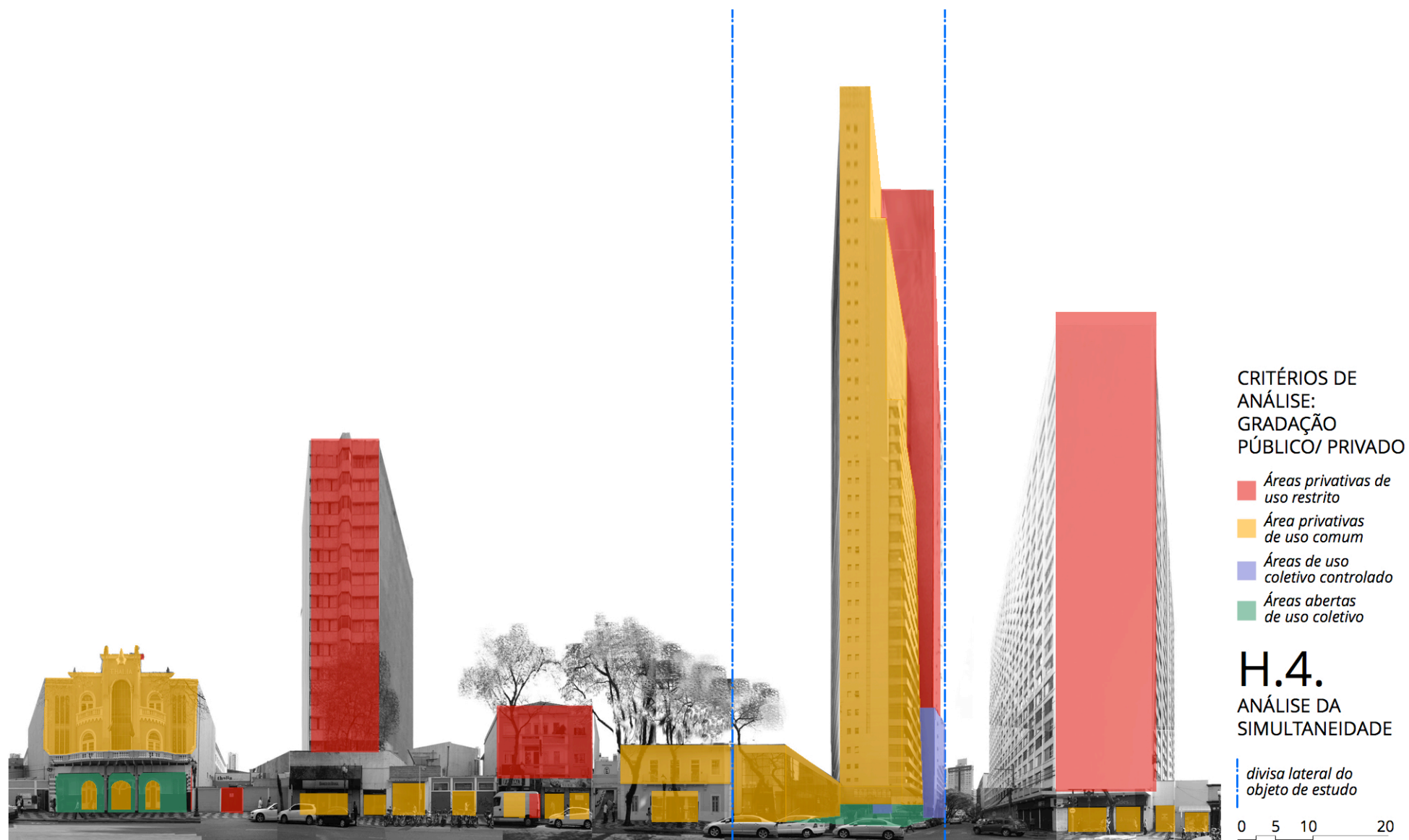


Figura 129. Corte urbano H. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## I. EVOLUTION TOWERS

Tendo sido projetado pelos escritórios curitibanos CASACINCO e Baggio & Schiavon Arquitetos e incorporado e construído pelas empresas Irmãos Thá e Fal 2, o edifício *Evolution Towers* foi um dos primeiros empreendimentos de múltiplo uso de grande porte a ser implantado em Curitiba.

Finalizado em 2004, o edifício de 46.235 m<sup>2</sup> ocupa um lote de forma quadrangular de 4.261 m<sup>2</sup> que faz frente para outras duas vias além da Rua Comendador Araújo, a Avenida Brigadeiro Franco, importante eixo viário de distribuição e ligação dos bairros da região sul da cidade e a Rua Coronel Mena Barreto Monclaro.

Para a implantação do edifício, houve a unificação de outros lotes menores, a exceção do lote ocupado pelo edifício de dois pavimentos na esquina entre a Rua Comendador Araújo e Avenida Brigadeiro Franco. Um condicionante importante foi a manutenção e incorporação ao conjunto da fachada da residência que pertencera ao historiador paranaense David Carneiro, ocupante anterior do lote.

O projeto resultante compõe-se de um único edifício, praticamente destacado das divisas do lote, formado por 3 volumes prismáticos de alturas diferentes. O volume de maior altura é ocupado por unidades de hotelaria em regime de *flat* com 195 unidades. O volume intermediário, voltado para a Rua Comendador Araújo, é ocupado por hotel internacional com 182 quartos. O volume de menor altura, na esquina da Avenida Brigadeiro Franco com a Rua Coronel Mena Barreto Monclaro é ocupado por grandes salas de uso empresarial que variam de 150 a 250 m<sup>2</sup>.

No pavimento térreo, os acessos funcionam independentemente, sendo conjugados por uma grande praça. A partir dela tem-se acesso a uma galeria que dá acesso à ala empresarial e ao centro cultural que foi erigido

em homenagem a David Carneiro. Os acessos aos demais usos do complexo dão-se diretamente pela praça, no caso do flat e pela Rua Comendador Araújo, no caso do hotel.

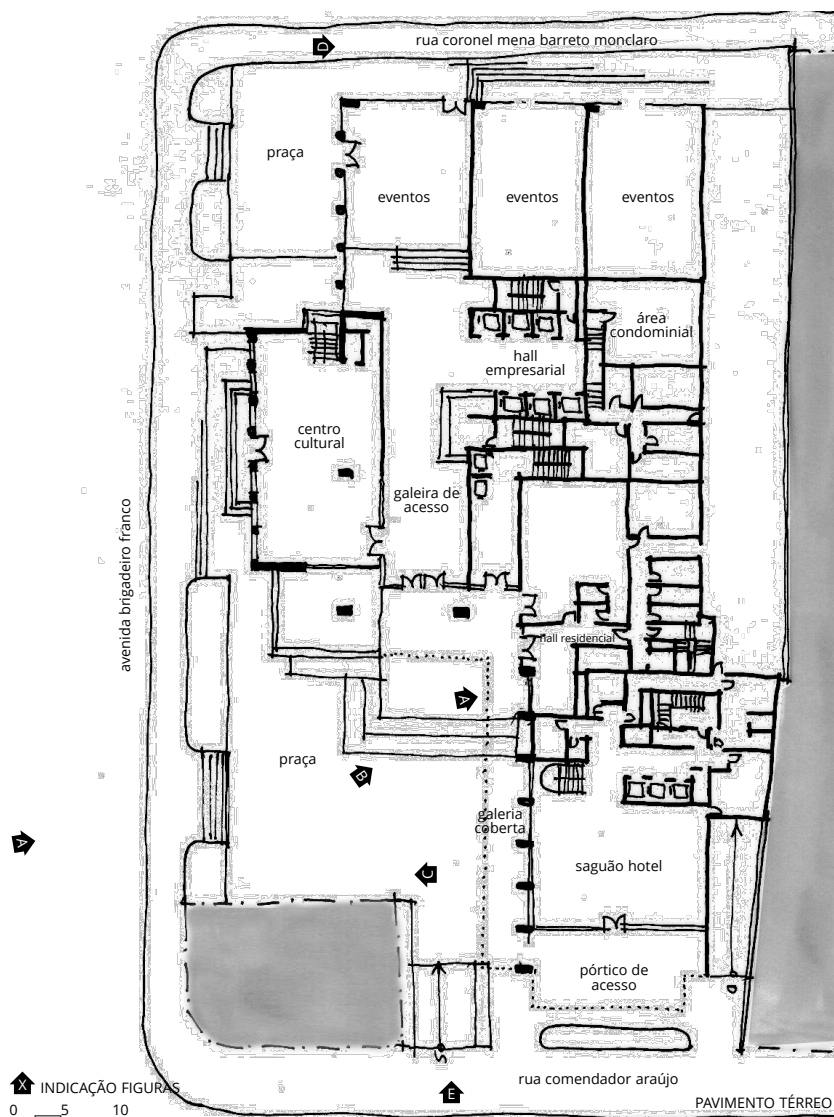


Figura 130. *Evolution Towers*. Planta esquemática do pavimento térreo. Croqui elaborado pelo autor, 2015.

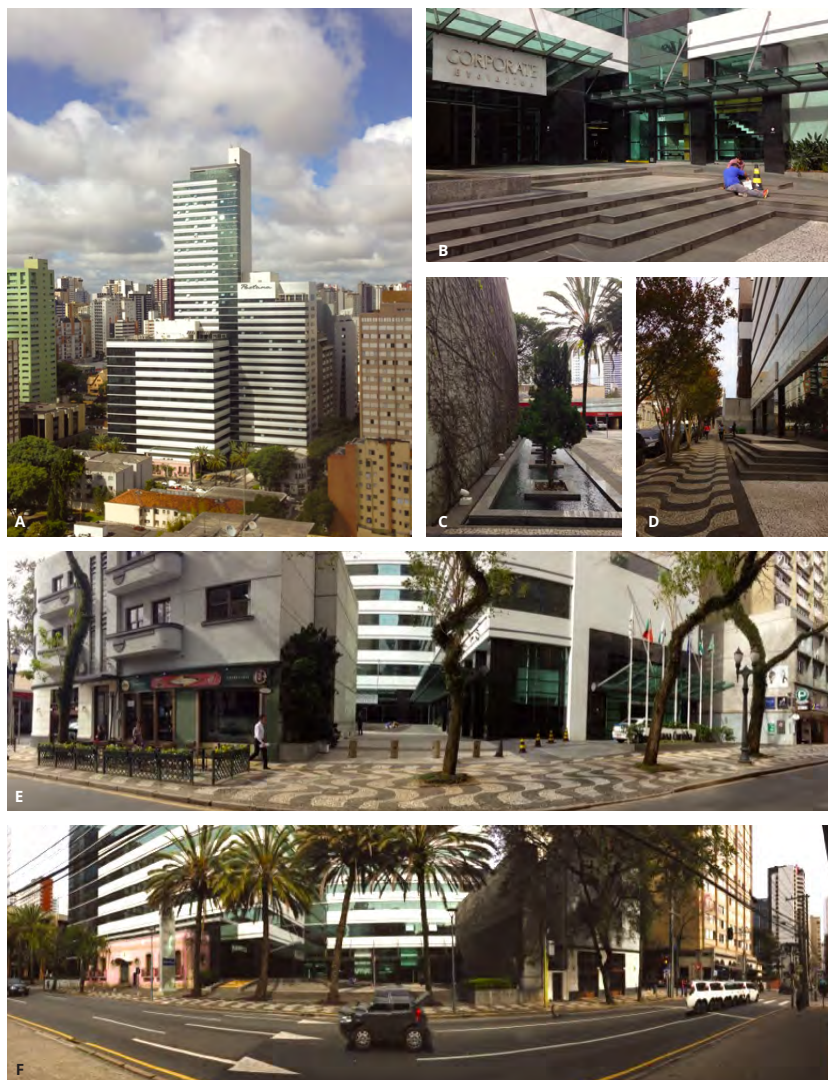


Figura 131. Mosaico fotográfico do *Evolution Towers*. A: vista aérea do edifício; B: vista dos acessos à galeria e ao saguão da porção residencial, desde a praça; C: tratamento paisagístico junto à empena lateral do edifício vizinho à praça; D: vista da rua Coronel Mena Barreto Monclaro; E: praça interna vista a partir da Rua Comendador Araújo; F: praça interna vista desde a Avenida Brigadeiro Franco. Elaborado pelo autor, 2015.

## I.1. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES ENTRE EDIFÍCIOS

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE I, FIGURA 134)

### ENTORNO IMEDIATO

O entorno representado pelo corte I mostra edificações de formas e tamanhos variados, observando-se destaque no volume edificado do nosso objeto de estudo. Ao nível da rua, observamos tanto situações de contiguidade como de intersticialidade entre edifícios.

Diferenças de gabarito entre edifícios, associada à ocupação integral da largura de alguns lotes, promovem o destaque empenas cegas nas paredes laterais dos edifícios que se destacam verticalmente

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

O *Evolution Towers* constitui-se principalmente de um volume composto pela adição de três volumes com alturas variadas, totalmente destacados das divisas do lote, guardando recuos laterais, observando-se uma pequena situação de contiguidade com edificação do lote vizinho.

Dessa forma, a intersticialidade entre os volumes do edifício e seus confrontantes prevalece como sendo a principal forma de articulação física. Os espaços intersticiais formados pelo edifício estudado e seus confrontantes evidenciam-se na Rua Comendador Araújo, promovendo o destaque da verticalização da torre, como se o edifício fosse projetado isoladamente no lote (Figura 132). A qualidade dos espaços intersticiais nesse trecho resumem-se à passagens. A passagem à direita serve de acesso às garagens do subsolo ao passo que a passagem da direita faz ligação do espaço da rua com a praça interna.



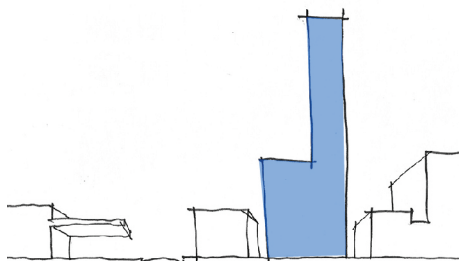


Figura 132. Destaque do Evolution Towers como um edifício isolado no lote. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

Apesar da qualificação dos espaços intersticiais, fica evidente que a ausência de volumes secundários, de altura similar aos edifícios confrontantes, como ocorre no *Universe Life Square*, ou no edifício da Procuradoria da República, dificulta a reconstituição da quadra, dando evidência exagerada a verticalidade da torre. As empenas laterais dos edifícios vizinhos ganham destaque, formando paredões cegos sem tratamento estético ou paisagístico que minimizem sua rispidez (Figura 133).

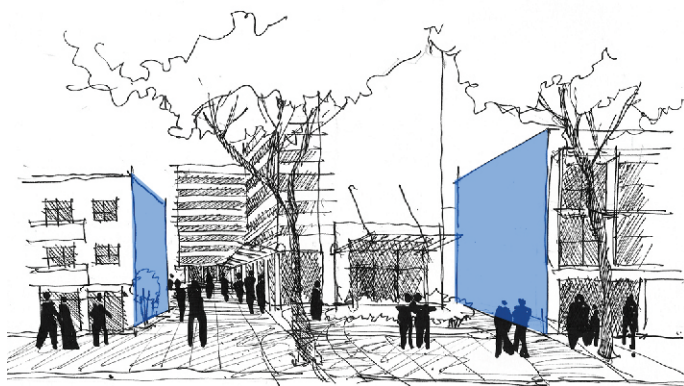


Figura 133. As empenas cegas dos edifícios vizinhos existentes ganham evidência pela falta de tratamento ou integração com os novos volumes edificados. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



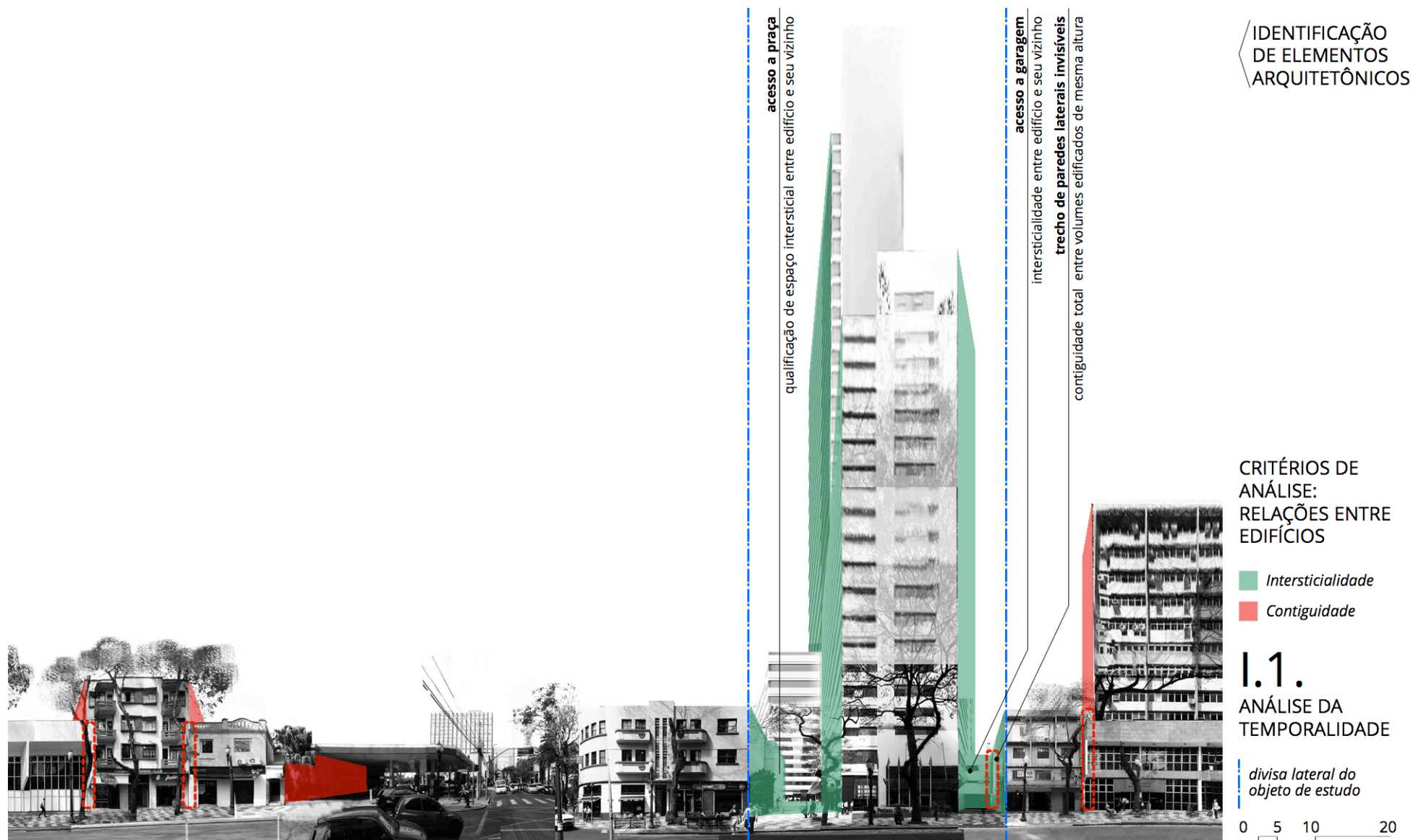


Figura 134. Corte urbano I. Análise da temporalidade: relação entre edifícios. Elaborado pelo autor, 2015.

## I.2. ANÁLISE DA TEMPORALIDADE: RELAÇÕES EDIFÍCIO / ESPAÇO URBANO

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE I, FIGURA 136)

### ENTORNO IMEDIATO

De maneira análoga ao que se pode apreender do corte H, o entorno observado analisado apresenta grande heterogeneidade nas formas com que os edifícios relacionam-se com o espaço urbano.

Percebe-se a ocorrência de grupos de edifícios de gabarito baixo, que traçam relação direta com a rua, cujas vitrinas e portas de acesso comunicam-se diretamente com esta, formando uma fachada contínua. A presença de uma estação de combustível, bem como a forma adotada para ocupação do lote objeto de estudo, promovem a quebra dessa continuidade (Figura 135).

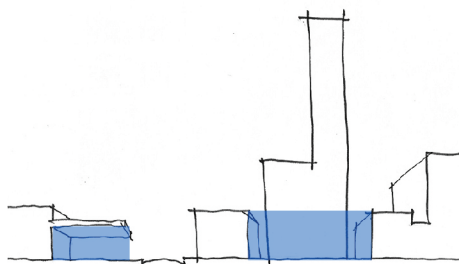


Figura 135. Pontos de descontinuidade na ocupação homogênea da quadra. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO

Observamos através do corte I que o *Evolution Towers* insere-se de modo indireto em relação à rua, guardando recuos frente ao alinhamento predial do lote. O espaço gerado pelo afastamento da torre, entre esta e a rua, une-se aos espaços intersticiais já mencionados, formando um espaço livre que ocupa toda a extensão do lote voltado para a Rua Comendador Araújo. Diversas formas de acesso às áreas do edifício ocorrem nesta frente.

A praça interna funciona como elemento de articulação, promovendo comunicação entre esta frente e a Avenida Brigadeiro Franco. O espaço ocupado pela praça recebe pavimentação em pedra portuguesa, a

mesma utilizada nos passeios. Os espelhos d'água, escadarias e rampas contrastam-se do piso da praça por receberem revestimento em placas de granito.

O revestimento das paredes e pilares do edifício no pavimento térreo em placas de granito preto diferencia-se da torre, revestida em pastilhas cerâmicas.

Apesar do envidraçamento quase total do fechamento do pavimento térreo, a comunicação exterior/interior fica minimizada devido à tonalidade escura do vidro.

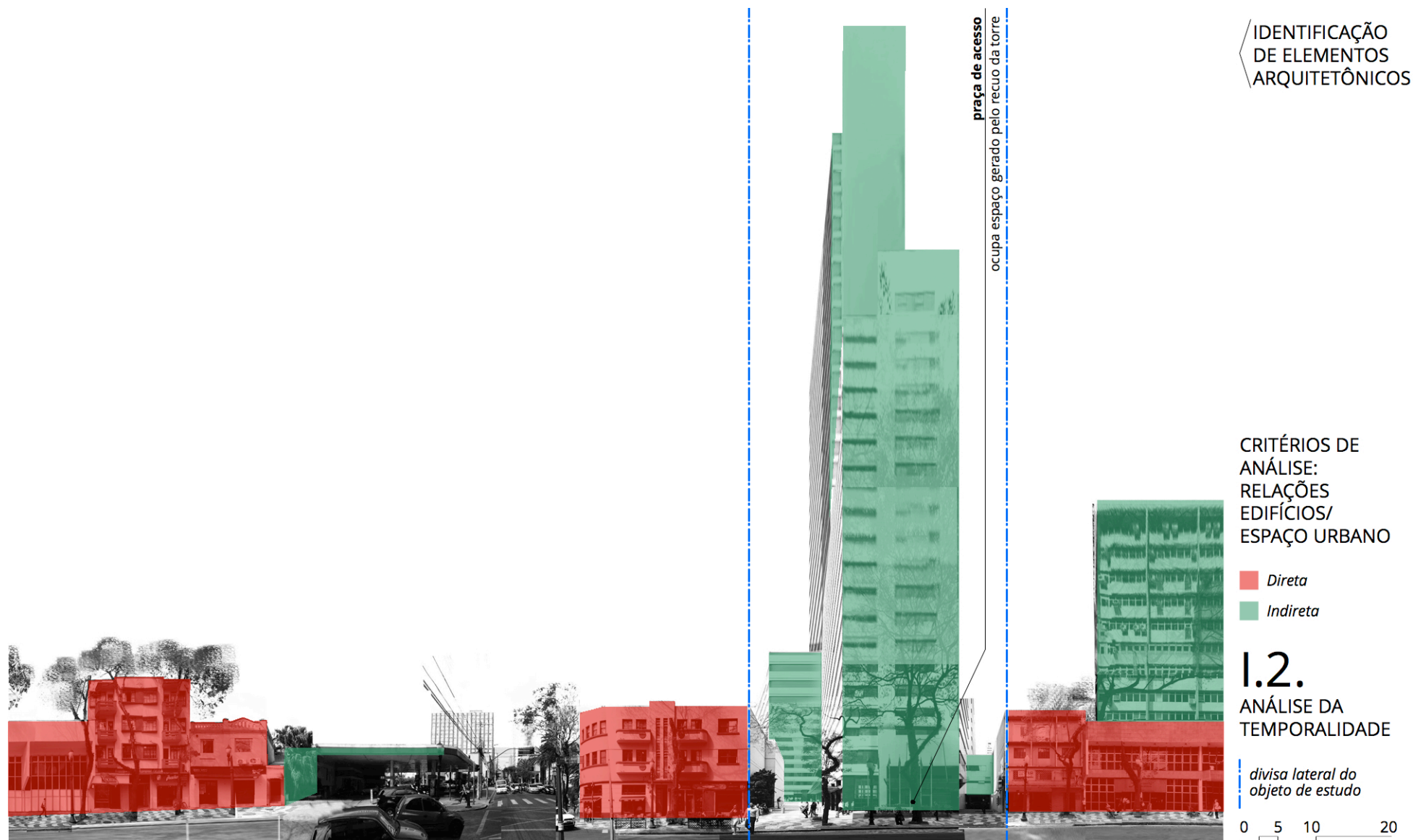


Figura 136. Corte urbano I. Análise da temporalidade: relação entre edifício e espaço urbano. Elaborado pelo autor, 2015.

### I.3. ANÁLISE DA DIVERSIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE I, FIGURA 138)

#### ENTORNO IMEDIATO

O entorno analisado do *Evolution Towers* apresenta grande diversidade de usos em seus diferentes edifícios. Uso habitacional nos pavimentos de duas torres de menor altura, empresarial na totalidade de um edifício e comércio e serviços ao nível do pavimento térreo.

Observa-se que o comércio de rua passa a ser qualificado, se comparado com aquele que se desenvolve no entorno dos demais edifícios estudados. Aparecem aqui charutarias, cafeterias, restaurantes *à la carte* entre outros.

#### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 137)

O *Evolution Towers*, igualmente ao *Universe Live Square*, caracteriza-se por um empreendimento de múltiplo uso, onde fica patente a diversidade no conjunto edificado. As alas do edifício abrigam usos de hotelaria e empresarial, ao passo que no pavimento térreo, desenvolvem-se atividades culturais e de eventos corporativos.

Não se identifica a presença de espaços de comércio e serviços em lojas, em qualquer parte do edifício. As áreas do pavimento térreo são ocupadas por espaços de circulação tanto abertos, no caso das praças de acesso como fechados, correspondentes à galeria que serve ao centro cultural, aos espaços de eventos e ao *hall* da ala empresarial.

As outras duas alas que se conjugam para formar o corpo de hotelaria têm acessos independentes através de áreas externas de circulação cobertas por marquises.



## PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- |  |  |
|--|--|
| <span style="color: blue;">■</span> Habitacional e hotelaria | <span style="color: pink;">■</span> Institucional e cívico |
| <span style="color: purple;">■</span> Empresarial            | <span style="color: yellow;">■</span> Lazer e estar        |
| <span style="color: green;">■</span> Comercial e serviços    | <span style="color: red;">■</span> Circulação e acesso     |

Figura 137. Planta esquemática do pavimento térreo do *Evolution Towers*. Análise da diversidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.



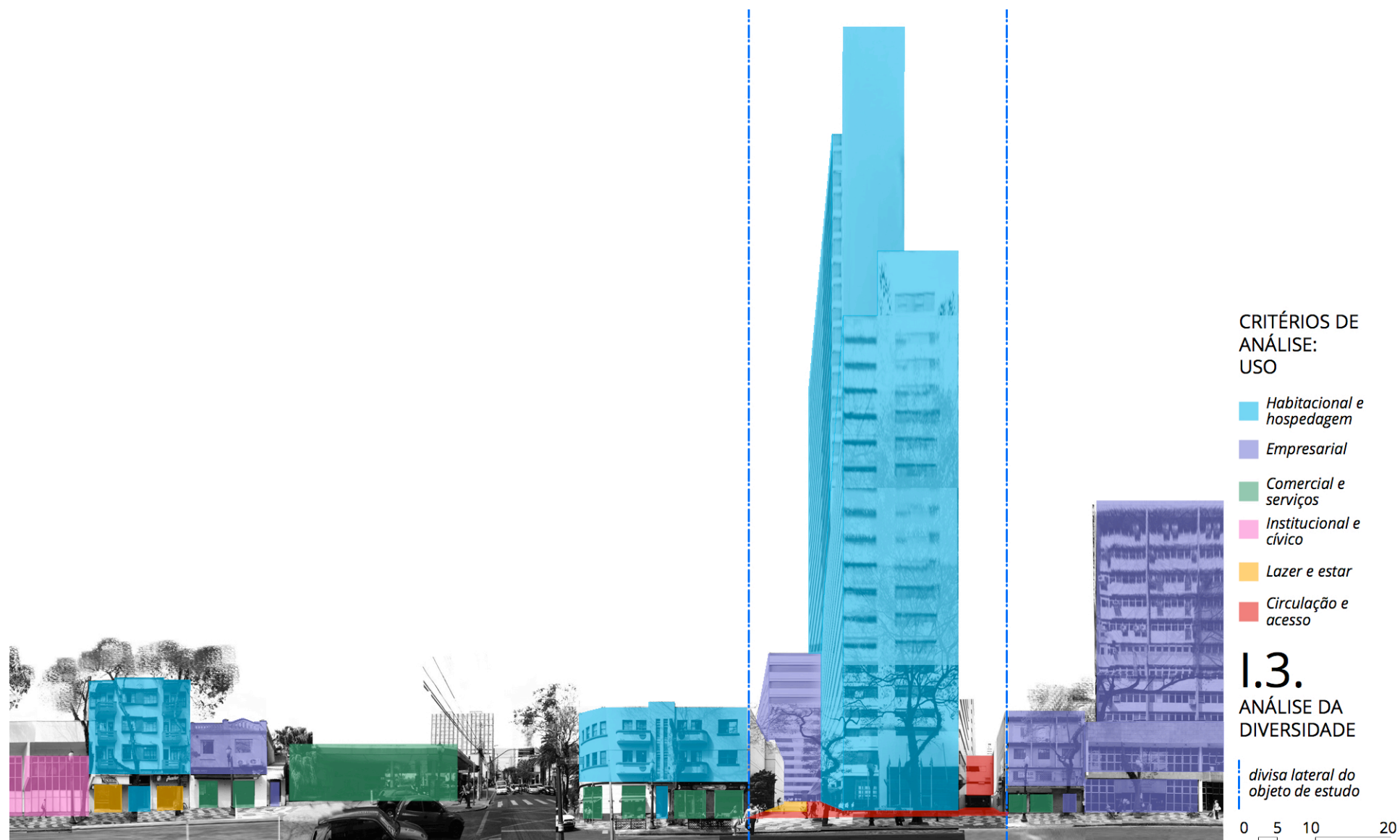


Figura 138. Corte urbano I. Análise da diversidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## I.4. ANÁLISE DA SIMULTANEIDADE

---

(VER ANÁLISE GRÁFICA EFETUADA NO CORTE I, FIGURA 140)

### ENTORNO IMEDIATO

O entorno representado no corte I não apresenta novidades no que toca a simultaneidade por concentrar edifícios com a configuração tradicional com pavimentos ocupados por áreas privados de uso restrito e pavimento térreo com lojas, caracterizadas como áreas privadas de uso comum.

### INSERÇÃO DO EDIFÍCIO (FIGURA 139)

A simultaneidade nos domínios público e privado dentre áreas definidas pelo edifício encontra espaço na grande praça que permeia o conjunto. Ela é o coração do empreendimento, por onde todos que dele se utilizam circulam e contemplam. Entretanto, infelizmente sua completude enquanto objeto urbano, carece de elementos importantes como dispositivos que proporcionem sombra e assentos, que caracterizariam ambientes de estar, como ocorre no *Universe Life Square*.

A grande vantagem aqui é que a praça constitui-se como uma extensão natural da rua, não apresentando desníveis ao menos ao tangenciar nosso eixo de estudo.

Os demais espaços de uso coletivo conjugam-se de maneira adequada de acordo com as naturezas de uso. A ampla galeria de acesso de uso coletivo controlado serve a diversos usos de maneira simultânea, setorizando os fluxos ao mesmo tempo que permite pequenas acumulações de pessoas.





## PAVIMENTO TÉRREO

0 5 10

- Áreas privadas de uso restrito
- Área privadas de uso comum
- Áreas de uso coletivo controlado
- Áreas abertas de uso coletivo

Figura 139. Planta esquemática do pavimento térreo do *Evolution Towers* Análise da simultaneidade. Croqui elaborado pelo autor, 2016.

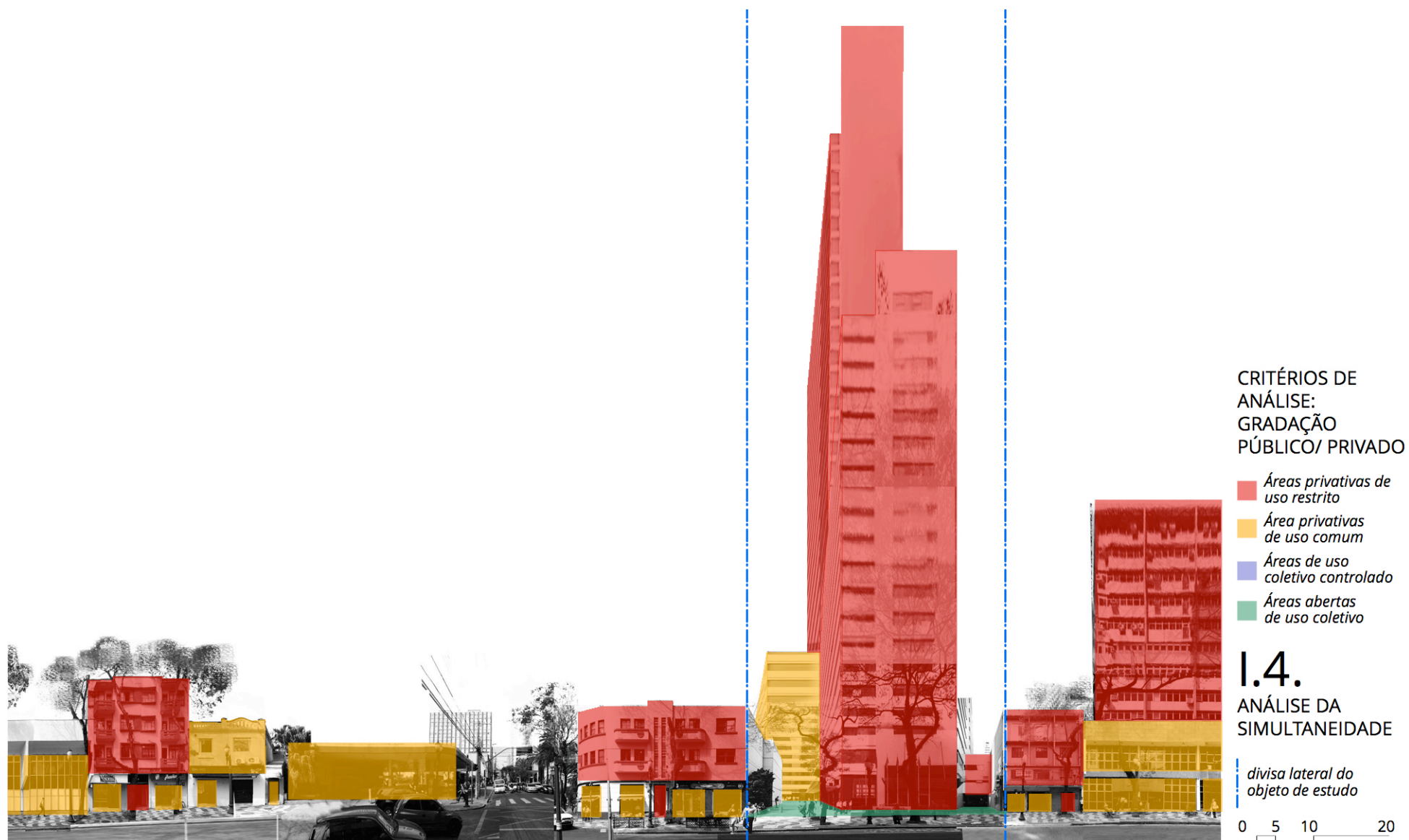


Figura 140. Corte urbano I. Análise da simultaneidade. Elaborado pelo autor, 2015.

## CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de conceitos e métodos em projeto urbano, realizado pela presente pesquisa, nos permitiu constatar sua universalidade e possibilidade de aplicação no contexto de uma cidade brasileira, diversa do contexto europeu, onde originalmente esse conhecimento e prática são mais correntes. Através da visão da inextricabilidade entre edifício e espaço urbano, pudemos clarificar a delimitação do campo de estudo do projeto urbano para nossos propósitos, bem como o papel que esta disciplina apresenta para o estudo da cidade.

O objeto de estudo constituído pelos nove edifícios selecionados apresentou-se como uma amostra adequada para identificação de um conjunto de características urbanas que edifícios podem apresentar, ao permitir que de suas análises fossem extraídos tópicos comuns e recorrentes apropriados a comparações e tomada de algumas conclusões válidas para os propósitos deste estudo.

O método de elaboração de cortes urbanos de cada um dos edifícios, mostrou-se como um instrumento satisfatório para ampla análise dos objetos, que já iniciou-se no momento dos trabalhos de campo. A elaboração das tomadas fotográficas para a montagem dos cortes urbanos<sup>4</sup> permitiu um registro fotográfico sequencial da forma urbana do entorno edificado compreendendo tanto as fachadas como as paredes laterais dos edifícios. Assim, o instrumento do corte urbano, confirma-se como uma ferramenta híbrida que ao mesmo tempo que preserva as relações de escala entre os edifícios, é capaz de representar sua tridimensionalidade.

---

<sup>4</sup> Seguindo a técnica que o artista norte-americano Edward Ruscha utilizou em suas obras fotográficas.

Adicionalmente, o corte urbano permitiu a materialização da análise através da delimitação de manchas identificadoras de cada um dos critérios estabelecidos. Essa informação gráfica ao ser superposta no corte urbano, mostrou-se como um instrumento de análise bastante objetivo e favorável para a descrição sequencial e elaboração dos croquis de apoio à análise.

A visão do todo, proporcionada pelo instrumento do corte urbano, permitiu enxergar cada edifício estudado como parte de um organismo maior, o que nos faz identificar os benefícios do método para evidenciar as características de urbanidade material. O uso de croquis foi fundamental para o esclarecimento de situações particulares, mostrando-se como um instrumento gráfico de grande poder para auxílio ao trabalho de análise.

Os atributos da urbanidade material conceitualmente explorados, associados aos critérios de análise estabelecidos por este trabalho mostraram-se adequados para uma ampla identificação de elementos que revelam características urbanas dos objetos de estudo.

A análise da temporalidade permitiu identificar elementos de articulação entre edifício o espaço urbano, confirmando o protagonismo do pavimento térreo como o local onde a união entre edifício e cidade se opera.

Da análise do entorno dos objetos de estudo, conclui-se que predominam relações diretas entre edifícios e espaço urbano, ou seja, as fachadas faceiam o alinhamento predial dos lotes que ocupam. Ao nível do pavimento térreo, as fachadas concentram vitrinas e acessos aos usos em sua maioria comerciais, denunciando a vocação do eixo de estudo Rua XV de Novembro – Rua Comendador Araújo.

O acesso aos andares superiores dos edifícios representados pelos cortes urbanos, ao localizar-se em sua

maior parte na fachada da rua, não raras vezes passam despercebidos, disputando interesse com as vitrinas.

Já os edifícios objeto de estudo apresentam elementos que promovem essa quebra da continuidade de fachada no pavimento térreo, como áreas recuadas, configurando pórticos ou praças de acesso. Esses elementos conferem evidência ao acesso dos edifícios, os diferenciando das vitrinas e portas das lojas e valorizando o uso dos pavimentos superiores.

Um elemento correntemente constatado no estudo são as empenas cegas, configuradas pelas paredes laterais de edifícios que ocupam a extensão total do lote. As empenas cegas evidenciam-se principalmente em edifícios de maior gabarito podendo constituírem-se em um elemento ruidoso da paisagem do entorno urbano. As empenas cegas identificadas no estudo parecem não ser tomadas como uma parte pertencente ao edifício, ao receberem tratamento superficial diferenciado das demais fachadas, geralmente mais simplificado e revestido com materiais menos nobres. As empenas cegas representam um resquício que torna evidente a postura do arquiteto em tomar o edifício projetado como um objeto alheio às características do entorno urbano.

As situações observadas nos edifícios da Procuradoria da República e *Universe Life Square*, onde constata-se a clara preocupação do arquiteto em promover o alinhamento de gabarito de partes de seus edifícios com os edifícios vizinhos, confere características urbanas aos exemplos, mostrando possibilidades de mitigação do problema que as empenas cegas podem gerar.

Traçados reguladores como o Plano Massa de Agache, implantado parcialmente em trecho da Rua XV de Novembro podem ser considerados tentativas de aportar aspectos de urbanidade a partir do edifício. Tal solução, especificamente neste estudo, mostra-se ineficaz por ignorar o atributo da

temporalidade, pois cada construção desenvolve-se em um tempo urbano. A permanência de determinados edifícios na cidade, por seu valor histórico ou cultural, acaba por constituir-se em barreira ao estabelecimento pleno desse tipo de regulação do traçado: a galeria coberta, configurada pelos edifícios, foi possível ser implantada apenas nos edifícios mais recentes, sendo descontinuada pela presença daqueles antigos que ali permaneceram até hoje.

Outra característica de articulação entre edifício e espaço urbano que promove a temporalidade diz respeito ao tratamento das superfícies horizontais, elementos analisados pelos croquis auxiliares, que complementam informações visuais que eventualmente não tenham sido registradas pelo corte. Os pisos das áreas de transição entre edifício e espaço urbano parecem mais adequados à articulação quando são propostos e detalhados no mesmo material e nível que o pavimento do espaço urbano. Além de promover um ponto de costura entre edifício e rua, esse artifício garante a acessibilidade universal sem a necessidade de construção de elementos de acesso especial, como rampas e plataformas elevatórias.

Por fim, outro elemento que pode concorrer para a temporalidade do edifício diz respeito ao tratamento das superfícies verticais, em seus detalhes arquitetônicos e escolha dos materiais de revestimentos. O estudo promoveu que constatássemos que a atenção a esta prerrogativa é unânime nos edifícios estudados, sendo mais evidente sua ocorrência no pavimento térreo.

Podemos constatar pelo presente estudo que a diversidade de usos se apresenta de modo unânime em diferentes graus nos edifícios analisados. O pavimento térreo parece ser o local organizador da diversidade, onde usos de comércio e serviços compartilham espaços com áreas de

circulação, estar e acesso a usos empresarial e residencial, situados nos demais pavimentos dos edifícios.

A diversidade de um edifício encontra meios de desenvolver-se em esquemas multifuncionais, visto que um único empreendimento pode abrigar qualidades diferentes de uso.

Dentre os edifícios analisados encontramos aqueles considerados pioneiros no esquema de multifuncionalidade de uso na capital paranaense. A proposta de abrigar múltiplos usos em um mesmo conjunto edificado, iniciada nos anos 50, permanece atual, impulsionando a tendência das atuais incorporações imobiliárias.

A simultaneidade de usos públicos e privados, configurando espaços de uso coletivo, por sua vez, não encontra lugar em todos os edifícios analisados. Ao constataremos que a sequência expositiva dos edifícios neste estudo coincide com a cronologia de idade dos mesmos, partindo do edifício da Procuradoria da República, construído em 1936, passado por edifícios construídos nos anos 50 a 70, culminando com dois exemplos já construídos neste século, observamos que o grau de simultaneidade evolui de maneira análoga.

Os espaços de uso coletivo nos exemplos mais antigos, apresentam-se restritos a remansos de acesso ou galerias de circulação em todos os exemplos anteriores à construção do *Universe Life Square* e do *Evolution Towers*, que dedicam grande parte de seus pavimentos térreos a áreas qualificadas de uso coletivo, constituindo espaços de estar e contemplação tanto para usuários dos edifícios como a transeuntes. O edifício cede espaço do pavimento térreo para áreas de uso coletivo, com características públicas, entretanto sobre solo privado. Não coube neste estudo avaliar a motivação para o projeto de tais áreas, que são incentivadas pelo Plano Diretor, e sim os benefícios proporcionados por sua existência. Os ambientes

aprazíveis e convidativos ao acesso e propícios ao estar existentes nesses edifícios parecem contribuir para o caráter urbano que estes apresentam.

Ao longo dos 60 anos que separam a construção do Galeria Lustosa e o *Universe Life Square*, percebe-se uma importante evolução da configuração do acesso aos usos dos pavimentos superiores dos edifícios de múltiplo uso. Outrora, o acesso aos usos das torres se dava diretamente através das galerias comerciais situadas no térreo. Portas de elevadores e acesso a escadarias privativas aos andares misturam-se com vitrinas de lojas e portas de espaços de serviços gerando conflitos de circulação e prejuízo à simultaneidade. O projeto do *Executive Center Everest*, surge como uma novidade dentre os objetos de estudo apresentados. Este dedica uma área específica no pavimento térreo para a transição entre público e privado, através de um saguão cujo controle de acesso faz a triagem ao uso empresarial que ocorre nos pavimentos superiores.

Constatamos que passeio proposto pelo presente estudo nos permitiu traçar uma linha evolutiva do papel urbano que o edifício toma em Curitiba nos últimos 80 anos, dentro do recorte proposto, ainda que esta constatação não tenha sido objetivada. O caráter urbano dos edifícios *a priori* selecionados pode ser apreciado em diferentes graus.

O método dos cortes urbanos se mostrou eficaz para o trabalho de análise na medida em que os cortes elaborados foram tomados ao longo do eixo de estudo. Entretanto, os objetos de estudo de esquina, ou que fazem frente para duas vias careceriam de complementação na confecção de cortes, caso desejasse uma análise de maior profundidade da inserção de cada um dos edifícios. Portanto, fica como recomendação de aprofundamento dos estudos aqui iniciados a análise de edifícios isolados, situados em



configurações de lote de esquina ou com frente para duas ou mais vias.

Por fim, podemos concluir que o instrumento de análise aplicado neste estudo, parece mostrar-se adequado como subsídio para novos projetos em situações similares àquelas apresentadas pelos objetos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, S. Gazeta do Povo. **Imóveis**, 7 set 2015.

Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/imoveis/galeria-tijucas-de-portas-abertas-ha-mais-de-cinco-decadas-9ojngo8vevrwxwd52yiqisu6u>>. Acesso em: 2015.

ALBERTI, R. Concurso Paviflex. **Revista AU - Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 86, 1999. 36-37.

ALMEIDA, M. **Da experiência ambiental ao projeto arquitetônico. Um estudo sobre o caminho da arquitetura**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2001.

AM Construções. **Empreendimentos**, 2014. Disponível em:

<[http://amconstrucoes.com.br/uploads/empreendimentos/4/empreendimento\\_66fdd](http://amconstrucoes.com.br/uploads/empreendimentos/4/empreendimento_66fdd)>. Acesso em: 15 ago 2014.

ANDO, T. Por novos horizontes na arquitetura. In: NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ATELIERS Jean Nouvel. **Agbar Tower**, 2016. Disponível em:

<<http://www.jeannouvel.com/en/desktop/home/#/en/desktop/projet/barcelona-spain-torre-agbar1>>. Acesso em: 9 mar 2016.

BLOG Click RBS. **Do Alto da XV até o Centro**, 2016.

Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/blog>>. Acesso em: 2016 mar 2016.

BUSQUETS, J. **Manuel de Solà-Morales, building and urban theory at the LUB**. The Vision of Manuel de Solà-Morales: Roots for a twenty first century urbanism. Harvard: Graduate School of Harvard. 2013.

CÂMARA Municipal de Curitiba. **Aconteceu**, 2016.

Disponível em:

<[https://www.cmc.pr.gov.br/img\\_aconteceu.php?arquivo=400&=true](https://www.cmc.pr.gov.br/img_aconteceu.php?arquivo=400&=true)>. Acesso em: 9 mar 2016.

CANARY Wharf Group PLC. **About us**, 2016. Disponível em: <<http://group.canarywharf.com/about-us/>>. Acesso em: 9 mar 2016.

CHING, F. D. K. **Representação gráfica em arquitetura**. Porto Alegre: Bookman Editora, 1996.

CURITIBA. **Conhecendo Curitiba**, 2015 c. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conhecendocuritiba/>>. Acesso em: 21 jun 2016.

CURITIBA. **Conhecendo Curitiba - Rua Comendador Araújo**, 2015a. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conhecendocuritiba/ruacomendadoraraujo>>. Acesso em: 2 ago 2015.

CURITIBA. **História**, 2015b. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-fundacao-e-nome-da-cidade/207>>. Acesso em: 15 ago 2015.

CURITIBA. **Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba**, 2016. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/fotos/album-aos-40-anos-calcadiao-da-xv-ainda-e-indutor-da-renovacao-urbana/15990>>. Acesso em: 9 mar 2016.

ENCONTROS e Desencontros. Direção: Sofia Coppola. Produção: Francis Ford Coppola. Intérpretes: Bill Murray e Scarlett Johansson. [S.l.]: Focus Features. 2003. 101 min. color. son.

FEHR, L. **Espaços livres conformados por edificações**. São Paulo: FAU-USP, 1999.

FERNANDES CASTILHO, J. R. Para uma definição do conceito de lote. **Revista Tópos**, 1, n. 2, 2013. 113-138.

FERREIRA, A. B. D. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. [S.l.]: Positivo informática, 2010. versão mobile.

FOSTER and Partners. **30 St. Mary Axe**, 2016. Disponível em: <<http://www.fosterandpartners.com/projects/30-st-mary-axe/>>. Acesso em: 9 mar 2016.

FREE Mages. **Pudong**, 2016. Disponível em: <<http://www.freemages.pt/browse/photo-1090-pudong-dobund.html>>. Acesso em: 9 mar 2016.

GALIANI, L. Caderno Haus. **Gazeta do Povo**, 14 abr 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/edificio-asa-moderno-pero-no-mucho/>>. Acesso em: 28 fev 2016.

GAZETA do Povo. **Nostalgia**, 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/coisas-da-rua-xv-23t3ddaljsmjests9uualiku>>. Acesso em: 9 mar 2016.

GNOATO, L. S. P. **Arquitetura do movimento moderno em Curitiba**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOLANDA, F. Urbanidade: arquitetura e social. **Anais do I ENANPARQ**, Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. **Censo 2010**, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 16 jun 2016.

IPPUC - Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba. **Análise dos bairros de Curitiba**, 2015a. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/mostrarPagina.php?pagina=131>>. Acesso em: 16 ago 2015.

IPPUC - Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba. **Mapas de bairros de Curitiba**, 2015b. Disponível em: <<http://ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=28&idioma=1&titulo=Mapas%20-%20Bairros%20de%20Curitiba>>. Acesso em: 20 set 2015.

KOHLSDORF, M. E. A apreensão da forma da cidade, Brasília, 1996.

KRAFTA, R. Impressões digitais da urbanidade. In: NETTO, V. M.; AGUIAR, D. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

LOLÔ Cornelsen. **Arquitetura**, 2014. Disponível em: <<http://www.lolocornelsen.com.br/arquitetura%20-%20agache%20e%20corbusier.htm>>. Acesso em: 16 jun 2016.

MAGROU, R. The glories of the architectural section. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 35, 2012.

MANUEL de Solà-Morales. **Projectes**, 2016. Disponível em: <<http://manueldesola-morales.com/projectes.htm>>. Acesso em: 17 jun 2016.

MARTINEZ, A. C. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora da UNB, 2000.

MARTINS, T. S. **Aproximaciones al Urbanismo de Agache en Curitiba**. Tese de Mestrado. Barcelona: Universidad Politécnica de Cataluña, 2000.

MONTANER, J. M. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

MOORE, G. T. Estudos de comportamento ambiental. In: CATANESE, A.; SNYDER, J. **Introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

NETTO, V. M.; KRAFTA, R. A. A forma urbana como problema de desempenho: o impacto de propriedades espaciais sobre o comportamento urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, 11, 2009. 157-182.

NOVAK, H. Os outros nomes do urbanismo: planejamento, projeto e desenho urbanos. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, 13, n. 14, Dezembro 2006. 127-146.

OLIVEIRA, V.; SILVA, M. Morpho: investigação morfológica e prática de planejamento. **Revista Morfologia Urbana**, Porto, 16 Setembro 2013.

PANERAI, P. et al. **Formas urbanas: a dissolução da quadra**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PARANÁ. **Secretaria do Estado da Cultura do Paraná - Coordenação do Patrimônio Cultural**, 2015. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>>. Acesso em: 10 out 2015.

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Cultura do Paraná - Coordenação do Patrimônio Cultural**, 2016. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=236>>. Acesso em: 9 mar 2016.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ROSSI Residencial. **Le Provence Jardim Europa**, 2016. Disponível em: <<http://www.rossiresidencial.com.br/imoveis-a-venda/sergipe/aracaju/jardins/le-provence-jardim-europa/607>>. Acesso em: 9 mar 2016.

RUSCHA, E. **Every building on he sunset strip**. [S.l.]: Publicado pelo autor, 1966.

RYKWERT, J. **A sedução do lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SINFONIE der Grosstadt. Direção: Walter Ruttmann. Produção: Karl Freund. [S.l.]: Deutsche Vereins-Film. 1927. DVD. 65 min. preto e branco. son.

SMETS, M. **Insights I gained from Manuel**. The vision of Manuel de Solà-Morales: Roots for a twenty first century urbanism. Harvard: Graduate School of Design, Harvard School. 2013.

SOLÀ-MORALES, M. **Las formas de crecimiento urbano**. Barcelona: Edicions UPC, 1997.

SOLÀ-MORALES, M. **De cosas urbanas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

TECNISA. **HUB**, 2014. Disponível em: <<http://www.tecnisa.com.br/imoveis/pr/curitiba/apartamento-s/hub-home/galeria>>. Acesso em: 20 set 2014.

THE J. Paul Getty Museum. **In Focus**: Ed Ruscha, 2013. Disponível em:

<[http://www.getty.edu/art/exhibitions/focus\\_ruscha/](http://www.getty.edu/art/exhibitions/focus_ruscha/)>. Acesso em: 23 set 2014.

ULTRAMARI, C.; ZAITTER, B. A. Grandes Projetos Urbanos. **Biblio 3G. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**, Barcelona, 5 Agosto 2010.

UNFRAMED. **Ruscha and Film**, 2016. Disponível em: <<https://unframed.lacma.org/2013/01/15/ruscha-and-film>>. Acesso em: 09 mar 2016.

URBANIZAÇÃO de Curitiba - URBS. **Rua 24 horas**, 2016. Disponível em: <<http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/comunidade/equipamento/rua-24-horas>>. Acesso em: 9 mar 2016.

VÉGAS, C. Paraná Online. **Em Destaque**, 2004. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/86484/>>. Acesso em: 2 ago 2015.

VINCENT Borelli. **Rare & Contemporary Photography Books**, 2015. Disponível em: <<http://www.vincentborrelli.com/pages/books/112094/ed-ruscha-edward/ed-ruscha-every-building-on-the-sunset-strip-second-printing>>. Acesso em: 8 mar 2016.

ZAPATEL, J. A. **Barcelona**: transformação urbanística (1979-1992). Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.